

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

CAROLINA CORREIA MACHADO

**BORJA REIS, DISCURSO E IMPRENSA:
ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS
EMPREGADAS EM *O PROGRESSO/DIÁRIO DOS CAMPOS*
EM PONTA GROSSA-PR**

Ponta Grossa

2017

CAROLINA CORREIA MACHADO

**BORJA REIS, DISCURSO E IMPRENSA:
ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS
EMPREGADAS EM *O PROGRESSO/DIÁRIO DOS CAMPOS*
EM PONTA GROSSA-PR**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Subjetividade, Texto e Ensino. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andréa Correa Paraíso Müller

Ponta Grossa

2017

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

M149 Machado, Carolina Correia
Borja Reis, discurso e imprensa:
estratégias discursivas empregadas em O
Progresso/Diário Dos Campos em Ponta
Grossa-PR/ Carolina Correia Machado. Ponta
Grossa, 2017.
126f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da
Linguagem - Área de Concentração:
Linguagem, Identidade e Subjetividade),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientadora: Prof^a Dr^a Andréa Correa
Paraíso Müller.

1.Imprensa. 2.Análise do discurso.
3.História. I.Müller, Andréa Correa
Paraíso. II. Universidade Estadual de
Ponta Grossa. Mestrado em Estudos da
Linguagem. III. T.

CDD: 410

CAROLINA CORREIA MACHADO

**BORJA REIS, DISCURSO E IMPRENSA:
ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS
EMPREGADAS EM *O PROGRESSO/DIÁRIO DOS CAMPOS*
EM PONTA GROSSA-PR**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa junto ao programa de Pós
Graduação Stricto Sensu em Estudos da Linguagem como requisito parcial de
avaliação para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem

Ponta Grossa, 26 de Setembro de 2017

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Cláudia Helena Daher, UFPR

Doutora pela UFPR – Université Grenoble Alpes, Curitiba, Brasil –
Grenoble, França

Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves, UEPG

Doutor pela UFPR – Curitiba, Brasil

Prof.^a Dr.^a Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh , UEPG

Doutora pela UNICAMP – Campinas, Brasil

Prof.^a Dr.^a Andréa Correa Paraíso Müller, UEPG

Doutora pela UNICAMP – Campinas, Brasil

Agradecimentos

Esse trabalho simboliza a conclusão de uma fase e o início de outra. Durante esse tempo de estudo e crescimento, muitas pessoas me auxiliaram e tenho muito a agradecer.

Primeiramente a Deus, que permitiu a realização dessa pesquisa e me conduziu nessa caminhada.

Agradeço à minha família por todo o apoio, em especial à minha mãe, pelo carinho e suporte.

Ao Luis Henrique, amor com quem divido a vida, por toda compreensão e companheirismo.

Aos meus amigos, entre eles, Luciana, amiga do coração, com quem embarquei nessa estrada. José, amigo querido com quem dividi muitos momentos da pesquisa.

É importante registrar meu agradecimento aos professores mais próximos que tive na graduação, sem os quais, estar cursando a pós-graduação seria muito mais difícil, Prof.^a Elódia, Prof. Marcos e Prof.^a Rita.

Agradeço especialmente à Prof.^a Luísa que me falou sobre *O Progresso*, sem essa informação, este trabalho não seria possível.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Andréa Correa Paraíso Müller, pela paciência, dedicação, empenho e direcionamentos realizados.

*Os céus manifestam a glória
de Deus e o firmamento
anuncia a obra das tuas mãos.
Um dia faz declaração a outro dia, e
uma noite mostra sabedoria a outra noite.
Sem linguagem, sem fala, ouvem-se
as suas vozes
em toda a extensão da terra, e
as suas palavras, até o fim do mundo.*

Livro de Salmos 19:1-4 (parte a)

RESUMO

Este trabalho foi realizado com o intuito de estudar o discurso do jornalista Hugo Mendes de Borja Reis, no jornal *O Progresso*. O jornal se constituiu como fonte primária e nosso acesso ao material se deu por meio digitalizado. Analisamos, com ferramentas de tendências de Análise de Discurso francesa, como a imprensa era concebida e defendida por esse jornalista. Trabalhamos com textos escritos desde 1909 a 1914. Os principais teóricos que fundamentaram a análise foram Dominique Maingueneau (1997, 2008) e Authier-Revuz (1998). Buscamos compreender as concepções acerca da imprensa do jornalista que viveu no início do século XX e como se deu a construção de seu *ethos* discursivo. O jornal foi fundado em Ponta Grossa, no Paraná.

Palavras-chaves: Imprensa, Análise do Discurso, História

ABSTRACT

This work was carried out with the purpose of studying the speech of the journalist Hugo Mendes de Borja Reis, in the newspaper O Progresso. The newspaper was constituted as a primary source and our access to the material was by digital means. We analyzed, with tools of French Speech Analysis trends, how the press was conceived and defended by this journalist. We worked with written texts from 1909 to 1914. The main theorists who founded the analysis were Dominique Maingueneau (1997, 2008) and Authier-Revuz (1998). We sought to understand the conceptions about the press of the journalist who lived in the early twentieth century and how the construction of his discursive ethos took place. The newspaper was founded in Ponta Grossa, Paraná.

Keywords: Press, Discourse Analysis, History

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Imagem de texto publicado em 28 de Março de 1913.....	39
Figura 2 Imagem de texto publicado em 2 de Junho de 1913.....	42
Figura 3 Imagem de Hugo Mendes Borja Reis.	50
Figura 4 Cópia de título de eleitor de Borja Reis.....	52
Figura 5 Cópia da Revista Social de Espiritismo.....	53
Figura 6 Cópia de artigo de Borja Reis publicado na Revista Social de Espiritismo.....	54
Figura 7 Imagem de texto publicado em 15 de Maio de 1913.....	56
Figura 8 Imagem de texto publicado em 08 de Junho de 1909.....	73
Figura 9 Imagem de texto publicado em 03 de Outubro de 1912.....	85
Figura 10 Imagem de texto publicado em 30 de Julho de 1914.....	93
Figura 11 Imagem de texto publicado em 29 de Julho de 1914.....	95
Figura 12 Imagem de texto publicado em 01 de Agosto de 1914.....	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
PARTE I.....	15
1 O CONTEXTO DA IMPRENSA NO BRASIL E <i>O PROGRESSO</i>	16
2 PONTA GROSSA E <i>O PROGRESSO</i>	35
3 BORJA REIS EM <i>O PROGRESSO</i>	40
4 VIDA DE HUGO MENDES DE BORJA REIS.....	50
PARTE II.....	65
1 ANÁLISE DE TEXTOS - FERRAMENTAS TEÓRICAS UTILIZADAS.....	66
2 CHRONICA.....	76
3 PELA SEXTA VEZ.....	88
4 OBRIGADO MEU POVO.....	96
5 MESA DA REDAÇÃO.....	108
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	124

INTRODUÇÃO

Nosso propósito com este trabalho é estudar como um jornalista, numa cidade de interior do Brasil, no início do século XX, concebia o que era a imprensa em seu discurso. Naquele momento, eram os jornais e os livros que faziam com que as informações e os discursos circulassem. Nosso objeto de estudo é composto de textos de Hugo Mendes de Borja Reis, publicados em *O Progresso*. Podemos entender que não são somente textos, é o discurso que está embutido e que foi elaborado por meio da linguagem. Cada palavra empregada pelo autor é uma chave para que possamos acessar o discurso de Borja Reis. O acesso jamais será completo, mas nos utilizando de ferramentas da Análise do Discurso de Linha Francesa, poderemos deduzir quais eram as raízes de sua escrita, seu *ethos*, suas metáforas e suas tentativas de expor e construir a sua discursividade e a de seu leitor.

A imprensa em Ponta Grossa – cidade situada no interior do Paraná – demorou para firmar-se. Desde os primeiros periódicos que foram publicados, sempre houve muita perseguição das elites locais, como será desenvolvido no decorrer deste texto. O primeiro jornal cujo ano da primeira publicação se conhece é *Os Campos Gerais*, de 1890 (HOLZMANN, 2004, p.261-262).

Ponta Grossa é chamada a “Princesa dos Campos Gerais”, cidade que se desenvolveu nesta região paranaense, depois de ter sido desmembrada do município de Castro, cidade da qual era distrito. Foi elevada à condição de freguesia no dia 15 de setembro de 1826.

A Princesa dos Campos Gerais mostrava, desde a sua fundação, indícios de que cresceria economicamente e socialmente. Por meio da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, muitos imigrantes e migrantes traziam, além de costumes diferentes, ideias e concepções de mundo alternativas, pensamentos que iam de encontro ao poder estabelecido pelas oligarquias que queriam manter a sua ordem.

Desde o fim do século XIX, nas tentativas de estabelecer a imprensa na região por meio de jornais e folhetos, crescia o interesse em informação e cultura, com folhetos que tratavam de política e literatura (HOLZMANN, 2004).

O Progresso, periódico objeto deste estudo, foi fundado em 1906, pelo empresário descendente de russos, Jacob Holzmann, na busca de imprimir o progresso não somente econômico e social da cidade, mas intelectual também. Segundo Epaminondas Holzmann, seu filho, este foi o intuito de denominar o periódico assim (HOLZMANN, 2004, p.264).

Nossa pesquisa tem como foco o discurso de um jornalista que contribuiu bastante para o fortalecimento da imprensa nos Campos Gerais: Hugo Mendes de Borja Reis. Os seus textos e seu trabalho contribuíram grandemente para a fundação de uma cultura de imprensa na cidade. Borja Reis trazia notícias e discussões sobre política nacional e local, análises sobre a sociedade da época – início do século XX – e conceitos sobre a função da imprensa.

Nossa fonte é o jornal *O Progresso/Diário dos Campos*, digitalizado e arquivado na Casa da Memória, em Ponta Grossa. Nossa consulta foi feita sobre o período no qual o jornalista escreveu no periódico, de 1909 a 1924.

Para podermos contextualizar o leitor quanto ao histórico do jornal *O Progresso* – que a partir de 1913 passou a ser denominado *Diário dos Campos* – e da vida de Borja Reis, utilizamos as informações contidas no livro *Diário dos Campos: memórias de um jornal centenário* (2007), escrito por Alessandra Perrinchelli Bucholdz, que é um romance histórico, do qual pudemos retirar muitas informações, apesar da ficcionalização da história do jornal.

Também tomamos como aporte de dados o livro de memórias *Cinco Histórias Convergentes*, de Epaminondas Holzmann (2004), filho de Jacob Holzmann, fundador de *O Progresso*. Neste livro estão narradas histórias acerca de cinco personagens importantes para a história de Ponta Grossa, um deles é o jornalista Borja Reis. O livro *Cinco Histórias Convergentes* (2004) traz uma narrativa sobre a fundação de *O Progresso* e a chegada de Hugo Mendes de Borja Reis à cidade e todas as situações vividas no periódico. Não é um livro de história, mas de memórias e se constitui como importante documento sobre o desenvolvimento da imprensa nos Campos Gerais.

Outra livro utilizado é *Espaço e Cultura*, organizado por Carmencita de Holleben Mello Ditzel e Cicilian Luiza Löwen Sahr, uma coletânea de artigos sobre a constituição social da cidade de Ponta Grossa. Nessa coletânea consultamos principalmente o artigo “*A Cidade Civilizada*”: cultura, lazer e sociabilidade em Ponta Grossa no início do século XX. (2001), texto elaborado pelo professor Niltonci Batista Chaves, historiador e professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Outro documento importante para esta pesquisa foi *Os Trabalhadores da Primeira Hora* (2011), livro confeccionado por Fábio Maurício Holzmann Maia, neto de Jacob Holzmann e também historiador. Neste livro obtivemos informações sobre a história do Espiritismo em Ponta Grossa. Borja Reis foi o precursor desta doutrina na cidade, sendo muito engajado na propagação de sua fé e em obras sociais.

Jornalista que veio para Ponta Grossa no fim de 1908, por motivos de saúde, chegou com sua madrasta e três irmãos. Tinha 23 anos de idade quando veio de São Paulo. Para se estabelecer na cidade, procurou Jacob Holzmann para poder anunciar propagandas no Jornal *O Progresso* – por meio de um escritório de representações que tinha montado – e, depois de uma conversa na qual contou sobre sua vida e suas experiências com imprensa na cidade de São Paulo, foi contratado para trabalhar como redator literário do periódico (BUCHOLDZ, 2007, p. 32).

Os temas mais recorrentes nos textos de Borja Reis – ou Hugo Reis, como também assinava – são referentes à política local e nacional, injustiças sociais, o povo e a imprensa. Dada a extensão do corpus, nossa pesquisa se concentrou em analisar textos referentes a suas concepções sobre a imprensa.

O jornalista escreveu de 1909 a 1924. Houve várias saídas e retornos ao jornal. Escreveu em outros periódicos, pelo menos três fundados por ele: *A Vedeta* – em parceria com Vicente Postiglioni -, *Correio dos Campos* e *O Comércio* (HOLZMANN, 2004).

Borja Reis foi um dos jornalistas essenciais para que, em 1909, a imprensa em Ponta Grossa pudesse fincar suas raízes. Sua escrita, suas opiniões e posicionamentos políticos movimentavam a intelectualidade na cidade, que, apesar de situar-se no interior, tinha na ferrovia a ligação com grande parte do Brasil, ou seja, Ponta Grossa não era uma cidade isolada do resto do país.

O desenvolvimento econômico e social clamava também por uma imprensa forte (SODRÉ, 1998; HOLZMANN, 2004). Borja Reis fez com que o jornal *O Progresso* se firmasse como o veículo de comunicação mais importante do início do século XX em Ponta Grossa. Além disso, esse jornalista elaborou um estilo de escrita próprio e fazia um discurso reivindicador de políticas que auxiliassem ao desenvolvimento da população da época.

Como nosso objetivo é analisar o discurso de Borja Reis sobre a imprensa, utilizamos, para tanto, ferramentas que a Análise do Discurso de Linha Francesa disponibiliza, por meio de conceitos sobre Heterogeneidade Marcada, Citações, Máximas Filosóficas, *Ethos* Discursivo, entre outros. Os principais autores nos quais nos fundamentamos foram Dominique Maingueneau (1997, 2008), Authier-Revuz (1992), Eni P. Orlandi (2015).

Os textos de Borja Reis foram selecionados de um arquivo presente na Casa da Memória Paraná, local onde estão digitalizados os exemplares de *O Progresso* e *Diário dos Campos*. Esse local foi construído em 1894 para servir como Estação de Passageiros de Ponta Grossa; com a desativação da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, o prédio foi tombado pela

Coordenadoria do Patrimônio Cultural e Artístico do Paraná. Em 1990 a prefeitura de Ponta Grossa adquiriu o prédio; em 1993 foram iniciados os restauros e, em 1995, foi inaugurada no local a Casa da Memória Paraná.

Os textos estão divididos em pastas por ano e semestre, posição na qual foram capturadas as imagens. O arquivo data de 1909 a 1924, ano em que Borja Reis escreveu pela última vez no agora denominado *Diário dos Campos*.

A partir dos textos em arquivos digitais, os textos foram transcritos, datados de 08 de junho de 1906 a 12 de agosto de 1909, além de ter feito a transcrição dos textos específicos desta pesquisa, que tratam da imprensa. Foram lidos os textos de 1909 a 1924 e catalogados por assunto os textos de 1909 a 1913.

Dividimos a dissertação em duas partes. A primeira parte deste trabalho trata do histórico de Ponta Grossa, de *O Progresso* e de Hugo Mendes de Borja Reis. Nela situamos contextualmente os textos de Borja Reis, abordamos como era a cidade e o seu desenvolvimento, fatores que influenciaram muito a escrita do jornalista e o papel da imprensa naquele momento.

Na segunda parte, iniciamos a análise dos textos, com uma introdução da fundamentação teórica, fundamentos e parâmetros de análise que nos auxiliaram na pesquisa. Em seguida iniciamos a análise de cada texto em um capítulo.

Quatro textos que tratam sobre a imprensa e a representação que Borja Reis fazia de si foram estudados: *Chronica*, *Pela Sexta Vez*, *Obrigado meu Povo* e *Mesa da Redação*. Cada um desses textos trabalha com a temática imprensa de maneira diferente.

No texto *Chronica*, Borja Reis elaborou uma crônica com base em dois textos literários de Victor Hugo e Julio Verne. Nesse artigo o jornalista contrapõe dois personagens: Javert e Gedeon Spilett e relaciona a temática da polícia com a imprensa.

O texto *Pela Sexta Vez* se refere a um dos muitos retornos que Borja Reis fez ao periódico. Por questões financeiras teve que tentar trabalhar em outros ramos, no entanto, nunca ficou muito tempo longe do jornal. Nesse texto ele conceituou o que era imprensa, sendo importante para a nossa análise e compreensão.

O texto *Obrigado meu Povo* é um agradecimento à homenagem recebida em edição anterior do jornal. Um de seus colegas escreveu um texto descrevendo a importância de Borja Reis para a imprensa em Ponta Grossa e o homenageado fez um texto resposta, no qual descreveu a sua função como jornalista.

No último texto estudado, *Mesa da Redação*, Borja Reis construiu um texto teatral para descrever a redação do jornal. Nesse escrito, o jornalista discutiu questões sobre a ideia e o jornal, filiou-se a uma linha teórica de pensamento e trouxe mais informações acerca de seu arcabouço de leitura. Além de associar a redação do jornal ao teatro e, com isso, a todos elementos que o compõem.

Nas considerações finais abordamos a importância de uma figura complexa como Borja Reis na imprensa de Ponta Grossa e quais as reflexões que podemos fazer a partir de sua escrita, de suas concepções de imprensa e do seu papel como jornalista.

PARTE I

1 O CONTEXTO DA IMPRENSA NO BRASIL E O PROGRESSO

Consideramos importante fazer um percurso sobre a história da imprensa no Brasil, para podermos compreender melhor como os textos de Borja Reis estavam alinhados a uma maneira de se fazer jornalismo, que era comum no século XIX e início do século XX.

Hugo Mendes de Borja Reis fazia um jornalismo combativo, idealista e missionário. Para podermos compreender de onde vem o seu estilo, precisamos conhecer como se desenvolveu a imprensa no Brasil, no século XIX.

Sodré (1998) aponta que os lugares no mundo onde a imprensa se desenvolveu foram locais onde o capitalismo se desenvolveu, ou seja, a imprensa está intimamente ligada ao desenvolvimento econômico de um lugar. Característica que será importante para compreendermos também o estabelecimento da imprensa em Ponta Grossa.

De acordo com Sodré (1998), onde houver capitalismo, haverá uma burguesia que defenderá seus interesses diante do poder público instituído. Os interesses da burguesia, conforme Sodré (1998), alimentam a necessidade de que haja a voz da imprensa para expor e defender as necessidades da população mas também do comércio e da indústria. Entendemos que as relações sociais são muito complexas para se poder encaixar as atividades dessa maneira, porém partimos de Sodré (1998) para elaborarmos uma reflexão acerca da atividade da imprensa nos Campos Gerais.

Morel (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 25) afirma que é um engano imaginar que a fundação da imprensa no Brasil, no início do século XIX, se deu num "vazio cultural"; já havia no Brasil um contexto repleto de redes complexas de informação.

Ou seja, o periodismo pretendia, também, marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais. A circulação de palavras – faladas, manuscritas ou impressas – não se fechava em fronteiras sociais e perpassavam amplos setores da sociedade que se tornaria brasileira, não ficava estancado a um círculo de letrados, embora estes, também tocados por contradições e diferenças, detivessem o poder de produção e leitura direta da imprensa (MOREL in MARTINS & LUCA, 2015, p. 25).

Apesar de a imprensa ser oficialmente proibida no início do século XIX, o primeiro jornal do Brasil nasceu na Inglaterra, fundado por Hipólito da Costa. Este, segundo Lustosa (2003), nasceu em 1764 na Cisplatina – que posteriormente se tornou o Uruguai –, formou-se em Coimbra em 1794 e, posteriormente, foi para os Estados Unidos durante dois anos em

missão de espionagem dos avanços tecnológicos para o Governo Português.

Em seu diário, Hipólito da Costa demonstrou sua admiração pelas instituições daquele país. Lá já havia imprensa livre e democracia. Já no Brasil, segundo ele, havia atraso, uma aristocracia tacanha, o povo vivendo sob o regime da Inquisição (LUSTOSA, 2003, p. 10).

Em 1800, Hipólito da Costa voltou para Lisboa e se tornou funcionário da Imprensa Régia, que publicava livros de técnica e economia. Concomitantemente, envolveu-se com a maçonaria portuguesa e, dois anos depois, com a maçonaria inglesa, que também tinha como um dos membros o filho do rei George III.

Mas, descobrindo a corte portuguesa sua relação com a maçonaria, Hipólito da Costa foi preso e somente conseguiu sair em 1805, após fugir para a Inglaterra. Lá, ele trabalhou como professor de Português e tradutor. Porém, em 1808, com a vinda da Família Real, ele veio para o Brasil, pois era a sua chance de fazer imprensa (LUSTOSA, 2003, p. 13).

O *Correio Brasiliense* foi o jornal fundado por Hipólito da Costa. Tinha formato de livro e era editado e publicado na Inglaterra. Cada número tinha por volta de 100 páginas e tinha divisões em cinco sessões: política, comércio, artes, literatura, ciências, miscelânea e correspondência. Segundo Lustosa (2003), Hipólito da Costa, dentro da miscelânea, escrevia "Reflexões sobre as novidades do mês", onde colocava suas posições políticas e seus projetos para o Brasil.

O *Correio Brasiliense* foi publicado até o evento da Independência do Brasil; após o desligamento entre Brasil e Portugal, o jornalista considerou que sua missão havia terminado.

Com a permissão da Coroa Portuguesa para a instalação da imprensa, o primeiro jornal a ser publicado em nosso país foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, no ano de 1808. Suas páginas eram uma espécie de "folha oficial onde se publicavam os decretos e os fatos relacionados com a família real." (LUSTOSA, 2003, p.20). Até 1821, foi o único jornal oficial local ao qual a população teve acesso.

Segundo Morel (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 26), a partir de 1831 surgiram vários jornais de cunho político no Brasil. Eram grupos de pessoas que pensavam de alguma forma o país, defendendo e divulgando posições políticas. É importante tentarmos nos aproximar do que seria aquele contexto de um país recém independente, com a população ávida por ter voz, por se expressar e ler textos que tratassem do país, não somente o que o Império permitisse que fosse divulgado oficialmente.

Uma questão importante que surgiu no Brasil no início do século XIX e que terá reflexos nos textos de Borja Reis é a opinião pública. Morel (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 33)

explica que "a opinião pública era um recurso para legitimar posições políticas e um instrumento simbólico que visava transformar algumas demandas setoriais numa vontade geral." Neste contexto podemos ter, a partir de Morel (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 33, 34), duas perspectivas sobre a opinião pública. A primeira dá conta de uma opinião considerada "rainha do mundo" (MOREL in MARTINS & LUCA, 2015, p. 33,34), ou seja, era a expressão do pensamento de letrados e enciclopedistas. A segunda perspectiva representa a vontade do povo, sob uma visão mais jacobina, revolucionária, fazendo um tipo de jornalismo panfletário.

O redator panfletário era o responsável por um determinado panfleto. Morel (in MARTINS & LUCA, 2015) descreve que ele deveria ser:

(...) homem de letras, em geral visto como portador de uma missão ao mesmo tempo política e pedagógica. É o tipo do escritor patriota, difusor de ideias e pelejador de embates e que achava terreno fértil para atuar numa época repleta de transformações (MOREL in MARTINS & LUCA, 2015, p. 35).

Destacamos as características de um redator panfletário, pois encontramos essas características na escrita de Borja Reis. Ele escrevia sobre política e economia, tinha ideais políticos e os expressava e ensinava por meio de seus textos. Segundo Morel (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 36), "a maioria dos homens de letras dessa geração (início do século XIX) escrevia no chamado estilo panfletário." Isto confirma as referências de imprensa para Borja Reis.

Outra característica sobre o início da imprensa no Brasil e que estava presente em Reis era a sua disposição em escrever sobre questões locais, nacionais e internacionais como pertencentes a um todo:

Nessa primeira geração da imprensa brasileira não havia incompatibilidade entre o local, o nacional e internacional, nem entre as dimensões opinativas e informativas: o cotidiano e questões locais misturavam-se com discussões doutrinárias dos rumos que o Estado e a nação deveriam tomar, ao lado de notícias nacionais, internacionais e interprovinciais (MOREL in MARTINS & LUCA, 2015, p. 36).

Sem divisões entre o centro e a periferia, colocando o leitor de *O Progresso* dentro do mundo, não somente circunscrito aos Campos Gerais. Esta é uma característica importante, pois os textos de Borja Reis são os primeiros em um jornal de grande circulação na região dos Campos Gerais que apresentavam uma preocupação em abordar e discutir o que não era somente de interesse local. Constatamos isso quando lemos um texto no qual ele faz campanha contra a eleição de Hermes da Fonseca para a presidência da República:

BLOCO ANTI-HERMISTA

Consta-nos que se constituirá entre nós uma poderosa agremiação política, sem caráter partidário, afim de combater a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca à presidência da República.

Efetivamente o movimento anti-hermista em todo o país deixou de focar-se no Estado de S. Paulo e vai-se estendendo por toda a República.

A opinião pública manifesta-se quer pelas páginas de muitos e conceituados órgãos da imprensa patricia, quer pela veemência dos protestos públicos nos *meetings* e conferências.

Corporações respeitáveis do comércio nacional têm-se declarado contrárias à candidatura militar. O mundo financeiro europeu recebeu também mal o nome de Marechal Hermes da Fonseca, que nenhuma cotação tem nos círculos da alta finança.

A propaganda pró e contra tal candidatura ferve de veemência em toda nação (REIS, 1909).

Sem levar em conta a distância da capital federal da época, ou de São Paulo – apesar da ligação por via férrea – Borja Reis discutia assuntos de âmbito nacional e chamava a população para assuntos políticos, que, mesmo distantes, iriam influenciar a cidade.

Não obtivemos sucesso na busca de dados sobre a taxa de alfabetização da população de Ponta Grossa no início do século XX, no entanto, Morel (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 36) afirma que, no século XIX, "a alfabetização era escassa, mas o rótulo de 'elitismo' para a imprensa que surgia deve ser visto com cautela. Mesmo no Brasil escravista havia cruzamentos e intersecções entre as expressões orais e escritas, entre as culturas letradas e iletradas."

Depois da Independência do Brasil surgiram muitos periódicos por todo o país, a maioria deles com uma posição política muito bem demarcada. Temos como exemplo *Aurora Fluminense* (1827-1839), editado por Evaristo da Veiga, com críticas ao império. O republicano e posteriormente socialista *O Republico*, na responsabilidade de Antonio Borges da Fonseca, no qual havia a tentativa de se escrever de maneira a desenvolver uma língua brasileira, sem as influências do português europeu (MOREL in MARTINS & LUCA, 2015, p. 40). São inúmeros os periódicos que surgiram com um discurso de posição contrária ao Império.

Naquela época, a imprensa que se fazia era artesanal e política (MOREL in MARTINS & LUCA, 2015, p. 41). A administração do jornal como uma empresa foi surgindo aos poucos durante o século XIX, quando os anúncios foram pouco a pouco ganhando espaço, e a preocupação em vender cada vez mais também.

Borja Reis começou a trabalhar em *O Progresso* justamente para comprar espaços para colocar anúncios de comerciantes que haviam contratado seu escritório. Este fato nos ajuda a

compreender como aconteceu o desenvolvimento da imprensa em Ponta Grossa e como se dava a sobrevivência econômica do jornal.

Com algumas das características de uma imprensa da época das regências no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, Ponta Grossa teve a oportunidade de desenvolver a imprensa com Jacob Holzmann – fundador de *O Progresso* –, João Dutra – o primeiro redator – e Hugo Mendes de Borja Reis, o redator literário.

No reinado de Dom Pedro II, os jornais apresentavam um projeto de país em suas páginas:

Acentuou-se o projeto de inserção do Brasil na cultura ocidental, reforçado pela descendência europeia do monarca e pela ligação de nossas elites com o mundo das artes e da ciência, conforme disseminados pela França ou Inglaterra, países que inspiravam a pretendida agenda de uma sociedade da Corte (MARTINS in MARTINS & LUCA, 2015, p. 47).

Havia um desejo de civilizar o Brasil de acordo com as inspirações europeias; em Borja Reis a influência francesa era muito grande, como modelo a ser seguido na educação, na política, na literatura. Para ele, havia formas de melhorar o Brasil, observando o que acontecia em outros países, entre eles a França, que é bastante citada em seus textos. No dia 7 de agosto de 1909, num comentário sobre o deputado Correa de Freitas, ele escreveu o seguinte:

La Providence amène à maturité, par le seul fait de la vie universelle, les hommes, les choses, les événements.

VICTOR HUGO

Isso disse o imperador dos poetas no seu livro *Napoleon, le Petit...*

Se nós tivemos, sob o aspecto da política interna, um Napoleão, o Grande Floriano Peixoto, estamos em risco sem a aproximação de caracteres de termos o Napoleão, o Pequeno.

O Brasil nunca perdeu uma batalha.

Mas, havendo ao nosso lado uma nação que está para nós, moralmente, como a Alemanha estava para França, na tremenda jornada de 2 de Setembro de 1870, não poderemos nós levar, com a nossa indiferença política, a pátria ao calvário de uma outra Sedan?

A violência de um caracter fascinado pelos lampejos terríveis das espadas, obedecendo ao cego impulso da paixões, desejoso da glória, da coroa dos conquistadores, não poderá arrastar a nação a Sedan?

A guerra, eis a perspectiva temerosa de uma cadidatura imposta a tação de bota (REIS, 1909).

A influência francesa no pensamento de Borja Reis era expressa principalmente por meio das citações de Victor Hugo, Gustave Flaubert, Charles Baudelaire, Auguste Comte, entre outros (BUCHOLDZ, 2007, p. 31). Ter a França como modelo de país, de civilização a ser

seguido era comum naquele momento. Carelli (1994, p.143) explica que:

O desmoronamento da monarquia brasileira e a instauração de uma ordem republicana foram preparados por uma maturação ideológica muito longa, cujas marcas principais são feitas pela referência constante à França das Luzes, à Revolução Francesa e às correntes de pensamento que se confrontavam na Europa. Dois mestres pensadores maiores foram citados até a saciedade pelos intelectuais progressistas, em uma estratégia de mutação política e social, ao longo de todo o século XIX, trata-se de Victor Hugo e de Auguste Comte (CARELLI, 1994, p.143). (grifo nosso)

Borja Reis citou recorrentemente Victor Hugo e Auguste Comte. Estes pensadores eram uma inspiração para que se fizesse do Brasil um país civilizado e desenvolvido. A República recém proclamada era um sopro de esperança para que o povo pudesse ter liberdade de votar e pudesse adquirir direitos. Carone (1978) explica que:

Socialmente, a Primeira República é época de transição entre dois períodos, um mais estável e estagnado, outro mais dinâmico e de estrutura de classes mais definidas. Inicialmente ela é “uma estrutura social em mudança, no momento preciso em que o antigo padrão, embora presente, ainda não é dominante”¹ O aceleramento da divisão social do trabalho, consequência do desenvolvimento progressivo das forças produtivas, resulta em mudanças das velhas camadas sociais e aparecimento de novas (CARONE, 1978, p.147).

No momento em que Borja Reis ajudou a desenvolver a imprensa nos Campos Gerais, havia uma grande mudança social em curso na Brasil. Direitos estavam sendo buscados, conceitos sendo reelaborados, ex-escravos e seus descendentes tentando sobreviver, grande chegada de imigrantes, disputas políticas, entre outras transformações sociais. Toda esta conjuntura contribuiu para o que foi escrito e como foi escrito por Borja Reis.

O povo, que recorrentemente ele alegava defender, não era algo fácil de delimitar no Brasil da época. Carone (1978, p.147) cita Louis Couty para afirmar que:

Louis Couty analisa-os bem, no fim do Império: tomemos a questão do alto, estudemos o conjunto da população. O estado funcional das gentes brasileiras pode-se resumir numa palavra: o Brasil não tem povo! Dos seus doze milhões de habitantes, um milhão é de índios inúteis ou quase, um milhão é de escravos (hoje os ex-escravos e seus descendentes andam quase inúteis, esparsos nos povoados e raros nas antigas fazendas e engenhos). Ficam nove milhões mais ou menos. Destes, 500 mil pertencem a famílias proprietárias de escravos; são fazendeiros, advogados, médicos, engenheiros, empregados, administradores, negociantes. Acontece, porém, que o largo espaço compreendido entre a alta classe dirigente e os escravos (agora criados e empregados de toda ordem) por ela utilizados não se acha suficientemente preenchido. Seis milhões de habitantes, pelo menos, nascem, vegetam e morrem sem ter servido a sua pátria. No campo serão agregados de fazendas, caipiras, matutos,

¹ L.A. Costa Pinto, Sociologia e Desenvolvimento, p. 192

caboclos, nas cidades, serão capangas, capoeiras, ou simplesmente vadios e ébrios. Capazes todos eles muitas vezes de labores pesados, como os da desbravação das matas e arroteamento das terras, ou da criação de gados, não terão nem uma idéia da economia nem do trabalho seguido e perseverante. Os mais inteligentes, os mais ativos, dois milhões talvez, serão negociantes, empregados, operários ou criados² (CARONE, 1978, p. 147).

Apesar de ser um forte depoimento, podemos ter uma ideia de como o “povo” estava sendo formado no Brasil. Vários grupos foram excluídos do que se queria como civilização e isso se refletia na população de Ponta Grossa, como veremos adiante.

Cano (2001) elabora uma reflexão sobre as concepções presentes de “Povo” no século XIX:

Se o popular era um elemento fundamental para a definição do nacional, o contrário não era necessariamente verdadeiro: em 1874, o dicionário *Larousse* definiria *peuple* como uma “multidão de homens que *não habitam o mesmo país*, mas que tem uma mesma origem, uma mesma religião, *um laço qualquer* que os une.”³ Naquele momento, porém, já não era tão simples a tarefa de dar uma definição a esta palavra, pois o conceito teria assumido, ao longo de sua evolução, três diferentes sentidos, que não cabiam num único verbete. Segundo o articulista, o conceito de *povo* possuía, além de uma história etnográfica, que se encontrava contida na palavra *nação*, também uma história política, expressa pela palavra *democracia*, e uma história social, à qual corresponderiam várias outras palavras, “particularmente *plebe*, *terceiro estado*, *proletariado* e também *pauperismo*, pois a história do povo é a história da miséria” (Cano, 2001, p.172).

Quando lemos os textos de Borja Reis, entendemos que o conceito de “povo” que ele apresenta caminha no sentido destacado acima. Várias “categorias” estão presentes em seu discurso: povo, oligarquias, pátria, república, entre outros. Se nos detivermos apenas nos termos citados anteriormente, podemos inferir que sua escrita tratava fortemente de política e retratava a crise identitária brasileira, presente no início do século XX.

Contemporaneamente, o conceito de “povo” na ciência histórica, de acordo com o Dicionário de Conceitos Históricos (SILVA, 2010) ainda é inconcluso:

(...) povo em geral é definido, primeiro, como um conjunto de pessoas que vivem em sociedade; segundo, como um conjunto de indivíduos que integram uma nação específica ou têm uma origem étnica comum, como o povo judeu. E não é raro o termo significar ainda o conjunto dos indivíduos mais pobres de uma sociedade, daí derivando o adjetivo “popular”. (...) Apesar de seu uso amplamente difundido, as definições para essa categoria ainda foram pouco elaboradas pela historiografia, que preferiu construir novas noções, como os conceitos de massa e multidão (SILVA,

² Louis Couty, *Le Brésil en 1884*, in Silvio Romero, *O Brasil Social*, p.19,20.

³ Larousse, op. cit., t. 12, p. 732. Grifos do autor.

2010, p.272).

Neste parágrafo podemos observar que conceituar o que seria, ou o que compõe o termo "povo", é algo que mesmo dentro da História não é uma questão totalmente resolvida.

Para finalizar a leitura de como o povo foi formado no país, observemos como Carone (1978) explica a maneira como a população brasileira era constituída no início do século XX:

Neste quadro temos um panorama linear das classes no Brasil: em primeiro lugar, existem as populações marginalizadas pela economia de mercado exportador, isto é, aquelas que não se ligam à exportação. Os índios, os caipiras, os matutos e os caboclos vivem à parte desta economia, empregando uma técnica primitiva para produção de consumo próprio. O binômio senhor de terra-escravo liga-se às diversas formas de exploração da terra e à produção de artigos para exportação, como o café, açúcar, borracha, etc. Finalmente, as populações urbanas, com sua divisão de trabalho – comércio, indústria, profissões liberais preenchem a última categoria social (CARONE, 1978, p.148).

A partir das citações elencadas acima, podemos pensar mais claramente em qual conceito de povo que Borja Reis empregava em seus textos e não nos enganarmos, tendo em mente uma concepção de "povo" que é da nossa época.

Sobre as fundamentações que Borja Reis citava em seus textos, ele tinha a mesma base que grande parte da intelectualidade da época. Carelli (1994, p.154, 155) aponta que:

Em 1900, podemos falar de um verdadeiro ecletismo intelectual no Brasil. Além do caráter impregnado de consequências das reapropriações doutrinárias, observamos uma tendência à sacralização das doutrinas; o culto a Victor Hugo e a adoção da religião da humanidade foram levados a sério no país, enquanto surgia, por ocasião da guerra do Paraguai, a expressão proverbial 'Deus é brasileiro' (CARELLI, 1994, p.154, 155).

O culto a Victor Hugo era presente nos textos de Borja Reis, como já destacado, mas também havia certo romantismo em sua escrita. Fazendo um discurso em defesa da moral na política, da instrução da população, da luta do povo contra as oligarquias, Reis demonstrava buscar, como outros intelectuais da época, oferecer uma direção para um país que não era acostumado com os valores da Revolução Francesa – Liberdade, Fraternidade e Igualdade.

O Positivismo, o Espiritismo – como será observado adiante – são as faces de um escritor que procurava mediar as tensões sociais existentes naquele momento. Sendo este um trabalho sobre o discurso de Borja Reis, devemos ter em mente a época na qual ele escrevia, como era Ponta Grossa naquele momento e quais as influências que ele teve fora da redação, para aí sim podermos ler com mais profundidade os seus textos, ora literários, ora mais factuais,

agindo em consonância com o jornalismo que estava tomando forma no Brasil do fim do século XIX e início do século XX.

Durante o segundo reinado, a literatura e a imprensa se juntam no mesmo espaço e também se misturam nos mesmos textos, segundo Martins (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 48): "Na aparente pacificação do país pontificaram jornalistas dotados de larga erudição, conhecidos então como publicistas, que redigiam em tom conselheiral e se comunicavam com a restrita elite letrada: este jornalismo foi denominado de 'jornalismo áulico'."

O jornalismo áulico é uma forte característica em Borja Reis, que escrevia crônicas sobre política, artigos de opinião; porém, dificilmente não escrevia de maneira literária. Além disso, havia um espaço em *O Progresso* para a literatura, tanto nacional, como local. Um exemplo são as crônicas de Anita Philipovsky, escritora pontagrossense, que foram publicadas a partir de 1913 no periódico. Havia também concursos literários com temas pré-determinados.

Martins (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 55) esclarece que "o jornal desempenhou papel relevante acrescido de outra função imprescindível: veículo de divulgação de anúncios de todo o teor, numa sociedade que ingressava na oferta e procura de serviços diversos." Ou seja, a imprensa ajudou a alavancar e a desenvolver a indústria e o comércio; por outro lado, com o tempo, passou a depender desses anúncios para continuar sendo escrita. Esta situação foi transformando a maneira de se administrar o jornal, mais como uma empresa do que um panfletário de divulgação de ideias.

Ainda do período do segundo reinado, Borja Reis carregou outra característica: a de ser um polígrafo. Um homem das letras, alguém que, sem formação específica em jornalismo – pois esse tipo de formação não existia na época – tinha habilidade com as palavras, com a escrita do texto jornalístico.

Sílvio Romero, tratando dos polígrafos e bacharéis, aponta o seguinte (MARTINS in MARTINS & LUCA, 2015, p. 61):

No Brasil, mais ainda que em outros países, a literatura conduz ao jornalismo e este à política que, no regime parlamentar e até no simplesmente representativo, exige que seus adeptos sejam oradores. Quase sempre as quatro qualidades andam juntas: o literato é jornalista, e orador, e é político (MARTINS in MARTINS & LUCA, 2015, p. 61).

A atuação jornalística e intelectual desse jornalista, assim como a de muitos jornalistas do século XIX, era diversificada. Borja Reis tinha muita habilidade em escrever contos, poesias, artigos políticos, notícias e tinha atuação política forte em Ponta Grossa. Contribuiu para a

fundação do Sindicato dos Operários Ferroviários de Ponta Grossa, para a fundação do Partido Socialista Paranaense e da Associação Comercial de Ponta Grossa, ao mesmo tempo em que ajudava a divulgar a doutrina Espírita na cidade, predominantemente católica, além de também ter escrito para outros periódicos (HOLZMANN, 2004; BUCHOLDZ, 2007).

Borja Reis escrevia notícias, mas também, muitas vezes, atuava como cronista. Refletia principalmente sobre a política e a moral que deveria pautar as suas ações. Era mais uma característica em Reis que remetia ao século XIX. Segundo Martins (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 70):

Coube à crônica, porém, exercer papéis múltiplos, ocupando o lugar do artigo de fundo, fazendo as vezes do que hoje se denomina editorial ou lançada no interior da revista, em seção exclusiva. Aproximava-se do artigo, sobretudo na característica comum de voltar-se para as ocorrências contemporâneas, no seu suceder imediato. Marcada pela reflexão desprestenciosa, redundou na forma ideal do trato literário de eventos cotidianos, driblando seu caráter efêmero (MARTINS & LUCA, 2015, p. 70).

Borja Reis trabalhou primeiramente como redator literário de *O Progresso*; posteriormente, quando o jornal passou a se chamar *Diário dos Campos*, foi editor. Reis utilizava seu espaço para apresentar sua opinião no jornal. Em geral, funcionava como um editorial, direcionando o posicionamento do periódico.

Fazemos agora um necessário parêntese para refletir sobre o que é e qual o papel de um intelectual. Característica esta, que atribuímos a Borja Reis. Segundo Wasserman (2015), o termo “intelligentsia” foi usado a primeira vez em 1844, pelo filósofo e escritor Karol Libelt, no livro *On Love of the Fatherland*, na Polônia. Esse vocábulo referia-se ao “compromisso moral e patriótico dos acadêmicos, professores, religiosos, engenheiros, etc. A palavra foi amplamente difundida na cultura russa na época da modernização empreendida por Nicolau II, quando o jornalista Pyotr Bodorykin utilizou pela primeira vez na imprensa” (WASSERMAN, 2015, p. 67).

Wasserman (2015, p.67) explica ainda que esse termo, graças ao jornalista acima citado, ganhou um significado a mais: intelectuais seriam os representantes da “alta cultura”. A partir de um episódio que ocorreu na França, Wasserman (2015) explica que o termo “intelectual” passou a ser usado para se referir não somente a pessoas que não tinham trabalhos manuais, mas também por meio de seu trabalho agiam de alguma maneira na sociedade.

O termo intelectual apareceu quase quarenta anos depois na sociedade francesa, por meio do manifesto que exigia a revisão da acusação de traição imputada

ao oficial de artilharia do exército francês, o judeu Alfred Dreyfus. Mesmo depois de descoberta a farsa que atribuiu o crime ao oficial, a xenofobia e o antissemitismo disseminados pela França impediram que Dreyfus fosse inocentado. Isso causou indignação de escritores, jornalistas, professores e artistas que fizeram publicar no jornal "L'Aurore", sob a liderança de Emile Zola, o Manifesto dos Intelectuais, em 14 de janeiro de 1898. A partir da publicação seguiu-se um conflito entre progressistas, favoráveis a Dreyfus, e conservadores, contra Dreyfus (Marletti, 1998, p.637).

Interessante é que a partir do episódio francês, a palavra intelectual foi utilizada não apenas para designar a condição profissional do sujeito ou ao fato de ele dedicar-se a atividades não manuais, mas, sobretudo, passou a referir-se a alguém que, dedicado a atividades assim consideradas, assume uma posição política ou ideológica e intervém nos assuntos públicos (WASSERMAN, 2015, p.67,68).

Baseados neste artigo de Wasserman (2015) compreendemos que Borja Reis pode ser denominado como intelectual, pois, além de escrever, desenvolveu um discurso com uma linha ideológica clara, e também observamos que na sua vida – mesmo não sendo o objeto principal deste trabalho – ele agiu fora da redação do jornal. Trabalhou na Casa Francisco De Assis, auxiliou à fundação da Sociedade Beneficente Operária, entre outras ações.

A concepção francesa de "intelectual" também pode ser aplicada ao jornalista estudado por meio de seus textos. Ele construiu um discurso em torno do "Povo", contra a corrupção da época, se posicionava publicamente sobre questões políticas locais e nacionais. No bojo de todas as concepções francesas de mundo que observamos no discurso de Borja Reis, existia uma similaridade entre o seu discurso como intelectual e jornalista, e o discurso literário e político de Victor Hugo.

Cano (2001), sobre o poeta francês, aponta que:

No prefácio de sua primeira coletânea de poemas, *Odes e Baladas*, datada de 1822, cinco anos antes do prefácio de Cromwell o poeta já anunciava as duas intenções presentes na publicação do livro, uma intenção literária e outra política, sendo que a "última é consequência da primeira, pois a história dos homens só apresenta poesia quando julgada do alto das idéias monárquicas e das crenças religiosas"⁴. No ano seguinte a segunda edição do livro já receberia um novo prefácio, no qual o autor reafirmava a sua crença de que todo escritor deveria ter por objeto principal de sua obra ser útil, tarefa que realizava tentando "solenizar algumas das principais lembranças de nossa época que podem ser lições para as sociedades futuras."⁵ No ano seguinte uma terceira edição e um terceiro prefácio, prescreviam ao poeta daquele momento a tarefa de "reparar o mal feito pelos sofistas"; o poeta era aquele que deveria "marchar adiante dos povos como uma luz e mostrar-lhes o caminho. Ele deve reconduzi-los a todos os grandes princípios de ordem, de moral e de honra"⁶ (CANO, 2001, p.28).

⁴ Hugo, V. *Œuvres Poétiques I – avant l'exil: 1802-1851*. Paris Galimard, 1964, p.265.

⁵ *Ibidem*, p.266.

⁶ *Ibidem*, p.277

Assim como Victor Hugo desenvolveu um discurso de que o poeta deveria guiar o povo, Borja Reis também, a partir de seu discurso sobre o papel da imprensa e do jornalista, dizia ter a missão de defender a "Verdade", o "Povo", a "Pátria", entre outros.

O trecho do poema *Fonction du poète* ilustra bem o papel que Victor Hugo dava aos poetas e coaduna com as concepções sobre o papel do jornalista na escrita de Borja Reis:

Fonction du poète

Dieu le veut, dans les temps contraires,
Chacun travaille et chacun sert.
Malheur à qui dit à ses frères :
Je retourne dans le désert !
Malheur à qui prend ses sandales
Quand les haines et les scandales
Tourmentent le peuple agité !
Honte au penseur qui se mutile
Et s'en va, chanteur inutile,
Par la porte de la cité !

Le poète en des jours impies
Vient préparer des jours meilleurs.
Il est l'homme des utopies,
Les pieds ici, les yeux ailleurs.
C'est lui qui sur toutes les têtes,
En tout temps, pareil aux prophètes,
Dans sa main, où tout peut tenir,
Doit, qu'on l'insulte ou qu'on le loue,
Comme une torche qu'il secoue,
Faire flamboyer l'avenir !

Il voit, quand les peuples végètent !
Ses rêves, toujours pleins d'amour,
Sont faits des ombres que lui jettent
Les choses qui seront un jour.
On le raille. Qu'importe ! il pense.
Plus d'une âme inscrit en silence
Ce que la foule n'entend pas.
Il plaint ses contempteurs frivoles ;
Et maint faux sage à ses paroles
Rit tout haut et songe tout bas !

Peuples ! écoutez le poète !
Écoutez le rêveur sacré !
Dans votre nuit, sans lui complète,
Lui seul a le front éclairé.
Des temps futurs perçant les ombres,
Lui seul distingue en leurs flancs sombres
Le germe qui n'est pas éclos.
Homme, il est doux comme une femme.
Dieu parle à voix basse à son âme
Comme aux forêts et comme aux flots.

C'est lui qui, malgré les épines,

L'envie et la dérision,
 Marche, courbé dans vos ruines,
 Ramassant la tradition.
 De la tradition féconde
 Sort tout ce qui couvre le monde,
 Tout ce que le ciel peut bénir.
 Toute idée, humaine ou divine,
 Qui prend le passé pour racine,
 A pour feuillage l'avenir.

Il rayonne ! il jette sa flamme
 Sur l'éternelle vérité !
 Il la fait resplendir pour l'âme
 D'une merveilleuse clarté.
 Il inonde de sa lumière
 Ville et désert, Louvre et chaumière,
 Et les plaines et les hauteurs ;
 A tous d'en haut il la dévoile ;
 Car la poésie est l'étoile
 Qui mène à Dieu rois et pasteurs !(HUGO, 1840)

Havia um papel a ser cumprido pelo jornalista no discurso de Borja Reis, assim como ao poeta, para Victo Hugo. Seria um intelectual, alguém a ser ouvido e seguido. Wasserman (2015), nos auxilia a compreender o papel de um intelectual na Idade Moderna:

(...) apesar da existência de "gens de lettres" em todas as sociedades históricas, só se pode mencionar *os intelectuais*, em sentido próprio, a partir da época moderna, com o desenvolvimento das forças produtivas e o rompimento das organizações corporativas (Marletti, 1998, p.638), caracterizando assim uma pluralidade de posições a respeito de uma mesma temática pública. Assim, os intelectuais dos tempos modernos, diferente dos sábios, doutos, profetas ou mandarins, reivindicam autonomia em relação aos poderosos valendo-se de uma suposta capacidade de serem porta-vozes da opinião pública. "... progressistas ou conservadores, radicais ou reacionários, libertários ou autoritários, liberais ou socialistas, céticos ou dogmáticos, laicos ou clericais..." (Bobbio, 1997, p. 116), os intelectuais modernos exercem funções de crítica ou de legitimação da ordem, sendo a cidade o lugar por excelência de exercício dessas atividades. Ou melhor, a condição urbana é definidora do papel dos intelectuais como intervenientes nos assuntos públicos (WASSERMAN, 2015, p.68)

O espaço urbano de Ponta Grossa, naquele momento, foi o lugar propício para que Borja Reis surgisse como uma voz intelectual. Antes de *O Progresso*, nenhum outro jornal tinha conseguido se firmar e ter continuidade em suas edições.

A partir da urbanização da cidade, um ponto interessante a ser abordado sobre a fundação de *O Progresso*, a vinda de Borja Reis e o momento da história de Ponta Grossa e do Brasil é a ferrovia. Ela é ponto que liga todos esses fatores.

Martins (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 70) explica que:

(...) iniciativa decisiva foi a implantação da ferrovia, inaugurada no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1854, quando o trem figurou como móvel transformador que imprimiu outro ritmo ao Império, marco também do crescimento da rede urbana, da circulação das ideias e do desenvolvimento da imprensa no país.

A agilização da notícia, agora transportada pelo trem, dava significado a uma imprensa que se expandia por regiões de população adensada, mais ainda quando se deu o fluxo migratório para as cidades e fazendas de café do interior. Não só como consumidores, mas como produtores de impresso, afinados com as mais diversas correntes ideológicas, políticas e religiosas (MARTINS in MARTINS & LUCA, 2015, p. 70,71).

O trem tem uma importância imprescindível para o desenvolvimento social e econômico do Brasil do século XIX e para a Ponta Grossa do início do século XX. Por meio dele, a cidade deixou de ser um conglomerado de grandes fazendas para desenvolver uma indústria do trem. Era o maior entroncamento ferroviário do sul do Brasil.

A imprensa se desenvolveu nos Campos Gerais juntamente com a ferrovia. As informações, os imigrantes e migrantes, a cultura, os jornais, os livros, a circulação dos discursos, tudo passava pelos trens. A ferrovia SP-RG proporcionou um grande crescimento econômico para Ponta Grossa (POCAI FILHO, 2010).

Na ferrovia também circulavam ideais, entre elas a República. Por volta de 1870 e 1885, os jornalistas colocaram o assunto em pauta, já que, desde o século XVIII, não saía do meio de grupos fechados (MARTINS in MARTINS & LUCA, 2015, p. 73).

Seguindo essa linha de pensamento do jornalismo do fim do século XIX, o ideal republicano era uma das bases do discurso e das críticas de Borja Reis. Em vários de seus textos, em vários momentos políticos, ele exaltou a República, o Povo, a Família e a Moral. De seu ponto de vista, esses eram pontos importantíssimos para que a sociedade brasileira se desenvolvesse e se civilizasse.

O projeto civilizador era uma das bandeiras da imprensa da nova república. Neste momento também estava a cidade de Ponta Grossa. Quanto ao Brasil, Martins aponta que (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 79):

Conglomerados jornalísticos consolidaram-se naqueles anos eufóricos, introduzindo novas relações no mercado impresso. O debate político, a veiculação do quadro econômico e a exaltação das transformações urbanas foram conduzidos pela propaganda e pela publicidade, que se profissionalizaram, a serviço de grupos estrangeiros e dos primeiros governos republicanos. Tudo com muito ranço do

Império. Mais perceptível ainda na centralização do poder e no figurino dos governantes, cujas imagens em pose patriarcal traduziam o cultivo aristocrático e a permanência dos valores de uma pretendida sociedade de Corte. Que se transmutava agora numa palavra de ordem: O Brasil civiliza-se! (MARTINS in MARTINS & LUCA, 2015, p. 70).

A publicidade, além de ser importante na história da imprensa em nível nacional, foi o ponto de partida para a entrada de Borja Reis em *O Progresso*. Na chegada do jornalista à cidade, Reis foi até o recém fundado jornal para colocar anúncios promovidos pelo seu escritório. A partir da conversa com Jacob Holzmann, ele se tornou o redator literário do jornal. Diferentemente da citação acima, Borja Reis fazia propaganda de produtos e casas comerciais, no entanto, consideramos importante destacar que *O Progresso* não escapava da necessidade de manter anúncios publicitários em suas páginas, além das assinaturas para se manter.

Interessante é notarmos como as modificações que aconteceram na imprensa do Rio de Janeiro e em outras cidades maiores também se repetiram no interior. Alguns anos depois, Ponta Grossa já estava vivendo uma realidade jornalística parecida com a das capitais, guardadas as devidas proporções.

No início da República, a imprensa estava se modernizando. Segundo Eleutério (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 84):

O tripé indispensável à sustentação da grande empresa editorial se erguia. Configurava-o, basicamente, a evolução técnica do impresso, o investimento na alfabetização, os incentivos à aquisição e/ou fabricação de papel. E mais: o telefone e o telégrafo constituíram-se em instrumentos agilizadores da transmissão dos dados que convergiam para a redação (ELEUTÉRIO in MARTINS & LUCA, 2015, p. 84).

A imprensa em Ponta Grossa no início do século XX estava vivendo os mesmos momentos que os descritos por Eleutério (in MARTINS & LUCA, 2015, p. 84). Quando o jornal *O Progresso* foi fundado, Jacob Holzmann investiu no melhoramento da edição do jornal, desde os papéis até a distribuição aos leitores. O que já havia acontecido na imprensa do início do século XIX, repetia-se em Ponta Grossa em 1909. Quanto mais o jornal se desenvolvia, mais sofria represálias das elites econômicas e políticas locais:

O controle da palavra impressa, contudo, não se limitou ao texto da lei. A repressão das primeiras horas investiu contra formadores de opinião e órgãos da imprensa, com rebatimento na prisão de jornalistas, supressão de jornais e destruição de tipografias (ELEUTÉRIO in MARTINS & LUCA, 2015, p. 85).

Em 1909, em represália às críticas feitas a algumas oligarquias que comandavam a

cidade, a redação de *O Progresso* foi invadida por capangas, Borja Reis e João Dutra foram agredidos fisicamente (HOLZMANN, 2004, p.273).

Do século XIX ao início do século XX, os jornalistas não tinham formação acadêmica específica, eram pessoas que tinham habilidade em escrever e argumentar a favor de algum ponto de vista. Com artigos de teor político e econômico, Reis escrevia sobre a necessidade de progresso para o país e sobre a falta de moralidade na política. Estas eram críticas presentes em textos jornalísticos desde o império.

Havia a busca de ideais por meio da imprensa. Borja Reis demonstrava ser um idealista, escrevia que acreditava ser o jornalismo uma missão. Afirmava que escrever era a motivação de sua existência. Por meio da informação, ele mostrava que acreditava que algo poderia mudar, pois o povo teria uma voz. Mais do que uma voz, o jornalista acreditava que a imprensa era o povo:

Eis a nossa opinião sobre a imprensa: a imprensa é o povo inteiro. Não é uma representação indireta. É directa. Qualquer homem pode vir defender nas columnas livres deste livre jornal as suas opiniões. Todavia... já se sabe, exigimos a assignatura (REIS, 1912). (grifo nosso)

A imprensa era descrita por Borja Reis como a plataforma na qual o povo – com as problematizações que elencamos acima – poderia colocar a sua posição diante dos acontecimentos e utilizar da escrita como ferramenta de defesa e reivindicação em favor de melhores condições de vida. Esta era uma das suas principais estratégias discursivas.

Entretanto, algo sempre esteve como uma sombra por sobre a concretização dos ideais de Borja Reis: a sustentação econômica do jornal. Daí entendermos da necessidade da mediação das forças políticas e econômicas na cidade. As dificuldades financeiras eram comuns aos jornais brasileiros.

Iniciativas de escopo mais modesto dependiam da boa vontade dos amigos e da obtenção de publicidade de longo prazo, o que exigia certa estrutura comercial que poucas publicações conseguiram alcançar. A presença da propaganda em jornais e revistas abria novas perspectivas para ambos os lados: para a imprensa, como suporte econômico; para a indústria como veículo de ampliação do número de consumidores. Efeito de mão dupla que se constituía em novo patamar, com o advento da República e do novo século (COBEN in MARTINS & LUCA, 2015, p.106) (grifo nosso).

O "efeito de mão dupla" compreendemos ser a colaboração entre imprensa e indústria – ou comércio – que permitia que o jornal funcionasse. A imprensa até hoje se mantém com base

nos anunciantes e nos assinantes.

A publicidade tinha um espaço considerável em *O Progresso*; no entanto, as assinaturas variavam muito de acordo com o período. Havia uma lista com os assinantes na primeira página do jornal e também, em algumas edições, havia chamamentos para renegociações.

No mesmo período que estamos observando – XIX a XX – muitos folhetos, jornais e revistas tiveram uma curta existência. Segundo COBEN (in MARTINS & LUCA, 2015, p.106) muitos fatores contribuíam para que a maioria dos periódicos tivessem uma existência mais curta. Na época, além da censura do governo, a sustentação econômica desses jornais e folhetos era muito difícil. Estava no início a concepção de imprensa como empresa, como negócio. Em geral, os jornalistas escreviam porque acreditavam ter uma missão de vida.

Em Ponta Grossa não foi diferente. No fim do século XIX já havia quem tentasse publicar na região, mas por conta de perseguições políticas e também falta de recursos, os periódicos logo desapareciam. Eis uma lista desses periódicos (HOLZMANN, 2004, p.261-262):

O Precursor

O Campos Gerais (1890 e 1893)

O Comércio – cunho político (1894)

O Pontagrossense (1895)

Jubileu Operário – cunho literário (1903)

Ponta Grossa – cunho literário (1903)

Luz Essência – cunho literário (1903)

O Pigmeu – cunho satírico (1903)

O estilo panfletário da escrita de Reis pode ser observado pela influência política que *O Progresso* começou a exercer na população trabalhadora de Ponta Grossa.

Em 1917, os jornais de todo o país, inclusive o *Diário dos Campos* – antigo *O Progresso* -, estavam retratando a greve geral em São Paulo e no Rio de Janeiro. Nos Campos Gerais, Borja Reis não somente noticiou a greve como foi um de seus organizadores.

Os operários ferroviários entraram em greve em busca de direitos trabalhistas e, pregando o respeito à ordem – como era recorrente em seus textos – Borja Reis se juntou aos trabalhadores, apoiando-os no jornal. Posteriormente participou da fundação da Sociedade Operária de Ponta Grossa (BUCHODZ, 2007, p.48). No entanto, ele não defendia em seus textos nenhum tipo de revolução comunista ou anarquista, a sua defesa era pela ordem, dentro dos preceitos do Positivismo.

A Filosofia Positivista desenvolvida por Augusto Comte nasceu na França em meados do século XIX. O intuito de Comte foi de elaborar um método científico de pensamento, por onde se poderia elaborar uma maneira de viver e de fazer ciência. A busca pela verdade científica seria sempre pautada em métodos baseados na racionalidade. Os fatos confirmariam a verdade.

Segundo Ribeiro Jr. (2006, p.17) "termo *positiva* designa, segundo ele, o real frente ao quimérico, o útil frente ao inútil, o certo frente ao incerto, o preciso frente ao vago, o relativo frente ao absoluto, o orgânico frente ao inorgânico, e o simpático frente à intolerância." Por isso os fatos são muito importantes, eles estão no campo do empirismo, do verificável, do observável. Esta era a maneira "correta" de se fazer ciência e de se analisar a sociedade também.

Como observaremos em textos de Borja Reis:

Seu método de trabalho é o histórico genético indutivo, ou seja, observação dos fatos, adivinhando-lhes por indução as leis da coexistência e da sucessão, e deduzindo dessas leis, por via da consequência e correlação, fatos novos que escaparam da observação direta, mas que a experiência verificou. (RIBEIRO Jr, 2006, p.17)

As opiniões políticas do jornalista eram pautadas em fatos, correlacionados e que determinavam um resultado observável ou por meio da indução, mas que poderiam ser provados por meio da experiência. A corrente filosófica de Comte era antimetafísica, ou seja, somente o que é material pode ser observado, estudado e analisado. Isso não significa que Comte negasse a existência da metafísica, porém não era algo passível de ser provado pela experiência, o que era de suma importância para os seus métodos.

O Positivismo foi fruto do forte cientificismo presente em todo o século XIX, momento de modernização tecnológica, industrial, crescimento das cidades e das indústrias. A ideia de progresso estava atrelada à ideia de ciência, ela daria as respostas para um desenvolvimento social e humano. "Com o objetivo de aproveitar as virtudes do progresso, ou da evolução progressiva, pela compreensão racional e científica do problema da ordem, determinando os elementos fundamentais de toda a sociedade humana" (RIBEIRO Jr., 2006, p.21).

A fonte principal de todo o sistema político para Augusto Comte era a ordem e o progresso. A partir da ordem, do individual conjugado ao social, o progresso seria possível. Para que isso acontecesse, a solidariedade e muito fortemente a moral, deveriam estar presentes, deveriam fazer parte desta nova sociedade em progresso.

A busca de um desenvolvimento da moral foi muito importante dentro do Positivismo, ela pautaria as ações dos indivíduos. Um indivíduo que baseasse a sua vida na moral estaria

contribuindo para o bem público, para o bem da sociedade, desta forma, contribuiria para a fraternidade universal, objetivo último do Positivismo (RIBEIRO Jr., 2006, p.26).

O progresso pregado por Comte, para a obtenção de uma sociedade justa e fraterna significava o fortalecimento destas instituições: família, capital, linguagem, governo e sacerdócio (SOARES, 1998, p.56). Por meio destas instituições o indivíduo se fortaleceria e assim ajudaria à formação de uma sociedade dentro dos ideais do Positivismo.

Soares (1998) faz um questionamento importante quanto a que papel caberia à linguagem dentro da doutrina. No seu ponto de vista serviria para a "preservação, aprimoramento e moralidade" do indivíduo e da sociedade (SOARES, 1998, p.58). Por este indício, nós cremos que Augusto Comte colocou a linguagem como um dos pontos importantes para que o progresso acontecesse, por, talvez, conjecturar que o discurso, ou seja, a linguagem, estejam no âmago da formação do ser humano. A linguagem é um meio de preservar um discurso de moralidade, preservando e aprimorando ideias e correntes de pensamento que podem moldar culturalmente, filosoficamente uma sociedade.

O governo, elemento muito presente também nos textos de Borja Reis, dentro do Positivismo é colocado como "quarto elemento da estática social. É o poder material ou temporal da sociedade" (SOARES, 1998, p.58). Este é o elemento que ordenaria a sociedade, as famílias, a justiça.

A presença da doutrina positivista no Brasil remonta aos meados do século XIX, presente em teses defendidas em universidades brasileiras. Em 1844, foi defendida uma tese por Justiniano da Silva Gomes denominada "Plano e Método de um Curso de Fisiologia", na Faculdade de Medicina da Bahia. Segundo Soares (1998, p.87) a tese foi defendida somente após dois anos da publicação do livro de Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva*, em 1842.

Influenciado pelo Positivismo, Borja Reis contribuiu, em *O Progresso* ainda, para a Campanha Civilista, apoiando a candidatura de Rui Barbosa para a Presidência da República.

Encontramos uma continuidade da história da imprensa no Brasil em Ponta Grossa. A região não esteve isolada diante dos acontecimentos. Podemos atribuir isto a vários fatores: a linha férrea, a vinda de imigrantes, a busca, desde fins do século XIX, para que fosse implantada na cidade uma imprensa forte, o que acabou acontecendo somente com *O Progresso*, que resistiu aos ataques e às dificuldades financeiras. Jacob Holzmann e Borja Reis eram idealistas, como muitos que se aventuravam a fazer jornais naquele período. Foram os seus ideais que muitas vezes sustentaram o jornal, muito mais do que o dinheiro, que era necessário, mas não era a motivação pela qual eles faziam imprensa.

2 PONTA GROSSA E *O PROGRESSO*

Entre idas e vindas, foi no período de 1908 a 1924 que os textos de Hugo Mendes de Borja Reis fizeram parte do jornal *O Progresso* – posteriormente, em 1913, *Diário dos Campos*. O momento histórico que este jornalista viveu foi um dos mais movimentados social, econômica e politicamente em Ponta Grossa e no Brasil; por estas razões é importante conhecermos o momento em que seus textos foram elaborados, como uma interpretação, um ponto de vista, sobre aquela época.

Como nos aponta Chaves (2001, p.65) Ponta Grossa estava em pleno crescimento:

Com sua história ligada inicialmente ao tropeirismo, às fazendas e a um ritmo de vida rural, Ponta Grossa rapidamente converteu-se num considerável centro urbano nos Campos Gerais, causando espanto a Nestor Vitor quando de sua passagem pela cidade em 1913 (VITOR, 1996). A “Nova Ponta Grossa”, conforme denominação do escritor paranaense, disponibilizava aos seus habitantes inúmeros símbolos da modernidade capitalista do período. A eletricidade, a telefonia, as ruas calçadas, os automóveis, os cinemas, as praças, as casas comerciais, as indústrias e, principalmente, a ferrovia compunham o conjunto dos elementos da “modernidade” existentes na cidade (CHAVES, 2001, p.65).

Foi nesse momento que a imprensa se firmou na cidade. Quando Jacob Holzmann fundou *O Progresso*, estava possibilitando um desenvolvimento intelectual e de opinião pública à cidade.

Segundo Gonçalves e Pinto (1983) Ponta Grossa foi elevada a Freguesia e Paróquia no dia 15 de Setembro de 1823. A cidade foi formada a partir de um povoado, com a vinda de tropeiros que foram parando e se instalando na região.

Em 1835, Ponta Grossa ainda era submetida a Castro. Nesse contexto, a sociedade civil se organizou para buscar a emancipação, pois a cidade tinha crescido substancialmente.

Somente em 1855 a cidade foi elevada à condição de Vila, no dia 7 de abril. Para ser considerada cidade foram mais alguns anos, em 1862 (GONÇALVES e PINTO, 1983).

Na tabela abaixo, temos uma ideia do crescimento populacional rápido que a cidade teve:

Ponta Grossa – Censos de 1890, 1900, 1920		
Ano	Homens	Mulheres
1890	2300	2474
1900	4313	4022

1920	10073	10095
------	-------	-------

Fonte: Gonçalves, Maria Aparecida Cezar-Pinto, Elisabete Alves. Ponta Grossa: um século de vida: Editora Kugler Artes Gráficas Ltda, 1983, p.83.

Na tabela acima, não está contabilizado o número de filhos ilegítimos (filhos de escravos com não-escravos). No entanto, a população de Ponta Grossa, do fim do século XIX ao início do século XX cresceu muito, como explica Gonçalves e Pinto (1983):

O aumento da população livre está relacionado a dois fatores: crescimento natural da população e as migrações internas. Estas são impulsionadas pelas características progressistas da região que, além das atividades já citadas, tem na erva-mate o seu produto de exportação e, em consequência, a sua principal fonte de lucros. O crescimento natural da população, por sua vez, apresenta íntima conexão com a diminuição dos escravos (embora, ainda em pequena escala), pois escravos libertados pelos seus senhores, pessoas livres se tornam, engrossando o seu contingente (GONÇALVES e PINTO, 1983, p.86)

A partir dessas informações, podemos inferir que a cidade, no início do século XX, tinha uma população composta por escravos libertos e seus descendentes e imigrantes, que compunham o povo trabalhador. Os grandes fazendeiros eram descendentes dos sesmeiros que receberam terras do Império para explorar com mão de obra escrava e posteriormente com imigrantes e ex-escravos ou seus descendentes.

No fim do século XIX, e seguindo o trajeto que os tropeiros faziam de Viamão, no Rio Grande do Sul, a Sorocaba, em São Paulo, foram instaladas as linhas de trens. Elas passavam por Ponta Grossa e faziam toda a ligação para o transporte de cargas e de pessoas entre o Rio Grande do Sul e São Paulo.

Nesse momento, Ponta Grossa recebeu muitas pessoas de fora, engenheiros para trabalhar na ferrovia, imigrantes, viajantes, que estavam de passagem, entre outros, que fizeram com que a cidade crescesse em população, em circulação de volume de dinheiro e ideias, discursos.

O desenvolvimento econômico não foi barrado pelas mentalidades mais conservadoras. Os prefeitos que assumiram o governo da cidade naquele período tiveram que trabalhar bastante pela melhor estruturação de Ponta Grossa, que via sua população somente crescer. Chaves (2001, p.74) explica que:

O que se percebe é que Ponta Grossa, nas décadas iniciais do século XX, contava com uma sociedade plural. Tal pluralidade manifestava-se nas posturas, nos universos simbólicos e nos diferentes discursos registrados, principalmente nos artigos publicados no Diário dos Campos (CHAVES, 2001, p.74).

A pluralidade acima demonstra que diversos discursos circulavam e, por meio desses discursos, vários elementos simbólicos eram criados e retratados no jornal.

Quando *O Progresso* foi publicado pela primeira vez, em abril de 1907, era o fim do mandato de Ernesto Vilela, que foi reeleito duas vezes, sendo prefeito de 1898 a 1908.

A política em Ponta Grossa esteve envolta em conflitos e sede de poder, e a elite econômica e social da cidade, que tem raízes na aristocracia rural, comandou a cidade desde que era uma Vila de Castro.

O desenvolvimento econômico demorou a gerar frutos na educação, para a diminuição das desigualdades sociais, para a mobilidade social. Mas, muito antes de Reis chegar à cidade, houve tentativas de fundar a imprensa em Ponta Grossa. No entanto, alguns integrantes da elite – conforme Borja Reis denominava – usavam de seu poder de influência e da violência para intimidar quem se atrevia a se posicionar contrariamente às oligarquias.

Epaminondas Holzmann (2004, p.261-263) registrou em seu livro de memórias a primeira tentativa de se estabelecer a imprensa em Ponta Grossa. O primeiro jornal teria sido *O Precursor*, fundado por Júlio Pernet e Afonso Gama; *O Campos Gerais*, com suas duas fases: 1890 e 1893, com a orientação de Rocha Bahls e redação de Fonso Gama; em 1895, *O Pontagrossense*, de Joaquim Silva.

Após a instalação de uma oficina gráfica de Albino Silva, que trabalhava juntamente com seu filho Aldo Kepler da Silva – tipógrafo e literato – e seus irmãos Zeno e Ciro, iniciou-se uma nova fase de publicações na cidade, na maioria das vezes de periódicos de curta duração. Temos como exemplo *Jubileu Operário*, do professor Teixeira Coelho, de 1903; *Ponta Grossa e Luz Essência*, de Aldo Silva, com direção de Teixeira Coelho; e *O Pigmeu*, jornal humorístico de Albino e Aldo Silva.

Em 1894, Aldo Silva fundou um jornal de cunho político: *O Comércio*. Porém, ele não foi recebido pela camada social mais abastada da cidade de maneira tranquila. Segundo Holzmann (2004, p.262), não houve também apoio dos leitores e nem dos anunciantes.

Há um relato que Epaminondas Holzmann (2004) fez para demonstrar como alguns coronéis de Ponta Grossa tratavam a imprensa.

Para se fazer idéia da ojeriza dos politiqueiros locais, basta recordar aquela noite de pânico, no Teatro Sant'Ana, quando o conjunto do ator Cunha – procedente do Rio de Janeiro, via Curitiba – repetia a representação de "Ponta Grossa em revista", peça de costumes locais, com libreto do diretor da companhia e acréscimo de composições de Jorge Holzmann, mais os arranjos e a regência de Jacob. No momento em que surgiu

em cena a estrela Hermínia Cunha, cantando com brejeirice e encarnando a personagem *O Comércio*, pelo menos uma vintena de capangas, que empunhavam bengalas e avantajados porretes, promoveu um barulho ensurdecedor, batendo no assoalho com seus cajados e alarmando as respeitáveis famílias presentes. Foi tal a arruaça, e tão debochado o alarido da capangada, que o número teve de ser sacrificado em favor do prosseguimento do espetáculo. Hermínia Cunha caiu em pranto nervoso, mesmo em cena aberta, mas teve o consolo de ver todas as senhoras localizadas na platéia e nos camarotes colocarem-se de pé para aclamar, com estrepitosa salva de palmas, a consagrada atriz brasileira! (HOLZMANN, 2004, p.262, 263).

Aldo Silva, depois desse episódio, pretendia vender a sua tipografia e *O Comércio* e deixar Ponta Grossa. No mesmo dia, "saiu com lanterna na mão" (HOLZMANN, 2004, p.262, 263), procurando algum comprador. Se não vendesse, iria embora para Itararé, em São Paulo, levando tudo consigo, inclusive o tipógrafo João Antunes de Oliveira.

A parte interessante dessa história é que João Antunes era trombonista na Banda Lira dos Campos, comandada por Jacob Holzmann. Diante dessas circunstâncias, após emprestar dinheiro de Dallies, Holzmann comprou o jornal de Aldo Silva, e João Antunes de Oliveira continuou sendo o tipógrafo do periódico.

A fundação de *O Progresso* foi a concretização do sonho de um cidadão, Jacob Holzmann. De família imigrante russa, veio para o Brasil com dois anos de idade. Fundou em Ponta Grossa a Banda Lira dos Campos, construiu o cine-teatro Renascença e tinha como atividade empresarial a Casa Progresso, uma alfaiataria e loja de tecidos. Ainda jovem, comprou o título de capitão, o que era comum na época para os homens que tinham certo poder aquisitivo e posição privilegiada na sociedade.

Em 1907, segundo seu filho Epaminondas Holzmann (HOLZMANN, 2004, p.264), em conversa com pessoas de fora da cidade, Jacob teria contado sobre o desenvolvimento econômico e social de sua cidade, quando foi questionado sobre se havia imprensa. O próprio Jacob lembrou do episódio:

Como entusiasta e franco-atirador dos propagandistas de Ponta Grossa, por diversas vezes me vi em sérios apuros quando, em viagens, apregoava o progresso e o futuro da cidade onde constituíra família.

Quase sempre, no auge da conversação elogiosa, os que não conheciam nossa cidade perguntavam-me:

- Temos indústrias?
- Estão em formação.
- Temos boa viação?
- Temos a melhor do Estado, além de outras que fatalmente virão.
- Temos comércio?
- Em franca prosperidade.
- Quantos jornais há? São diários? (Aqui é que o Jacob embatucava...)
- Não temos nenhum. Já tivemos, mas se acabaram.

- Então não há progresso em sua terra.
Assim, eu tinha que concordar, reconhecendo que numa terra sem imprensa não há, efetivamente, progresso (HOLZMANN, 2004, p. 263, 264).

Diante desses questionamentos, o Capitão Holzmann resolveu que iria fundar um jornal. Numa roda de amigos (BUCHOLDZ, 2007, p.25), escolheu o nome *O Progresso*. Sua primeira edição foi publicada no dia 07 de abril de 1907.

No início de sua história, o jornal não fez grandes vendas (BUCHOLDZ, 2007, p.25, 26), apesar do intuito do fundador ser ambicioso. Holzmann não queria somente um jornal local, mas um periódico que fosse influente em nível nacional. No entanto, na cidade de Ponta Grossa, ele não vendeu tão bem.

O periódico foi distribuído entre conhecidos, pessoas da família e quem Jacob imaginava que pudesse vir a assinar o jornal. Muitos foram devolvidos na redação, isso significava que a pessoa não gostaria de ser assinante. A distribuição se deu até em outras cidades da região e Curitiba.

Na primeira edição, a mensagem do jornal aos leitores era a seguinte:

Ao iniciarmos na afanada lide jornalística com esse nosso modesto e despretencioso jornal hebdomanário, nesta cidade inquestionavelmente predestinada a um grandioso futuro, se todos quantos a habitam bem compreendem o que a uma pátria legítima ou simplesmente adotiva devem seus dignos filhos, outro escopo não temos que não o de cooperar resoluta e crentemente para o alevantamento moral e material de Ponta Grossa e para que no Paraná frutifiquem todas as ideias e cometimentos plausíveis, sem nos envolvermos direta ou indiretamente em questões políticas e religiosas, as quais irrefutavelmente têm sido em nosso país o mais poderoso fator de palavras e fatos por completo antagônicos aos foros de nossa civilização. O Progresso, 27 de abril de 1907, Órgão dedicado aos interesses do município e do estado (BUCHOLDZ, 2007, p. 21).

Esta mensagem demonstra o comprometimento de *O Progresso* com a cidade de Ponta Grossa. Apesar de afirmar que o jornal não se envolveria em questões políticas e religiosas – o que acabará acontecendo com a entrada de Borja Reis – Augusto Silva, o redator, já posiciona o jornal como portador de um discurso que defenderá os interesses da cidade e do estado, assumindo um papel jornalístico de denúncia e fiscalização do que acontece em Ponta Grossa, vocação que será mantida com a entrada de Borja Reis, posteriormente.

O jornal era feito manualmente, com máquinas antigas compradas de jornais de cidades maiores, como São Paulo. A máquina primeiramente utilizada em *O Progresso* era a prensa (BUCHOLDZ, 2007, p. 27).

Parte da população que recebeu a primeira edição a devolveu. Uma cidade tradicionalista não estaria acostumada com a criticidade que apresentava *O Progresso* (BUCHOLDZ, 2007, p. 28). Inferimos que, por esta razão, a mediação entre as forças políticas e sociais da cidade foi necessária ao jornal, para que ele pudesse sobreviver economicamente.

Como o jornal não tinha vendido tanto quanto se esperava, já em 1908, Jacob decidiu investir na modernização da produção do periódico, mudando a edição para um lugar maior. Também precisou investir na tecnologia de impressão e comprou um prelo alemão em Curitiba, de segunda mão (BUCHOLDZ, 2007, p. 29). Apesar de o prelo ser mais moderno que a prensa, ele era manual, havia um funcionário somente para girá-lo.

O papel também foi melhorado. Era importado de Hamburgo, na Alemanha, do tipo Germânia rosa. Foram compradas também mais fontes de tipo e de diferentes formas.

A partir de então, o jornal foi editado três vezes por semana (BUCHOLDZ, 2007, p. 29).

Para distribuir *O Progresso* da melhor maneira possível, Jacob percorria as cidades da região, buscando por novos assinantes, pois o seu desejo era de que o jornal se firmasse como sendo o grande jornal da região dos Campos Gerais (BUCHOLDZ, 2007, p. 29).

Em dezembro de 1908, Jacob Holzmann conheceu aquele que seria seu grande companheiro de trabalho no jornal: Hugo Mendes de Borja Reis.

3 BORJA REIS EM *O PROGRESSO*

Hugo Mendes de Borja Reis veio de São Paulo, e estava buscando um jornal no qual pudesse anunciar os produtos de seu escritório de representação. Revelando que trabalhara como jornalista na metrópole, recebeu o convite para trabalhar no jornal, deixando então, o escritório.

Apesar de parecer contraditório, acreditamos que seu discurso não pode ser lido com o olhar do nosso tempo. Gostaríamos de reiterar que esse jornalista não se propõe, em momento nenhum dos textos estudados dessa pesquisa, a fazer algum tipo de revolução social. Ele fazia fortes críticas à corrupção na política da época, à república militarista e escrevia sobre as possibilidades de desenvolvimento social, dentro do espectro ideológico que observamos no seu texto, que era o Positivismo.

No texto abaixo observamos a fundação da Sociedade Beneficente Operária:

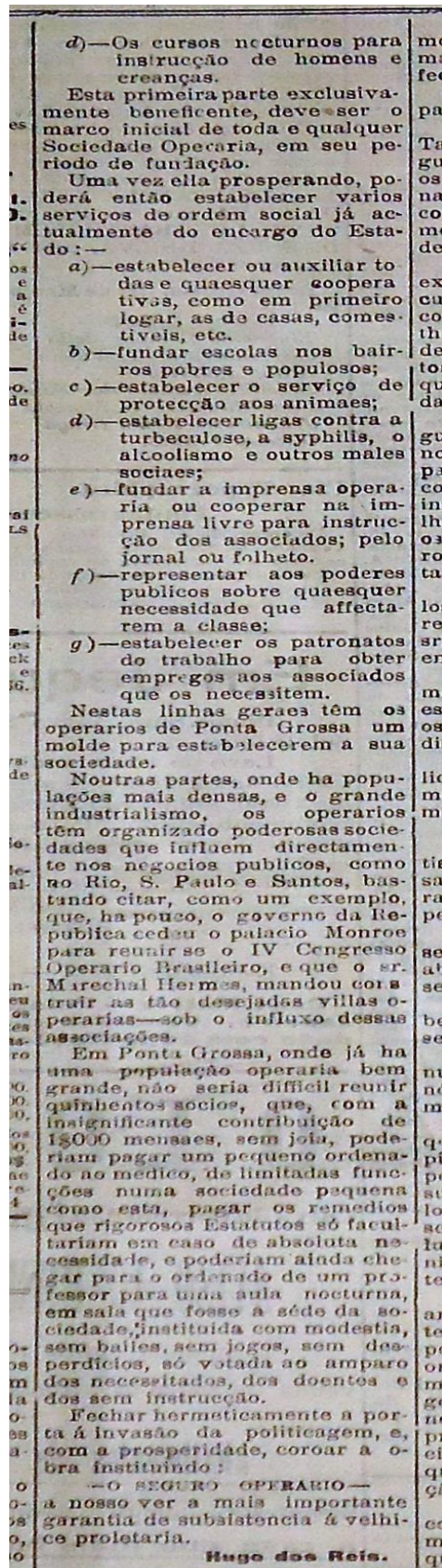
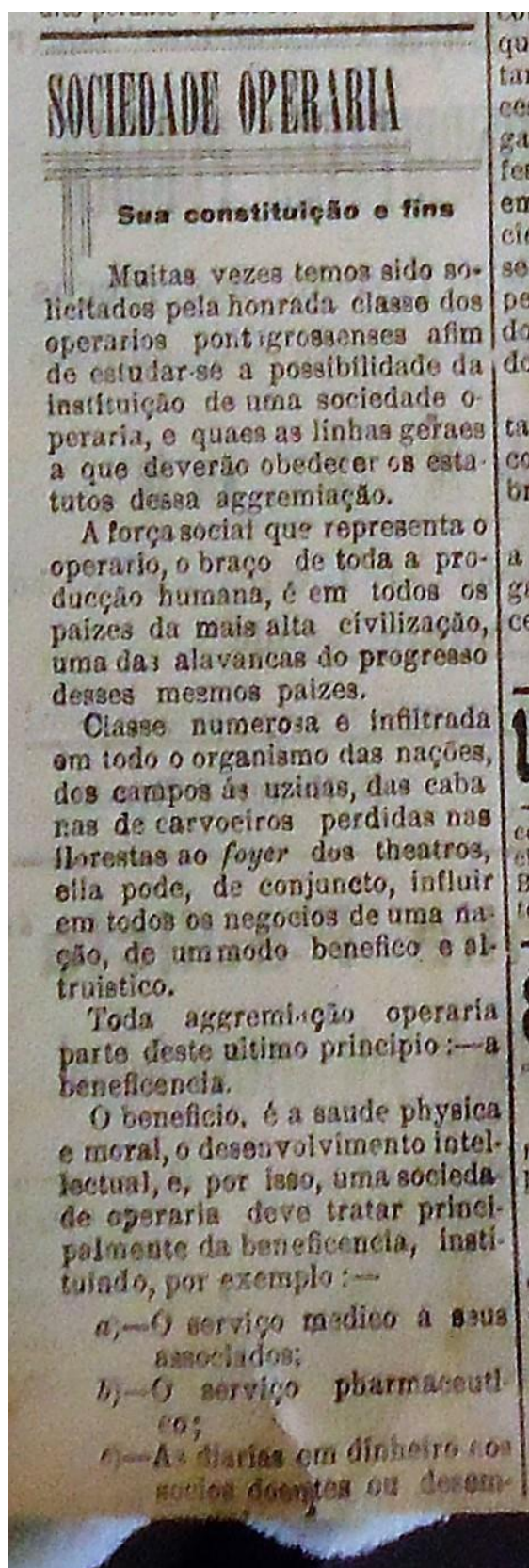


Figura 1: Publicação do dia 28/03/19

SOCIEDADE OPERÁRIA

Constituição e fins

Muitas vezes temos sido solicitados pela honrada classe dos operarios pontagrossenses afim de estudar-se a possibilidade da instituição de uma sociedade operaria, e quaes as linhas geraes a que deverão obedecer os seus estatutos dessa aggremação.

A força social que representa o operario, o braço de toda produção humana, é em todos os paizes da mais alta civilização, uma das alavancas do progresso desses mesmo paizes.

Classe numerosa infiltrada em todo o organismo das nações, dos campos ás uzinas, das cabanas dos carvoeiros perdidas nas florestas ao *foyer* dos theatros, ella pode, de conjuncto, influir em todos os negocios de uma nação, de um modo benefico e altruistico.

Toda aggremação operaria parte deste ultimo principio: - a beneficência.

O beneficio, é a saúde physica e moral, o desenvolvimento intelectual, e, por isso, uma sociedade operaria deve tratar principalmente da beneficência, instituindo, por exemplo: -

- a)-O serviço medico a seus associados;
- b)-O serviço pharmacêutico;
- c)-As diárias em dinheiro aos socios doentes ou desempregados;
- d)-Os cursos noturnos para instrucção de homens e crianças.

Esta primeira parte exclusivamente beneficente, deve ser o marco inicial de toda e qualquer Sociedade Operaria, em seu periodo de fundação.

Uma vez ella prosperando, poderá então estabelecer vários serviços de ordem social já actualmente do encargo do Estado: -

- a)-estabelecer ou auxiliar todas e quaesquer cooperativas, como em primeiro logar, as de casas, comestiveis, etc.
- b)-fundar escolas nos bairros pobres e populosos;
- c)-estabelecer o serviço de protecção aos animais;
- d)-estabelecer ligas contra a tuberculose, a syphilis, o alcoolismo e outros males sociais;
- e)-fundar a imprensa operaria ou cooperar na imprensa livre para instrucção dos associados; pelo jornal ou folheto;
- f)-representar aos poderes publicos sobre quaesquer necessidade que affectarem a classe;
- g)-estabelecer os patronatos do trabalho para obter empregos aos associados que necessitam

Nestas linhas geraes têm os operarios de Ponta Grossa um molde para estabelecerema sua sociedade.

Noutras partes, onde ha populações mais densas, e o grande industrialismo, os operarios têm organizado poderosas sociedades que influem directamente nos

negocios publicos, como no Rio, S. Paulo e Santos, bastando citar como um exemplo, que, ha pouco, o governo da Republica cedeu o palacio Monroe para reunir se o IV

Congresso Operario Brasileiro, e que o sr. Marechal Hermes, mandou construir as tão desejadas villas operarias – sob o influxo dessas associações.

Em Ponta Grossa onde ha uma população operaria bem grande, não seria difficil reunir quinhentos socios, que, com a insignificante contribuição de 1\$000 mensaes, sem joia, poderiam pagar um pequeno ordenado ao medico, de limitadas funcções numa sociedade pequena como esta, pagar os remedios que rigorosos Estatutos só falcultariam em caso de absoluta necessidade, e poderiam ainda chegar para o ordenado de um professor para uma aula nocturna, em sala que fosse a séde da sociedade, instituída com modéstia, sem bailes, sem jogos, sem desperdícios, só votada ao amparo dos necessitados, dos doentes e dos sem instrucção.

Fechar hermeticamente a porta á invasão da politicagem, e, com a properidade, coroar a obra instuindo:

- SEGURO OPERÁRIO –

a nosso ver a mais importante garantia de subsistência á velhice proletaria.

Hugo dos Reis (REIS, 1913)

Algum tempo depois temos o mesmo Borja Reis, escrevendo sobre o comércio e a indústria. Em especial neste texto, o jornalista festeja a fundação de um banco, para poder financiar a agricultura.

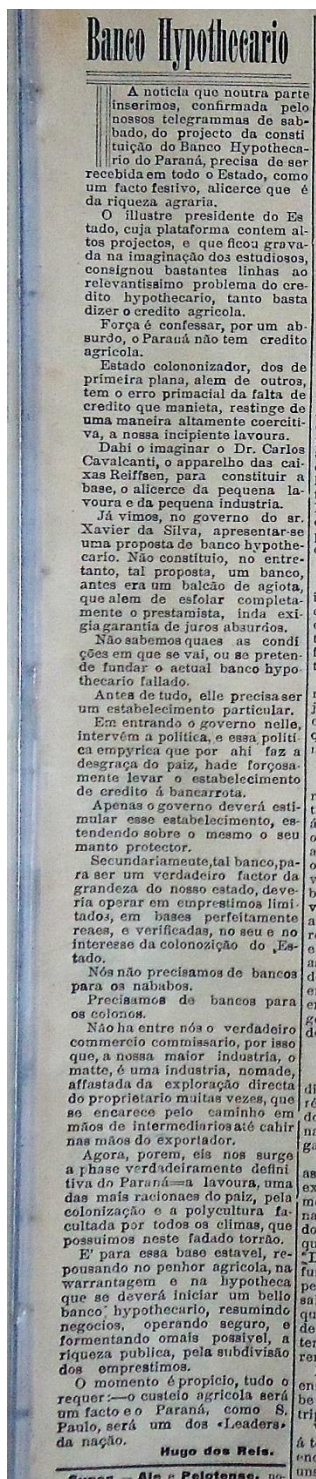


Figura 2: Publicação do dia 02/06/1913

Banco Hypothecario

A notícia que noutra parte inserimos, confirmada pelo nossos telegrammas de sabado, do projecto da constituição do Banco Hypothecario no Paraná, precisa de ser recebida em todo o Estado, como um facto festivo.

O ilustre presidente do Estado, cuja plataforma contem altos projectos, e que ficou gravada a imaginação dos estudiosos, consignou bastantes linhas ao relevantissimo problema do credito agricola.

Força é confessar, por um absurdo, o Paraná não tem crédito agricola.

Estado colonizador, dos de primeira plana, alem de outros, tem o erro primacial da falta de credito que manieta, restringe de uma maneira altamente coercitiva, a nossa incipiente lavoura.

Dahi o imaginar o Dr. Carlos Cavalcanti, o aparelho das caixas Reiffsen, para constituir a base, o alicerce da pequena lavourae da pequena industria.

Já vimos no governo do sr. Xavier da Silva, apresentar-se uma proposta de banco hypothecario. Não constituiu, no entretanto, tal proposta, um banco, antes era um balcão de agiota, que alem de esfolar completamente o prestamista, inda exigia garantia de juros absurdos.

Não sabemos quaes as condições em que se vai, ou se pretende fundar o actual banco hypothecario fallado.

Antes de tudo, elle precisa ser um estabelecimento particular.

Em entretanto o governo nelle, intervêm a politica, e essa politica, empyrica que por ahi faz a desgraça do paiz, hade forçosamente levar o estabelecimento de credito á bancarrota.

Apenas o governo deverá estimular esse estabelecimento, estendendo sobre o mesmo o seu manto protector.

Secundariamente, tal banco, para ser um verdadeiro factor da grandeza do nosso estado, deveria operar, em emprestimos limitados, em bases perfeitamente reaes, e verificadas, no seu e no interesse da colonização do Estado.

Nós não precisamos de bancos para os nababos.

Precisamos de bancos para os colonos.

Não ha entre nós o verdadeiro commercio commissario, por isso que, a nossa maior industria, nomade, affastada da exploração directa do proprietario muitas vezes, que se encarece pelo caminho em mãos de intermediarios até cahir nas mãos do exportador.

Agora, porém, eis nos surge a phase verdadeiramente definitiva do Paraná = a lavoura, uma das mais racionais do paiz, pela colonização, e a polycultura facultada por todos os climas, que possuímos neste fadado torrão.

É para essa base estavel, repousando no penhor agricola, na warrantagem e na hypotheca que se deverá iniciar um bello banco hypothecario, resumindo negocios, operando seguro, e formentando o mais possivel, a riqueza publica, pela subdivisão dos emprestimos.

O momento é propicio, tudo o que requer: - o custeio agricola será um facto e o Paraná, será um dos "Leaders" da nação.

Hugo dos Reis (REIS, 1913)

Nosso intuito, ao mostrar o que seriam aparentes contradições, é compreender o discurso de Borja Reis, pois ele tinha uma linha editorial, que será melhor analisada na parte 2 deste trabalho. Queremos apresentar a complexidade da sua escrita e daquela época também. Se por um lado era necessário, para Borja Reis, ajudar aos pobres e aos operários, também era

necessário ajudar a quem empreendia, plantava, comercializava. Muitos dos que tinham terras nesta época eram imigrantes, compreende-se assim que o progresso que Borja Reis defendia englobava a nação brasileira, que tinha acabado de sair do regime monárquico, com o crescimento econômico e a ajuda aos pobres. O Positivismo, filosofia que vemos presente em seus textos, nasceu em meio à Revolução Industrial na Europa, ou seja, empreender era visto como uma maneira de progredir; a instrução seria o caminho a ser utilizado pelos indivíduos para poder sobreviver e evoluir socialmente.

Em *O Progresso*, Borja Reis elaborou, defendeu e propagou seus ideais positivistas juntamente com ideais humanitários. Ideais estes que conduziram o seu discurso, desde a sua chegada a Ponta Grossa.

Desde a fundação do periódico, juntamente com Jacob Holzmänn, trabalhava João Dutra como redator e o recém-chegado Borja Reis, que recebeu o cargo de redator literário e depois de redator secretário (BUCHOLDZ, 2007, p. 32).

Uma das primeiras polêmicas que *O Progresso* publicou foi seu apoio, nas eleições presidenciais, a Ruy Barbosa, em detrimento do Marechal Hermes da Fonseca. Os textos em apoio a um candidato civil eram escritos por Borja Reis. No entanto, as classes sociais mais abastadas de Ponta Grossa apoiavam a candidatura do Marechal.

Nessa época os jornais já participavam ativamente das eleições. Um exemplo a ser citado foram as eleições para prefeito em 1916. Com um artigo chamado *Quem será o próximo prefeito?*, o jornal lembrava a população que naquele ano poderia votar, escolheria o novo prefeito da cidade. Além de descrever algumas ações do então prefeito, Theodoro Rosas, colocava algumas necessidades da cidade, que o próximo prefeito precisaria atender. Uma das principais da época era a construção de um colégio superior (BUCHOLDZ, 2007, p. 53).

Não existia uma lista oficial de candidatos, então o jornal confeccionou a própria lista, com cinco nomes. Eram nomes escolhidos de acordo com a importância daquela pessoa na sociedade, entre eles estava: "o fazendeiro e tenente-coronel José Miró de Freitas, o capitalista e coronel Lázaro de Oliveira Vargas, o capitalista e industrial Brasília Ribas Pinheiro Machado, o proprietário e coronel Leopoldo de Almeida e o negociante Amantino Antunes de Almeida" (BUCHOLDZ, 2007, p. 53).

Havia uma cédula eleitoral impressa no jornal que os eleitores deveriam recortar, preencher, assinar e levar à redação, para que se tivesse uma prévia de quem poderia ser o próximo prefeito (BUCHOLDZ, 2007, p. 53).

As pessoas poderiam votar em quem quisessem, secretamente, ou poderiam mostrar o nome do candidato em sua cédula para um funcionário do jornal. O candidato que ganhasse teria a sua fotografia publicada e um texto o apoiando (BUCHOLDZ, 2007, p. 53).

Quem ganhou na contagem de votos do jornal foi o médico Abraham Glasser, com 447 votos, vencendo 24 candidatos citados pela população. O segundo colocado foi o capitão Graciano Antunes, com 409 votos. O curioso é que nenhum dos dois nomes estava na listagem composta pelo jornal (BUCHOLDZ, 2007, p. 53).

Porém, as eleições oficiais foram muito mais disputadas e tumultuadas, com suspeitas de fraude. Por isso, o governador do Paraná, Affonso Alves de Camargo, determinou que Brasília Ribas fosse empossado interinamente como prefeito.

Em 1917, outras eleições foram realizadas, em que o médico Abraham Glasser, que vencera no jornal, também venceu nas urnas reais.

Em 1912, já havia notícias da disputa territorial na fronteira entre o Paraná e Santa Catarina; era o início da Guerra do Contestado. Foi um dos primeiros grandes trabalhos de Borja Reis, que, descontente em somente receber boletins e publicar no jornal, decidiu ir até a região do conflito.

Essa Guerra gerou grandes consequências em Ponta Grossa, pois a linha do trem São Paulo - Rio Grande passava pela região da disputa. Foram colocadas barreiras ao longo da linha, o que prejudicava o comércio e o abastecimento das cidades.

Com o acompanhamento do conflito, o jornal circulou melhor nas cidades próximas.

Além dos acontecimentos locais, o periódico também relatava a Primeira Guerra Mundial. O assunto não era tratado com a importância que tinha, pois os bilhetes informativos eram esporádicos e não se dava tanta importância também à guerra, pois não se considerava que tivesse alguma influência no cotidiano da cidade. No entanto, os imigrantes passaram a ser vistos com maior desconfiança. As reuniões em clubes geravam suspeitas sobre conspirações contra a pátria (BUCHOLDZ, 2007, p. 54).

Por volta de 1910 a 1912, em dificuldades financeiras, os acionistas começaram a desfazer-se de suas ações. Borja Reis, temendo que o jornal fechasse, comprou ações e ganhou como presente as de Jacob Holzmann e do médico Francisco Búrzio (BUCHOLDZ, 2007, p. 46).

A partir do final de 1912, foi criada a Companhia Tipográfica Pontagrossense. Ela tinha como sócio majoritário Eliseu de Campos Mello. Holzmann (2004) explica como essa empresa foi criada e organizada:

Em outubro do mesmo ano (1912), também no 1º do mês, ocorreu um fato de suma importância para a imprensa de Ponta Grossa: o retorno da dobradinha Hugo dos Reis-Jacob Holzmänn a O Progresso. (...)

O pequeno acervo do Correio dos Campos juntava-se ao do O Progresso, sendo tudo adquirido pela Companhia Tipográfica Pontagrossense, de recente incorporação. A diretoria da empresa era das melhores: presidente, José Domingues Garcia; vice-presidente, Dr. Eliseu de Campos Melo; gerente, Jacob Holzmänn; secretário, Hugo dos Reis; tesoureiro, Antônio Pedro Hoffmann; conselho fiscal: Teodoro Batista Rosas, José Pedro da Silva Carvalho e Evaldo Kossatz; suplentes: Eugênio Gambassi, Álvaro Martins, Júlio de Oliveira Franco e Francisco Burzio. Houve apenas uma exigência: Borja Reis, na redação e Jacob Holzmänn na gerência (HOLZMANN, 2004, p.286).

Na Companhia, Jacob Holzmänn, depois de um período afastado, assumiu a função de gerente, e Borja Reis, de redator. Essa Companhia incorporou o *Correio dos Campos* – pequeno jornal criado por Borja Reis, que também saiu por um período do jornal – e *O Progresso*.

Noticiaram, então, que a partir de 1º de Janeiro de 1913, o jornal seria distribuído gratuitamente para os assinantes e o nome mudaria para *Diário dos Campos*, tendo como subtítulo ex-O Progresso (BUCHOLDZ, 2007, p. 40).

Também estava disponível para os assinantes uma coluna de consultoria jurídica, feita pelo Dr. Miguel Quadros, um advogado da época.

No dia 20 de julho de 1917, chegou ao jornal um telegrama noticiando a organização de greve de operários, em Curitiba. Logo o Manifesto dos Operários foi publicado no jornal e Borja Reis seguiu para a Sociedade Operária Beneficente de Ponta Grossa, onde se reuniram 300 operários, fazendo uma manifestação pacífica, que seguiu pelas ruas do centro da cidade.

Pocai Filho (2010), explica como se deu esta greve na cidade:

Em Ponta Grossa, as manifestações foram marcadas pela organização de um comitê de Greve. Sendo que o proletariado regional tinha como principais porta-vozes a Sociedade Beneficente dos Operários.

(...)

As edições do Diário dos Campos detalharam a greve diariamente em suas páginas, entretanto não se registra os trabalhadores da ferrovia como oradores principais da Sociedade Operária Beneficente – sendo que figuras como Hugo dos Reis, Brasília Ribas, Capitão Pascoalino Provesiero, Dr. Flávio Carvalho Guimarães, Tenente Alberto Manhães Flores são registrados a todo momento nas páginas do periódico (POCAI FILHO, 2010, p.47, 48).

Também protestaram carroceiros e ferroviários. Todos marchavam contra a subida dos preços e contra os impostos. Os protestos e a greve reuniram mais de mil trabalhadores, em Ponta Grossa.

Todas as atas das reuniões da Sociedade Operária foram publicadas no jornal, que assumiu abertamente uma postura paternalista, em defesa dos trabalhadores. O manifesto publicado tinha como reivindicações:

(...) jornada de trabalho de oito horas, abolição completa de multas, impedimento de crianças menores de 14 anos e moças menores de 21 anos trabalharem, definição de uma tabela mínima de rendimento mensal e por hora para os trabalhadores, aviso prévio de dispensa, redução de impostos e intervalo de duas horas de descanso no horário de almoço, entre uma série de outras reivindicações (BUCHOLDZ, 2007, p. 50).

Posteriormente, os operários organizaram uma manifestação em agradecimento por quem apoiou o movimento.

Em meio ao movimento, Adolpho Paulista, líder anarquista da região, tentou imprimir ímpetos anarquistas aos grevistas, não obtendo sucesso e sendo duramente criticado pelo agora denominado *Diário dos Campos*.

Em 1917, quando o Brasil entrou na Guerra se declarando opositor da Alemanha, as notícias passaram a ser mais frequentes. Ponta Grossa era destino de muitos imigrantes, e o Estado passou a fiscalizar com mais afinco as atividades dos imigrantes em todo o país, e não seria diferente em Ponta Grossa.

O *Diário dos Campos* se posicionou de maneira a apoiar o governo, noticiando atividades que considerava suspeitas. Quanto à Guerra, as poucas notícias eram publicadas como folhetins, como um romance a ser acompanhado no jornal.

A gripe espanhola, em 1918, foi outra grande catástrofe sobre a qual o *Diário dos Campos* dava notícias e orientava a população. A informação da chegada do vírus dava conta de que ele havia sido trazido pelo vapor inglês Demerara, proveniente de Liverpool. Esse navio aportou no Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Em Ponta Grossa, morreram muitas pessoas, de todas as classes sociais: "soldados, vereadores, agricultores, médicos." (BUCHOLDZ, 2007, p. 56). As ruas da cidade ficavam vazias, e o jornal também deixou de ser confeccionado por duas semanas, pois vários funcionários foram infectados com a doença.

Além de ler, os assinantes podiam colocar suas reclamações e opiniões. Tudo era publicado.

Bucholdz (2007, p.59) esclarece que, em 1921, Borja Reis reclamava em seus textos que havia muita oposição ao seu trabalho, havia interesses que queriam impedi-lo de continuar

escrevendo. Um mês antes de vender o jornal, Borja Reis escreveu sobre seu sonho de fazer de o *Diário dos Campos* um grande jornal de circulação nacional (REIS, 31/08/1921).

Nós e a cidade

Si outro e mais efficaz fosse o auxílio do commercio e da industria de Ponta Grossa e Curitiba, ao "Diario dos Campos", nós, e só nós poderemos fazel-o no Parana, tendo um capital maior, de 50 contos, por exemplo, conseguiríamos o "Diario dos Campos" a circular em todo o Brasil (REIS, 31/08/1921).

Mas logo ele foi vencido pelas dificuldades, vendeu o jornal para o Dr. Felizardo Toscano de Britto, com a intermediação realizada por Eliseu dos Campos Mello e Vitor Antônio Batista.

No dia 2 de setembro de 1921, Borja Reis escreve uma nota se despedindo e agradecendo aos que o ajudaram a manter o jornal, "um fardo pesado, a cruz dolorosa de um jornal como este, de orientação difícil, imparcial e procurando ser justo". Assim se despediu Hugo Mendes de Borja Reis.

Tendo, nesta data, transfirido ao sr. Dr. Toscano de Britto ou empreza que organizar, por um contracto assentado e a ser lavrado nas notas do Tabellião Camargo, por arrendamento, e pelo prazo de um anno, e jornal "DIARIO DOS CAMPOS", desta cidade, é o meu primeiro cuidado, com abundância de oração, estender as mãos aos numerosos amigos desta cidade e Estado, e de fôra delle, que nessa longa peregrinação, durante 14 annos quasi, me ajudaram a conduzir o fardo pesado, a cruz dolorosa, de um jornal como este, de orientação difficil, imparcial, e procurando ser justo, para a conserdia, a união e o amôr, pugnar pelos interesses de Ponta Grossa e do Paraná (REIS, 02/09/1921).

Posteriormente, sob o comando na redação de José Cadilhe, foi mantida a mesma linha crítica e de alegada defesa da sociedade. Ainda gerando polêmicas, como “porta-voz da verdade” (BUCHOLDZ, 2007, p. 66)

4 VIDA DE HUGO MENDES DE BORJA REIS



Figura 3: Imagem de Hugo Mendes Borja Reis. Fonte: Sociedade Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados (sem data)

Após ler textos de Borja Reis, obtivemos informações acerca de sua vida e, antes de apresentar a sua biografia e analisar alguns de seus textos, gostaríamos de refletir sobre o olhar que colocamos sobre esse jornalista e sua maneira de fazer imprensa.

É impossível apreender a realidade em sua totalidade; quanto mais estudamos a linguagem, mais devemos nos dar conta da opacidade, da controvérsia e dos inúmeros meandros e metáforas que se entremeiam entre as palavras, que nos levam a elocubrações, a outros lugares, a outros discursos. Pensando naquele momento histórico, gostaríamos de pensar de que lugar Borja Reis escrevia. Havia a busca de concretização da República, isto é, um momento político conturbado. Uma sociedade recém saída da Escravatura e da Monarquia gerava intelectuais que se utilizavam do papel para tentar mostrar que havia alguma luz no fim do

túnel. Borja Reis construiu seu *ethos* se colocando como um servo do povo, população que teria no jornal espaço para a sua voz ser ouvida – como analisaremos na segunda parte do trabalho.

Esse jornalista, no mesmo jornal, escrevia sobre a Greve de 1917 e também sobre o comércio. Acreditamos – e procuraremos demonstrar nos textos, na segunda parte do trabalho – que sua escrita continha contradições, mas seu discurso tinha uma linha de pensamento, pelo menos com relação à imprensa, objeto desta pesquisa.

O texto, a linguagem, o discurso são nossos campos de estudo. A partir do texto, da linha filosófica que apresenta, da discursividade construída por meio das palavras, olhamos para Hugo Mendes de Borja Reis sem tentar enquadrá-lo em nenhuma perspectiva já existente. Lemos e ouvimos sua voz, a quais discursos ele recorre para construir o seu e assim poderemos inferir em quais espaços discursivos ele circula e a que o discurso ele se propunha.

Hugo Mendes de Borja Reis nasceu na cidade de Valença, no Rio de Janeiro no dia 10 de Dezembro de 1884, mas foi criado em São Paulo. Seu pai era jornalista e economista, se chamava Joaquim Antonio de Borja Reis e sua mãe Amélia Mendes de Borja Reis.

Segundo Maia (2011), Borja Reis veio para Ponta Grossa por causa do clima ameno, por recomendação médica. Viveu de 1908 a 1924 na cidade, constituiu família aqui, casando-se com Rosália de Almeida Barros, com quem teve seis filhos.

N. 4243
Cidade do Tribunal Regional

TÍTULO DE ELEITOR

ESTADO DE SÃO PAULO

5.ª zona Capital. (Município)

Domicílio eleitoral Sé.

Número de ordem da inscrição 1916.

Data da inscrição no cartório 24 de Fevereiro de 1933.

NOME E SOBRENOME DO ELEITOR (por extenso)
HUGO DE BORJA REIS.

Filiação Joaquim Antonio dos R. Junior.

Naturalidade Valença, Est. do Rio.

Idade 48 anos — Data do nascimento 10-12-1884.

Qualificativos

Estado civil Casado.

Profissão Guarda-livros.

[Assinatura]
Assinatura do Eleitor

O presente título é expedido de acordo com o Código Eleitoral da República e em cumprimento ao despacho do Presidente do Tribunal Regional de Justiça Eleitoral do Estado de São Paulo e recebeu o número 4243 aos 8 dias do mês de março do ano de mil novecentos e trinta e três.

[Assinatura]
Diretor da Seção

Folgar direito

Formula dactiloscópica

Dezembro ..
o dorso, a
idante banha
o espaço h

Figura 4: Cópia do título de eleitor de Hugo Mendes Borja Reis, enviada por seu neto, Théo de Borja Reis, à Sociedade Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados, no dia 07/03/1972

Logo que começou a publicar seus textos, Borja Reis fez com que um número maior de exemplares fossem vendidos e novos assinantes pagassem o jornal mensalmente. O entusiasmo com que ele escrevia conquistou os leitores, sempre se dizendo em defesa da democracia e do povo; republicano que era, sempre procurava fazer um discurso em defesa de ideais para uma sociedade mais justa, numa época em que a desigualdade social era enorme. Isso fez com que Jacob o nomeasse como redator literário e depois como redator secretário (BUCHOLDZ, 2007, p. 32).

Além de escrever artigos sobre política, sociedade e outros assuntos, o jornalista utilizava o jornal para propagar a Doutrina Espírita. Maia (2011) explica que:

Espírita convicto, Hugo Reis compreendia que através do jornalismo tinha nas mãos uma poderosa ferramenta de difusão doutrinária, passando assim a publicar no jornal artigos, textos psicografados e notícias acerca do Espiritismo (MAIA, 2011, p. 40)

Reis também publicou a *Revista Social do Espiritismo* (MAIA, 2011), que tratava de Ciência, Arte, Religião e vários outros assuntos. "O primeiro artigo assinado por Hugo dos Reis naquela edição trata de instruções para os trabalhos mediúnicos.(...) Traz ainda um texto intitulado Pensamentos de Jesus e o soneto mediúnico Amor do Céu. " (MAIA, 2011, p.42)



Figura 5: Cópia da Revista Social de Espiritismo publicada em Ponta Grossa. Fonte: Sociedade São Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados.



Figura 6: Cópia de artigo de Borja Reis na Revista Social de Espiritismo, publicada em Ponta Grossa. Fonte: Sociedade Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados.

Na Sociedade Francisco de Assis, fundada no dia 20 de janeiro de 1912 (MAIA, 2011), havia muitos trabalhos sociais desde seu início. Em 1917, decidiram fundar um projeto de ensino para adultos, noturno e gratuito. Vários professores voluntários trabalharam lá, inclusive Borja Reis, ensinando Literatura e Filosofia (MAIA, 2011, p.55).

Um jornalista espírita, que propagava suas crenças e enaltecia a solidariedade, era o mesmo jornalista que demonstrava ter amplo conhecimento em política e assuntos comerciais. A complexidade desse jornalista continuará a ser mostrada adiante.

O Positivismo, corrente filosófica muito forte no século XIX, era, como já observamos, uma forte influência em Borja Reis, demonstrada em seus textos. Observemos o texto a seguir sobre civismo:

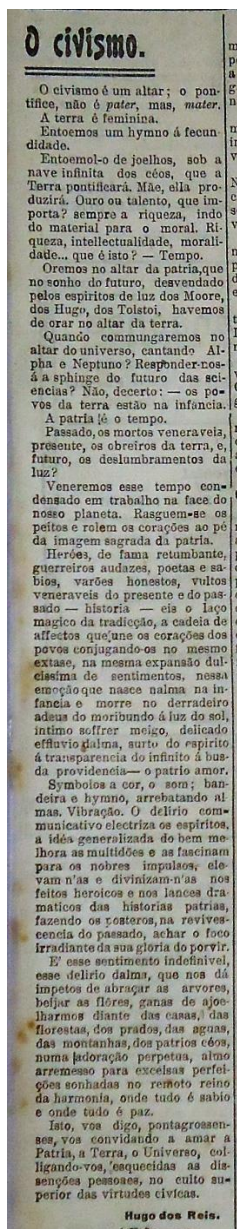


Figura 7: Texto publicado dia 17/05/1913

O Civismo

O civismo é um altar; o pontífice, não é *pater*, mas *mater*.

A terra é feminina.

Entoemos um hymno á fecundidade.

Entoemol-o de joelhos, sob a nave infinita dos céos, que a Terra pontificará. Mãe, ella produzirá. Ouro ou talento, que importa? sempre a riqueza, indo do material para o moral. Riqueza, intellectualidade, moralidade....que é isto? — Tempo.

Oremos no altar da patria, que no sonho do futuro, desvendado pelos espiritos de luz dos Moore, dos Hugo, dos Tolstoi, havemos de orar no altar da terra.

Quando commungaremos no altar do universo, cantando Alpha e Neptuno? Responder-nos-á a sphinge do futuro das sciencias? Não, decerto: - os povos da terra estão na infancia.

A patria é o tempo.

Passado, os mortos veneraveis, presente, os obreiros da terra, e, futuro, os deslumbramentos da luz?

Veneremos esse tempo condensado em trabalho na face do nosso planeta. Rasguem-se os peitos e rolem os corações ao pé da imagem sagrada da patria.

Heróes, de fama retumbante, guerreiros audazes, poetas e sabios, varões honestos, vultos veneraveis do presente e do passado – história – eis o laço magico da tragico da tradição, a cadeia de affectos que une os corações dos povos conjugando-os no mesmo extase, na mesma expansão dulcissima de sentimentos, nessa emoção que nasce nalma na infancia e morre no derradeiro adeus do moribundo á luz do sol, intimo soffrer meigo, delicado effluvio dalma, surto do espirito á transparencia do infinito á busca da providencia – o patrio amor.

Symbolos a cor, o som; bandeira e hymno, arrebatando almas. Vibração. O delirio communicativo electriza os espiritos, a idéa generalizada do bem melhora as multidões e as fascina para os nobres impulsos, elevam n'as e divinizam-n'as nos feitos heroicos e nos lances dramaticos das historias patrias, fazendo os posterios, na revivescencia do passado, achar o foco irradiante da sua gloria do porvir.

É esse sentimento indefinivel, esse delirio dalma, que nos dá impetus de abraçar as arvores, beijar as flôres, ganas de ajoelharmos diante das casas, das florestas, dos prados, das agnas, das montanhas, dos patriso céos, numa adoração perpetua, almo arremesso para excelsas perfeições sonhadas no remoto reino da harmonia, onde tudo é sabio e onde tudo é paz.

Isto, vos digo, pontagrossenses, vos convidando a amar a Patria, a Terra, o Universo, coligando-vos, esquecidas as dissensões pessoaes, no culto superior das virtudes civicas.

Hugo do Reis (REIS, 1913)

Neste texto Borja Reis expõe de maneira intensa e hiperbólica quão importante para a formação de uma nação era o amor à Pátria, o civismo, o respeito às instituições. O jornalista, que escrevia de maneira a envolver o seu leitor, demonstra nesse texto o seu desejo de que a população criasse um patriotismo e um senso de dever com seu país. Lembramos que, naquele momento, a República no Brasil ainda era muito jovem, era comum que intelectuais da época tentassem inculcar a ideia de nação em seus leitores.

Tratando um momento das influências de Borja Reis, Bucholdz (2007) explica em sua obra que o jornalista tinha como referenciais literários Charles Dickens, Victor Hugo, Gustave Flaubert, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Visconde de Taunay, Charles Baudelaire, entre outros (BUCHOLDZ, 2007, p. 31). Essa bibliografia nos remete à possibilidade de uma leitura de uma linha mais crítica e preocupada com questões sociais.

Borja Reis elaborou um discurso que leva o leitor a crer que toda a sua preocupação em refletir sobre a realidade e formar opinião é em decorrência da convicção de que a profissão de jornalista (que não era regulamentada na época) era uma vocação a ser cumprida, uma missão de vida; Borja Reis declarava escrever com vistas a defender o povo:

Programa... O nosso? Temo-lo dito mil vezes: defender o povo. E temos o direito de defender o povo do Paraná? Temos! Somos brasileiro, somos paranaense, que já há pouco neste nobilíssimo Estado – nobre no civismo, nas letras, nas ciências e nas artes, muitas vezes célebre nas lutas do pensamento livre – tivemos ocasião de defendê-lo. Com a pena, com o sangue. Quem há por aí que não diga, não por falsidade, não por

perversidade, por inversão atroz dos bons sentimentos, mas de dentro d'alma, mas de dentro da consciência, de dentro do coração, que nós somos de fato paranaense? Ninguém (REIS in HOLZMANN, 2004, p.279). (grifo nosso)

Com esse discurso, ele não mediu esforços em escrever também em outros pequenos jornais da época: *A Vedeta*, com Vicente Postiglioni, e o jornal *Escarpelo*, com Teixeira Coelho e Gigio Damiani ⁷(BUCHOLDZ, 2007, p. 32).

Conforme Bucholdz (2007, p.31), a sua visão de mundo era "a partir de uma ótica e lógica 'urbana', que valorizava o cientificismo e o academicismo. " Ou seja, vindo de metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, ele trouxe para Ponta Grossa, por meio de *O Progresso* e depois o *Diário dos Campos*, uma perspectiva da vida social muito diferente da maioria dos habitantes da cidade, principalmente dos habitantes pertencentes à elite, formada por grandes fazendeiros e comerciantes, e não somente isso, também demarcou uma linha positivista de análise e defesa de seus posicionamentos.

Apesar de estar vivendo em uma cidade provinciana, não era alheio aos acontecimentos de fora dos Campos Gerais, muito pelo contrário, noticiava e comentava fatos regionais (como a Guerra do Contestado) e nacionais (como sua preferência por Ruy Barbosa para ser presidente da República em detrimento de Hermes da Fonseca).

Por causa de suas posições políticas, o jornal acabou sendo alvo do descontentamento de alguns componentes da sociedade local, que viam com maus olhos alguém que escrevia teses sobre o que seria para ele justiça social numa cidade em que a desigualdade social era a mantenedora do *status quo*, em que somente quem tinha terras, muito dinheiro e boas ligações políticas, desfrutava do grande crescimento de Ponta Grossa no início do século XX. Porém, em meio à população geral, ele conquistou grande respeito.

Concomitantemente ao alcance da respeitabilidade da população comum, Borja Reis também conseguia se manter entre integrantes da elite da cidade. Devemos ler esse jornalista como um fiador complexo de um discurso pertencente a um momento histórico intrincado de vários acontecimentos históricos importantes. A Análise do Discurso fornecerá ferramentas para que possamos ter uma melhor compreensão do seu fazer jornalístico dentro de seus textos.

⁷ Luigi Damiani, anarquista que imigrou da Itália para o Brasil após ser preso duas vezes. Chegou ao Brasil em 1898 e partiu do país em 1919, voltando para a Europa para defender seus ideais. Faleceu em 1954. Fonte: BIONDI, L. Anarquistas (p. 117-147); BIONDI, L. Construção (v. 1, p. 251-278); DAMIANI, L. Paesi.

Em 1909, foi aberto o jornal *Diário do Paraná*. Esse periódico foi idealizado por opositores de João Dutra – redator-chefe do, na época ainda denominado, *O Progresso* – e em consequência do jornal e dos textos de Borja Reis. A partir desse momento, a situação ficou muito mais tensa entre alguns políticos da cidade e *O Progresso*.

Artur Brasil, segundo Bucholdz (2007, p.36) teria sido pago para comandar capangas da região, com o objetivo de destruir a redação do jornal e assassinar Borja Reis. No entanto, Arthur Brasil mesmo avisou Jacob Holzmann – proprietário do jornal – do que poderia acontecer e o dinheiro que recebeu para cometer o atentado, e pediu que esse dinheiro, que recebeu para cometer o atentado, fosse doado para a Santa Casa de Misericórdia.

Apesar do aviso, no dia 28 de maio de 1909, João Dutra e Borja Reis, que estavam comandando o fechamento da edição, foram atacados por alguns políticos e mais de dez capangas. Ainda segundo Bucholdz (2007, p.36), um dos capangas falou em frente ao jornal: “Ponta Grossa, por esse seu emissário, exige a expulsão de João Dutra da cidade.”

Borja Reis tentou conversar com o grupo, mas João Carroceiro, um dos capangas, feriu-o com um tubo de ferro na cabeça. O jornalista desmaiou na hora. (BUCHOLDZ, 2007)

João Dutra foi colocado à força em um trem, ferido por espancamento e foi ferido com uma faca em um dos rins. Nesse trem, ele foi mandado para São Paulo, sem ninguém poder avisar a família. Em Itararé, o trem foi parado e ele foi resgatado por uma comitiva organizada pelo empresário Henrique Thielen, que de Ponta Grossa ligou para amigos daquela cidade, para que amparassem João Dutra.

Na volta de João Dutra, redator de *O Progresso*, houve grande comoção na cidade. Em sua chegada na estação de trem, ele foi recebido pela Banda Lyra dos Campos e pela Banda União e Recreio. Havia também multidão esperando sua volta, com direito a rojões (BUCHOLDZ, 2007, p. 36-37).

Da estação de trem, as pessoas seguiram até a casa de Borja Reis, ovacionando-o. Ele fez um pequeno discurso, no qual, entre outras coisas, disse: “Perdoai-lhes Pai, eles não sabem o que fazem” (BUCHOLDZ, 2007, p. 37).

O jornal *O Diário do Paraná*, depois desse episódio, foi fechado. Os proprietários foram passar férias em Curitiba (BUCHOLDZ, 2007, p. 37).

Mas, dez meses depois, houve outro atentado, somente contra as máquinas. Este foi melhor sucedido, pois foi destruída a página que estava pronta para impressão, e as caixas com os tipos gráficos também foram desorganizadas, fazendo com que várias pessoas tivessem que ajudar para reorganizar tudo (BUCHOLDZ, 2007, p. 37).

Em fevereiro de 1910, Borja Reis saiu do jornal e arrendou, em sociedade com um amigo, o Hotel Guzzoni. Também reativou o escritório de representações comerciais (BUCHOLDZ, 2007, p. 38)⁸.

João Dutra, em junho do mesmo ano, mudou-se com a família para Taubaté. Sem os dois principais jornalistas do – na época – *O Progresso*, Jacob Holzmann procurou por Borja Reis, eles conversaram e, no dia seguinte, com a sociedade desfeita, Borja Reis voltou a escrever no jornal.⁹

Em maio de 1911, alegando buscar mais estabilidade financeira, Borja Reis deixou novamente a direção do periódico. Com casamento marcado com Rosalina de Almeida Barros para o dia 24 de novembro, ele fundou o semanário *Correio dos Campos*, distribuído gratuitamente, um dia depois do casamento.

Nesse mesmo ano, Borja Reis tomou a iniciativa para que fosse criada a Sociedade Operária Beneficente de Ponta Grossa. De acordo com Bucholdz (2007, p.48), o jornalista foi o primeiro presidente da Sociedade, que tinha a participação de muitos imigrantes, pois demonstravam maior consciência da luta por seus direitos do que os trabalhadores da cidade.

Em outubro de 1912, Borja Reis retornou para o jornal, juntamente com Jacob Holzmann. Nesse momento, o empresário Eliseu de Campos Mello, com outros sócios, criou a Companhia Tipográfica Pontagrossense e incorporou o jornal a essa companhia. Assim, o periódico pode ser publicado diariamente.¹⁰

Foi nessa época – fim de 1912 e início de 1913 – que o nome do jornal mudou para *Diário dos Campos*, com *O Progresso* colocado como subtítulo.

Hugo Mendes de Borja Reis se tornou uma figura importante em Ponta Grossa na época. Ele somente deixou de escrever para o jornal quando a situação financeira do periódico já era insustentável para ele.

Em fevereiro de 1915, o jornal passava por graves dificuldades financeiras. Borja Reis não queria que o periódico fechasse, então comprou a parte de alguns sócios e, sensibilizados, Jacob Holzmann e o médico Francisco Búrzio doaram suas ações para ele.

Nesta pesquisa, consideramos que suas convicções republicanas e sociais, além de uma raiz espírita, também têm raiz na cultura francesa, pois suas citações nos textos apontam para

⁸ BUCHOLDZ, H. N. *Diário dos Campos: Memórias de um jornal centenário*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

isso:

Mas, este cronista, de uma política republicana diversa da seguida pelo ilustre morto, não podendo quebrar a imparcialidade deste jornal, tem sobre a personalidade do presidente morto, a mesma opinião que quando vivo.

Aquele cidadão, representava a transição de uma ideia para outra, do império para a república, e qualquer que fosse a sua fé republicana, nesta havia de guardar uns recibos da fé monárquica. Efetivamente, a república federativa faz do presidente – imperador. A culpa não é do presidente, a culpa é do regime.

A irresponsabilidade dos ministérios, a potência das oligarquias estaduais, a passibilidade do Congresso, onde se discutem *arranjos* e não projetos, a manipulação do poder judiciário mal pago e cujas nomeações e acessos dependem da politicagem, fazem com que os três poderes constituídos sejam apenas dois a saber: - o poder do Presidente, da República e poder das Oligarquias (REIS, 1909).

O povoado tem uma população infantil superior a cem crianças.

Nós já não queremos falar a necessidade inadiável de ser criado no Brasil O PROFESSORADO AMBULANTE para a instrução primária das classes agrícolas, como se faz na França.

Mas, havendo no distrito judiciário, criadas, duas escolas primárias, é de inadiável necessidade que o Governo mande provê-las, afim de que, ao menos, a população urbana tenha instrução (REIS, 1909).

Alguns poucos, consolamo-nos com o cumprimento do dever, porque, alguns brasileiros, ao segui-la, vemos a dar-nos nutos de fogo, a exprimir-nos a atração estonteante da glória, uma estrela de amor, luz vespertina vinda pelo entardecer das ambições, que nos aparece na umbrosidade, ao cair da noite da desgraça, ao passarmos envolto de trévea pelas sensações dos circuitos magnéticos do ártico pólo da morte, e que, estrela, - fé, religião e sentença – singra-nos o céu, à frente, como um farol navegante que jamais levará à mercia a a atividade do barco, ambos eternos, espírito e coração, luz e matéria, a sulcarem, ao bater sincrônico das máquinas propulsoras, os mares infinitos, e que nos guia, como outrora, talvez, quem sabe? Ela mesma, estrela, guiava os Magos à cocheira de Nazareta.

É a estrela do espiritualismo científico.

E o Brasil, moral, é um Messias a nascer... Aquele sonho de Vie or Hugo...

Oh! - o Brasil salvador do mundo! Merece bem ser um sonho de um poeta (REIS, 1909). (grifo nosso)

As críticas políticas de Borja Reis apontam como estava sendo vivido o processo político na época. O Brasil, pouco tempo antes, era uma Monarquia e agora tinha uma República Militarista, que, para o jornalista, não representava a democracia. O seu modelo de república, cultura e sociedade era a França, com exemplos sobre como desenvolver a educação no interior do Brasil, e não somente isso, mas também a intelectualidade do país.

Depois de alguns anos, em 1921, novamente estava muito difícil conseguir manter o jornal para Borja Reis. Apesar de seu sonho em fazer com que o jornal crescesse e tivesse expressão nacional, não foi possível para ele concretizar esse desejo. Eliseu de Campos Mello

e Vitor Antônio Batista intermediaram a venda do jornal para Felizardo Toscano de Brito.¹¹

No dia 2 de setembro de 1921, Borja Reis informou no jornal que não era mais o seu diretor: "fardo pesado, a cruz dolorosa de um jornal como este, de orientação difícil, imparcial e procurando ser justo".¹²

Segundo informa Bucholdz (2007, p.59), Borja Reis falava em se mudar para São Paulo, onde seria mais fácil fundar um jornal que pudesse ter grande circulação.

Para termos uma melhor compreensão da linha histórica da vida de Borja Reis, elaboramos uma breve cronologia do jornalista:

1884: Nasceu em Valença, no estado do Rio de Janeiro.

1908: Na segunda quinzena de dezembro de 1908 começou a trabalhar no periódico *O Progresso*. Ele já escrevia no jornal *O Escarpello*.¹³

1909: No dia 02 de Abril iniciou a edição do semanário *A Vedeta*, publicado pelo Centro Anticlerical de Ponta Grossa. (HOLZMANN, 2004)

No dia 28 de Maio o jornal *O Progresso* é atacado. (HOLZMANN, 2004)

No dia 12 de Outubro realizou sua primeira saída de *O Progresso*.

1910: No dia 14 de Junho, voltou a escrever em *O Progresso* como redator-chefe.

Casou-se com Rosália de Almeida Barros.

1911: Depois de sair do jornal, retornou no dia 08 de Maio, como diretor.

Dia 24 de novembro saiu novamente e logo após abriu o *Correio dos Campos*.

1912: Em Janeiro começou a circular o *Correio dos Campos*.

Voltou a fazer parceria com Jacob Holzmann em *O Progresso*.

1913: *O Progresso* passou a se chamar *Diário dos Campos*.

Auxiliou a fundação da Sociedade Operária Beneficente de Ponta Grossa.

1913/1914: Conflitos entre o jornal *Diário dos Campos* e *O Paraná*, de propriedade de militares.

1915: Dia 18 de Fevereiro, Jacob Holzmann deixou o jornal, e Borja Reis o adquiriu.

Dia 09 de Dezembro, Borja Reis fundou a firma Hugo Reis e Cia.

1922: O *Diário dos Campos* foi vendido para o Dr. Felizardo Toscano de Brito.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Idem.

Borja Reis foi morar próximo ao rio Tibagi, trabalhando com reflorestamento.

1924: Último ano que escreveu no *Diário dos Campos*.

1925: Dia 25 de Maio, de volta a Ponta Grossa, voltou ao jornalismo fundando o jornal *O Comércio*.

1927: Por causa de grandes dificuldades financeiras, deixou Ponta Grossa e voltou para a cidade de São Paulo.

1927/1929: Trabalhou como redator do jornal *O Correio Paulistano*.

1932: Trabalhou no Departamento Central de Compras da cidade de São Paulo, redigindo a sua lei constitutiva e estruturação administrativa.

1934: Ocorreu o seu falecimento, no dia 29 de Junho (HOLZMANN, 2004; BUCHOLDZ, 2007).

Elaborei esta cronologia com base nos dados históricos que obtive na pesquisa bibliográfica em Holzmann (2004) e Bucholdz (2007).

Como pudemos observar, Borja Reis foi um intelectual que se utilizou da imprensa para propagar o seu discurso. Wasserman (2015) explica, a partir de Jean-Paul Sartre, o conceito de "pequeno mundo estreito".

Significa dizer que o "pequeno mundo estreito" o qual se referia Jean-Paul Sartre, a despeito de sua enorme variedade de tipos, reunia-se em locais definidos pelo contexto cultural da época. Chamados de "estruturas de sociabilidade" (Sirinelli, 1996, 248), esses ambientes podem ser as revistas, os conselhos editoriais, as universidades, os centros de estudos e pesquisas, os núcleos de análise de conjuntura, os jornais de grande circulação, as associações de escritores, as sociedades científicas, os círculos literários, os clubes de artistas plásticos etc. (...) A definição de "estrutura de sociabilidade" remete aos demais fatores a considerar, para além do lugar (espaço físico) onde os intelectuais se reúnem.

Esses fatores dizem respeito às relações que os atores sociais estabelecem entre si e com a sociedade. As relações que os intelectuais estabelecem entre si no âmbito das estruturas de sociabilidade são complexas e podem ser resumidas em ao menos dois fatores: estratificação e formação de redes (WASSERMAN, 2015, p.70).

Entendemos que havia uma estrutura formada para que o discurso de Borja Reis fosse construído, forjado de argumentações e influenciasse a sociedade da época. *O Progresso* foi a plataforma na qual o jornalista pode elaborar e expandir a sua voz e seu *Ethos* Discursivo. Partimos do contexto histórico para a análise de seu discurso sobre a imprensa, por meio de alguns de seus textos, elencados na segunda parte deste trabalho.

PARTE II

1 ANÁLISE DE TEXTOS - FERRAMENTAS TEÓRICAS UTILIZADAS

A análise do discurso de Borja Reis, em *O Progresso*, será realizada pelo viés da Análise de Discurso de linha Francesa. A AD teve início na França, na década de 1960. Naquele momento havia uma grande agitação política e social.

A tradição francesa na análise de textos literários era muito forte, porém, por conta do choque entre movimentos políticos naquele momento, pesquisadores começaram a analisar textos que tratavam do tema, falas e como se persuadia as pessoas para seguirem alguma corrente de ideias. Daí nasceu a Análise de Discurso (ORLANDI, 2015).

A AD tem origem em três correntes de pensamento:

- a) Marxismo
- b) Psicanálise
- c) Linguística

Do Marxismo, utilizou o conceito sobre materialismo histórico dialético. O objeto de estudo é o discurso, que se apresenta e se expande por meio do texto. A fala e a escrita são canais de expressão e construção do discurso, que, por meio da linguagem, caminha no tempo. A história é o pavimento sobre o qual são construídas e firmadas as ideias por meio do discurso. A cultura, os costumes, as concepções de mundo, o modo de vida das pessoas e a construção de nossas identidades são permeadas pelo discurso. Sob este viés, a AD olha para a história e para a linguagem e estuda como uma ação humana constrói outra. O construto que é resultado da composição entre história e linguagem é a sociedade e tudo que se cultiva, ou seja, a cultura, os jogos de interesses, os movimentos ideológicos e filosóficos e todo o agir do ser humano (ORLANDI, 2015; MAINGUENEAU 1997, 2008).

Na Psicanálise a AD buscou um conceito para o sujeito no discurso. O sujeito aqui é multifacetado e não é dono nem criador do que diz; ele é fruto do discurso e seu agente disseminador. Várias vozes formam um sujeito discursivo que, a todo momento, é atravessado por outras vozes que vão moldando e dando substância a sua fala e escrita (ORLANDI, 2015).

A Linguística é tomada como aporte teórico para a análise dos textos. É importante saber como se estrutura uma oração, um texto, para que se possa estudar o discurso por meio dele exibido e colocado nas entrelinhas também. A função de cada palavra e sua colocação faz parte da construção e do fazer discursivo. O não-dito, as áreas opacas do texto também fazem parte da discursividade que é expressada por meio da linguagem, que nunca é isenta com relação a posicionamentos sociológicos, filosóficos e ideológicos.

Brandão (1997, p.35) aponta sobre o discurso que:

(...) se processo discursivo é produção de sentido, discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações. E aqui, o lugar específico da constituição dos sentidos é a formação discursiva, noção que, juntamente com a condição de produção e formação ideológica, vai constituir uma tríade básica nas formulações teóricas da análise do discurso (BRANDÃO, 1997, p.35).

Destacamos que a formação discursiva congrega a subjetividade, a historicidade e o meio pelo qual o discurso faz emergir significações. A partir desta base teórica são formulados os conceitos de memória discursiva e interdiscurso.

A subjetividade é o pedaço de si que cada pessoa imprime no discurso. Como uma peça de um jogo de quebra-cabeças, tendo a história, o fato como base, esse discurso carregado de subjetividades caminha no tempo e é firmado por meio do interdiscurso, que sobrevive à passagem do tempo (ORLANDI, 2015; MAINGUENEAU, 1997, 2008).

Concomitantemente, o interdiscurso constrói o discurso e as subjetividades do ser humano. Imaginemos um trem em movimento. A linha pela qual ele trafega é o tempo, o trem é o interdiscurso. À medida que esse trem trafega sobre a linha, ele deixa marcas, são essas marcas que modelam a cultura, o modo de vida, o pensamento do ser humano.

O interdiscurso atravessa o tempo. Inferimos que seja ele que forme o sujeito como ele é, em uma cultura específica, em um momento histórico específico. O interdiscurso é o que está presente no que foi, é e será. É uma mescla de tudo que já foi pensado pelo ser humano, do que é pensado hoje e é base do que será pensado no futuro (ORLANDI, 2015).

A memória discursiva é que permite que o interdiscurso venha à tona, por meio da linguagem. Orlandi explica que:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E nessa perspectiva ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (ORLANDI, 2015, p.29).

A AD trabalha com o interdiscurso que é manifestado pelo sujeito por meio da escrita, da fala, das artes, de toda forma de expressão humana. Brandão (1997, p.80,81) explana a importância do interdiscurso para a elaboração da memória discursiva:

O efeito da memória é produto, portanto, da relação que se joga entre esses dois níveis

(...) ao se fazer emergir uma formulação-origem na atualidade de uma conjuntura discursiva.

(...)

A formação discursiva, sendo determinada pelo interdiscurso, pode se inscrever:

-na ordem da memória plena (...) a estratégia usada aqui seria a da repetição;

-na ordem de memória lacunar (...) estratégia do apagamento (BRANDÃO, 1997, p.80,81).

O interdiscurso é a base de toda expressão discursiva, que por sua vez traz significações ao plano linguístico e, assim, elas reconstroem o discurso que passa pela memória discursiva e permanece no tempo.

Orlandi confirma essa interpretação dizendo o seguinte: "O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia" (ORLANDI, 2015, p.30).

Orlandi ainda cita Courtine (1984), que desenvolve a relação entre o já-dito, o que se diz hoje e o que se dirá amanhã, como se houvesse uma linha contínua que interliga todos os dizeres, em todas as suas formas elaboradas pela humanidade.

Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação. Courtine (1984) explicita essa diferença considerando a constituição – o que estamos chamando de interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas (ORLANDI, 2015, p.30, 31).

Diante disto, neste trabalho procuraremos estudar a escrita de Borja Reis de acordo com a heterogeneidade marcada que aparece em seus textos. A heterogeneidade são as várias vozes que compõem um texto. No decorrer do tempo, os discursos ficam cada vez mais carregados de várias vozes. Por sua vez, essas vozes podem ser constitutivas ou mostradas, dentro dessas existem as marcadas e não-marcadas. Authier-Revuz (1982, p.91) denomina a "l'hétérogénéité constitutive"¹⁴ como sendo as vozes que constituem o discurso, no entanto, elas não podem ser apreendidas claramente porque não podem ser ligadas diretamente a nenhum tipo de citação ou texto. São ideias que permanecem no discurso e continuam sendo enunciadas, mas não podem ser atribuídas a nenhuma enunciação específica. Por essa razão não temos como demarcar essas

¹⁴ Heterogeneidade constitutiva.

vozes no texto.

Trabalhamos com o conceito de "hétérogénéité montrée" (AUTHIER-REVUZ, 1982, p.91), no discurso de Borja Reis. Por meio de suas citações – de diversas formas – foi possível realizar um estudo sobre quais vozes heterogêneas mostradas marcadas e não marcadas davam forma às suas concepções sobre a imprensa.

A heterogeneidade mostrada marcada é observada no texto por meio de algum tipo de referência ou citação ao discurso anterior que constitui aquele texto. A heterogeneidade marcada não mostrada, por outro lado, é percebida no texto de acordo com o conhecimento do leitor sobre o discurso que fundamenta aquele enunciado. Pode ser observada e comprovada, conforme se consiga expor quais elementos ligam o discurso anterior àquele texto.

O interdiscurso, que é composto da memória discursiva e de todas as vozes heterogêneas que a compõem, contém em si a heterogeneidade constitutiva e mostrada. Entretanto, para que possamos ler as vozes que compõem a escrita de Borja Reis, lembramos que Authier-Revuz (1982) explica que a heterogeneidade mostrada, marcada e não marcada, traz o outro para compor o texto. Como se, em uma parede, alguns tijolos estivessem à vista:

C'est "l'autre" du discours rapporté: les formes syntaxiques du discours indirect et du discours direct désignent de façon univoque, dans le cadre de la phrase, un autre acte d'énonciation. Dans le discours indirect, le locuteur se donne comme traducteur: faisant usage de ses propres mots, il renvoie à un autre comme source du "sens" des propos qu'il rapporte. Dans le discours direct, ce sont les mots mêmes de l'autre qui occupent le temps – ou l'espace –, clairement découpé dans la phrase, de la citation, le locuteur s'y donnant comme simple "porte-parole" (AUTHIER-REVUZ, 1982, p.92)¹⁵.

Authier-Revuz (1982) explica que quando a enunciação acontece, o locutor se torna porta-voz do discurso de outro. Sucessivamente, cada texto dá eloquência à voz de outro texto, sendo de forma direta ou indireta. Seguindo este raciocínio, compreendemos que Borja Reis, por meio de suas várias citações diretas e indiretas, dá voz e eloquência a cada discurso que compõe o seu arcabouço intelectual. Desta maneira, podemos identificar, com as heterogeneidades mostradas, grande parte dos discursos dos quais ele, como jornalista, coloca-

¹⁵ Este é o "outro" do discurso relatado: as formas sintáticas de discurso indireto e discurso direto designam de forma unívoca, no âmbito da frase, um outro ato de enunciação. No discurso indireto, locutor se coloca como tradutor: usando suas próprias palavras, ele se remete a um outro como fonte do "sentido" das palavras que ele relata. No discurso direto, estas são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo - ou espaço - claramente delimitado na frase da citação, o locutor colocando-se como simples "porta-voz". (AUTHIER-Revuz 1982, p.92) (tradução nossa)

se como locutor.

Dentro da heterogeneidade existe a polifonia, que, para Ducrot (in MAINGUENEAU, 1997, p.76,77), é dividida entre locutores e enunciadoreis. O locutor seria o responsável pela enunciação, quem dá voz ao discurso. O enunciador é aquele cuja voz está presente "na enunciação sem que lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas; efetivamente, eles não falam, mas a enunciação permite expressar seu ponto de vista." (MAINGUENEAU, 1997, p.77). O enunciador é quem dá origem à enunciação, enunciação esta que, por sua vez, carrega e transmite o discurso.

Em Borja Reis o encontramos como fiador do discurso, quem dá expressão a várias vozes e com elas compõe sua própria voz. A heterogeneidade mostrada marcada e não marcada em Reis é composta de várias fontes: Victor Hugo, Auguste Comte, Euclides da Cunha, Rui Barbosa, entre outros. Com textos irônicos, metáforas, citações, entre outros recursos, o jornalista construiu o seu arcabouço discursivo para fundamentar seus ideais e seu estilo de escrita.

As maneiras pelas quais a heterogeneidade mostrada marcada pode ser vista nos textos de Reis são: citação, máxima heroica e fórmula filosófica (MAINGUENEAU, 2008).

A citação é a forma mais simples de encontrar uma voz que ajuda a compor o texto. Reis faz várias citações utilizando aspas, porém, nem todas as vezes cita o autor. Mesmo sem citá-lo, Reis credita a outrem uma parte da composição de seu discurso.

Segundo Maingueneau (2008, p.75-76), existem dois tipos de funcionamento das citações:

(...) existem fórmulas que funcionam como enunciados autônomos e fórmulas citadas para marcar um posicionamento específico que se opõe implicitamente a outros. A fórmula "autônoma" é em regra geral, interpretada segundo seu sentido imediato numa interação entre locutores que não são especialistas no tipo de discurso de quem provém essa fórmula.(...) Ele também pode ser utilizado para marcar determinado posicionamento estético, determinada concepção historicamente datada, das relações entre o sentido, a linguagem e a subjetividade (MAINGUENEAU, 2008, p. 75-76).

A partir da subjetividade, o locutor cita outro locutor ou estabelece uma relação de sentido com a historicidade e o contexto. Citando, Borja Reis traz ao plano do texto o discurso que está submerso na memória discursiva, no interdiscurso. Por consequência, citar adiciona à corrente invisível e infinita do tempo e da história um elo que se adequa, encaixa-se novamente na linha do tempo. Se é possível encaixá-la, entendemos que o já-dito é renovado e atualizado, construindo assim um novo contexto e cotexto.

A máxima heroica é como um ditado, uma "frase feita" que tem o intuito de dar um ensinamento. Maingueneau (2008, p.77) explica que "essas asserções são generalizantes (...) enunciam um sentido completo; são curtas, bem estruturadas, de modo a impressionar, a serem facilmente memorizáveis e reutilizáveis." Borja Reis utilizava e criava muitas máximas heroicas.

Maingueneau (2008, p. 77) explica como são estruturadas as máximas heroicas:

Essas são asserções generalizantes que enunciam um sentido completo; são curtas, bem estruturadas, de modo a impressionar, a serem facilmente memorizáveis e reutilizáveis. Elas devem, além disso, ser pronunciadas com o *ethos* enfático conveniente. (...)

Essas máximas que se apresentam como destacáveis de seu contexto se fundam, com efeito, na combinação aparentemente paradoxal de suas propriedades:

1. Devem ser percebidas como inéditas;
2. Devem ser percebidas como imemoriais (MAINGUENEAU, 2008 p.77).

Em vários textos de Reis as máximas heroicas fazem um chamamento ao leitor sobre as questões que estavam sendo discutidas e têm o objetivo de conclamar o povo para lutar, posicionar-se, reagir diante das políticas realizadas naquele momento.

A fórmula filosófica traz uma conclusão ao fim de um enunciado. Ela pode ser destacada também por ter uma estrutura própria e revelar uma conclusão no fim. Por meio dela, o autor marca um estilo de escrita e sintetiza seu pensamento acerca de algum assunto abordado no texto.

Maingueneau (2008, p.80-81) esclarece que a fórmula filosófica atua em dois planos:

Mas, na medida em que atua em dois planos (ao mesmo tempo como enunciado autônomo e como fragmento extraído de um determinado texto), a fórmula filosófica é tomada no interior de uma tensão constitutiva. Por um lado, é uma enunciação que se volta sobre intransitividade, tipo de proferimento absoluto, atribuído a uma Fonte que lhe dá foro de autenticidade: daí um efeito de "iconicidade" e a necessidade de citá-la com um *ethos* apropriado (MAINGUENEAU, 2008, p.80-81).

A partir desta reflexão de Maingueneau (2008) sobre a fórmula filosófica, compreendemos que o *ethos* discursivo é inerente à construção do texto e do locutor. Reis citava e elaborava fórmulas para melhor expressar e firmar suas conjecturas e crenças.

O *Ethos* Discursivo tem origem na filosofia clássica; Aristóteles em sua obra *Retórica*, desenvolveu o conceito. Para Aristóteles, relaciona-se com a imagem que o locutor constrói de si mesmo para o público e como ele se vê diante desse público. Segundo AMOSSY (in AMOSSY, 2005, p. 10), "os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem

de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório."

Michel Pêcheux (AMOSSY in AMOSSY, 2005, p. 11) explica dentro da Análise do Discurso que:

A construção especular dos interlocutores aparece igualmente na obra de Michel Pêcheux, para quem A e B, nas duas pontas da cadeia de comunicação, fazem uma imagem um do outro: o emissor A faz uma imagem de si mesmo e de seu interlocutor B; reciprocamente, o receptor B faz uma imagem do emissor A e de si mesmo (AMOSSY in AMOSSY, 2005, p. 11).

Na escrita de Borja Reis, podemos trabalhar com este conceito, pois descreve o que seria um jornalista para ele e sua posição enquanto escritor com relação ao leitor. Não há indícios de como o leitor o enxergava, mas, com a própria escrita do jornalista, podemos inferir qual a sua imagem de leitor.

A partir da imagem de leitor, Borja Reis descreve o valor da liberdade que a imprensa tinha em sua concepção. Numa de suas saídas do jornal, no dia 9 de Maio de 1911, ele declarou o seguinte:

A liberdade de pensar é a cousa mais linda que ha: é um deslumbramento, um céu aberto, onde não tem limites a phantazia accessivel dos quatro ventos da inspiração. Não é de flôres o mister da imprensa.

(...)

Não sei si fiz bem: - os outros o julgarão.

Mas si porventura fosse condemnado pela opinião dos meus pares ao responsabilizarem-se pela conducção dos interesses collectivos durante o tempo em que dirigi a folha – resta-me o supremo tribunal de minha consciência e lá posso lêr sem pestanejar nem um tanto a sentença de ignorancia mas nunca a de perversidade. Por isso aguardo impassivel o pronunciamento da opinião publica. Palmas ou vaias não abalam as solidas convicções. As idéas fortes caminham por si mesmas e atrás dellas vae o sequito vencido das idéas fracas.

As idéas fortes são como a verdade que se injuria em publico mas se admira no íntimo. Por isso a condição da victoria de uma idéa está proporcional á perseguição que teve. Quanto mais perseguida mais victoriosa. Ora, si alguma vez as minhas idéas foram perseguidas, foi por politica ou por religião. Dahi o tirar eu uma conclusão quasi paradoxal: - si foram perseguidas serão seguidas (REIS, 1911).

Neste texto sobre a liberdade de ideias e ideais, Reis construía e descrevia a sua identidade como jornalista. Era o devir do *ethos* e do ser jornalístico. Na busca de defender a sua atividade intelectual, concomitantemente, dava forma à sua imagem de jornalista. Sempre em busca de dar voz à sua verdade, e em fidelidade a sua consciência, Borja Reis destacou no fim do texto o valor das perseguições que sofreu. Todas estas considerações fazem parte de seu *ethos* discursivo.

A partir da definição de *ethos* de Aristóteles, Maingueneau apresenta a sua teoria sobre o *ethos*. Ele concorda que (MAINGUENEAU, 2008, p.63):

- a) *ethos* é uma noção discursiva;
- b) *ethos* é um processo de influência mútua entre público e locutor;
- c) *ethos* é uma noção híbrida, ou seja, sociodiscursiva, que só pode ser apreendida dentro de uma situação de comunicação precisa, por ser composta de comportamento socialmente avaliado.

O *Ethos* Discursivo em Maingueneau leva em conta a vocalidade dos textos. Quem tem esta voz é o fiador, porque a sua voz não é própria, é um construto sócio-histórico que possui um corpo que vocaliza o discurso. Contém a questão verbal e determinações físicas e psíquicas associadas ao fiador pelas representações coletivas.

O *ethos* implica um mover-se no espaço social (comportamento), no caso de Borja Reis. O leitor cria um personagem fiador. Este fiador dá acesso a um "mundo ético" (que seria a imprensa); isto é a incorporação do leitor ao texto.

A incorporação atua em três registros (MAINGUENEAU, 2008, p. 64-66):

- a) a enunciação dá corporalidade ao fiador;
- b) o leitor incorpora os esquemas para que adentre aquele mundo ético (pega uma senha, se adapta);
- c) as duas incorporações (do fiador e do leitor) permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso (MAINGUENEAU, 2008, p. 64-66).

A maneira de dizer e de escrever são a mensagem, isso é *ethos*. Por isso há a construção de um mundo ético em torno de *O Progresso* e seu leitor. Da mesma maneira, há a construção de um mundo ético entre Borja Reis e esta pesquisa. Destacamos esses "mundos éticos" para deixar claro que, em qualquer momento da história em que um texto é lido, a partir da leitura, uma relação entre o leitor e o texto é construída. No nosso caso, uma relação direta entre leitor e escritor.

Ducrot (1984), também utilizado como fonte teórica por Maingueneau (2008, p.59), faz uma distinção entre locutor-L (enunciador) e o locutor-lambda (locutor enquanto ser no mundo). A partir disso, Maingueneau (2008, p.59) conclui que o “*ethos* se mostra no ato da enunciação, ele não é dito no enunciado.” Ou seja, o *ethos* é uma imagem construída por meio do discurso, percebida por meio da enunciação. O locutor traz o ouvinte para seu mundo discursivo e, ali, o público consegue ler aquela imagem específica do locutor.

Maingueneau (2008, p.59) aponta que "o destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são intradiscursivos, já que são associados a uma forma de dizer. " Esta forma de dizer faz com que o público adentre o mundo discursivo do locutor.

O analista francês (MAINGUENEAU, 2008, p.60) ainda separa o *ethos* entre discursivo e pré-discursivo. O *ethos* discursivo é o conceito que Aristóteles já elaborou, tratado como a imagem do locutor elaborada pelo público. O *ethos* pré-discursivo relaciona-se com o gênero discursivo que está sendo utilizado para difundir e/ou elaborar um discurso específico. Dependendo do gênero, o público já cria um "pré-*ethos*", uma imagem já sugerida por meio do gênero.

Maingueneau (2008, p.60,61) explica que o "*ethos* se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa que mobiliza a afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente. " Analisando sob este ponto de vista, o jornalista é percebido pelo leitor por meio de sua escrita no jornal, e o ambiente de época da cidade e do jornal contribuíam para isso.

Concernente a Borja Reis, citamos Maingueneau (2008, p.61):

Há sempre elementos contingentes em um ato de comunicação, em relação aos quais é difícil dizer se fazem ou não fazem parte do discurso, mas que influenciam a construção do *ethos* pelo destinatário. É, em última instância, mais uma decisão teórica do que saber se se deve relacionar o *ethos* ao material propriamente verbal, atribuir o poder às palavras, ou se se devem integrar a ele elementos como a vestimenta do locutor, seus gestos, e, eventualmente, o conjunto do quadro da comunicação. O problema é mais delicado se considerarmos que o *ethos*, por natureza, é um *comportamento* que, enquanto tal, articula verbal e não verbal para provocar no destinatário efeitos que não decorrem apenas das palavras (MAINGUENEAU, 2008, p.61).

Borja Reis foi um jornalista que teve forte atuação dentro e fora do jornal. Além de escrever em *O Progresso*, ele participou de grupos de intelectuais, da organização da Greve de 1917, publicou a ata de fundação do Partido Socialista do Paraná, promoveu a campanha anti-hermista a favor de um governo civil na República.

A partir dessas elaborações, Maingueneau deixa claro que nem sempre o *ethos* "visado" é o "produzido" (MAINGUENEAU, 2008, p.61).

Quanto à recepção dos textos de Reis, utilizamos a explicação de Maingueneau, baseado em Kerbrat-Orechione (1996, p.78), quando discorre sobre a comunidade que recebe um discurso:

Pode-se, de fato, supor razoavelmente que os diferentes comportamentos de uma mesma comunidade obedecem a alguma coerência profunda, e esperar que sua descrição sistemática permita extrair o "perfil comunicativo", ou *ethos*, dessa comunidade (isto é, sua maneira de se comportar e de se apresentar na interação – mais ou menos calorosa ou fria, próxima ou distante, modesta ou imodesta, "inconveniente" ou respeitosa do território do outro, susceptível ou indiferente à ofensa etc.)

Tal "*ethos* coletivo" constituiu, para os locutores que o partilham, um quadro, invisível e imperceptível, como tal do interior (MANGUENEAU, 2008, p.62).

Nossa perspectiva sobre a comunidade que recebia esse jornal advém dos próprios textos de Borja Reis, que expõem as dificuldades e perseguições pelas quais ele passou, mas também retratam pela ótica do autor como seus textos deveriam ser recebidos pelo público. A imprensa para esse jornalista era o fiel da balança entre o povo e a política. Observamos que o objetivo descrito por Borja Reis era transformar uma cidade sem imprensa livre, sem voz, em uma cidade com criticidade.

Por conseguinte, a leitura que um leitor de hoje faz, incluindo os pesquisadores, permite que possamos também construir a imagem de um jornalista combativo e idealista. As suas atividades fora da redação também contribuíram com a construção do seu *ethos* discursivo, apesar de não serem influência para a análise de seus escritos.

Para o *ethos* ser possível, várias vozes presentes no discurso do locutor devem estar presentes. Essas vozes são trazidas ao texto por meio do discurso que não é unívoco. Desta forma, podemos conceber o interdiscurso como uma espiral, na qual a memória discursiva vem à tona e possibilita a criação de novas memórias discursivas que, infinitamente, reconstruirão o discurso, a linguagem, os textos.

A seguir, com base nos fundamentos e conceitos apresentados, analisaremos os textos que compõem o corpus selecionado de Borja Reis, que têm por assunto a imprensa.

2 CHRONICA

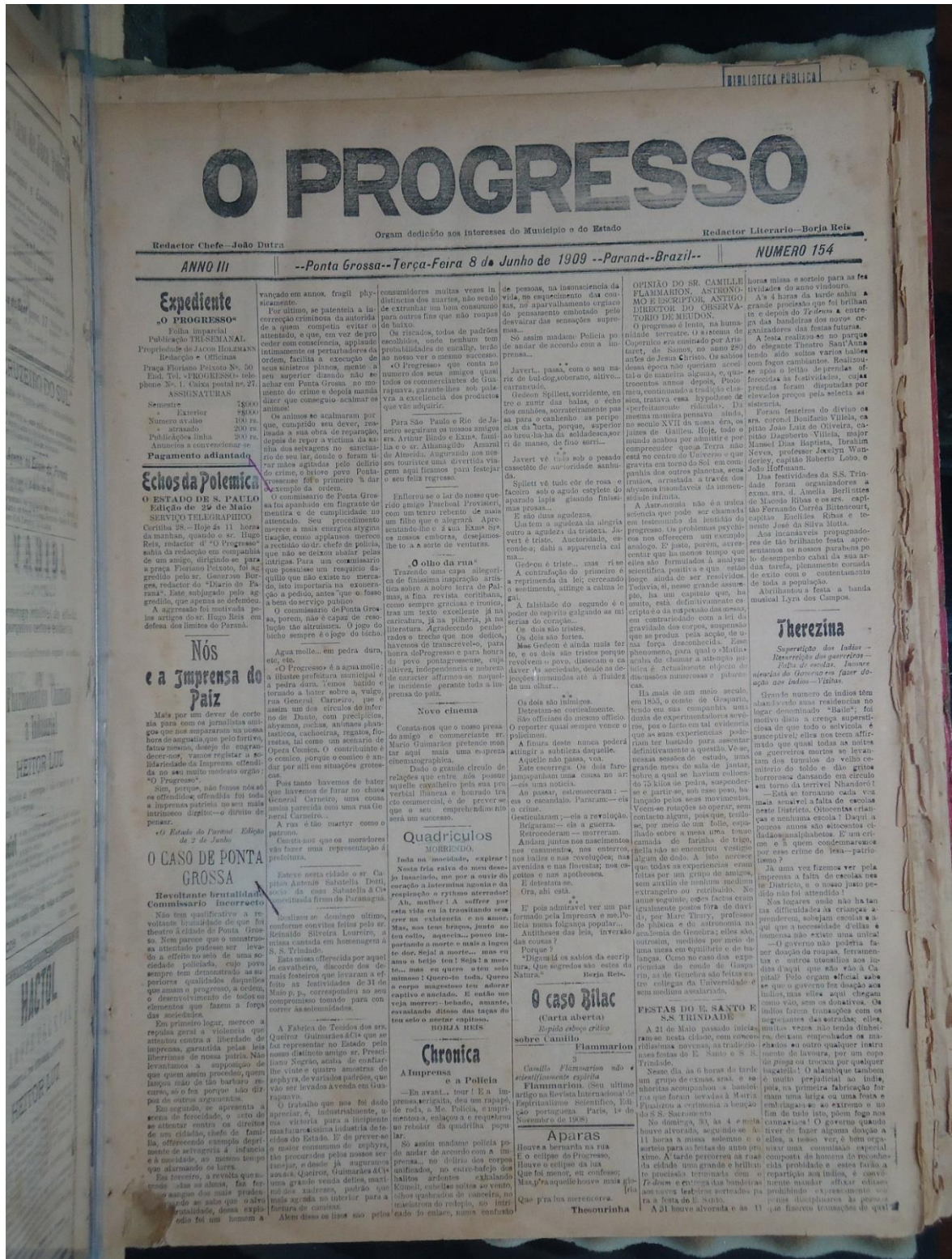


Figura 8: Texto publicado na edição do dia 08 de Junho de 1909.

CHRONICA

A Imprensa e a Polícia

En avant... tour! E a imprensa sirigaita, deu um rapapé, de roda, a Me. Polícia, e imprimou-a, enlaçou-a e requebrou no rebolar da quadrilha popular.

Só assim madame polícia pode andar de acordo com a imprensa... no delírio dos corpos unificados, entre-bafejo dos hálitos ardentes exalando Kümell, cabelos soltos ao vento, olhos quebrados de canseira no maelstrom do rodopio, no intrincado enlace, numa confusão de pessoas, na inconsciência da vida, no esquecimento das coisas, no aparvalhamento orgiaco do pensamento embotado pelo desvairar das sensações supremas...

Só assim madame Polícia pode andar de acordo com a imprensa...

...

Javert passa com seu nariz de bul-dog, soberano, altivo... carrancudo.

Gedeon Spilett, sorridente, entre o zunir das balas, o eco dos canhões, sorrateiramente passa para o canhedo as peripécias da luta, porque, superior ao brouha-ha da soldadesca, sorri de manso, de fino sorri...

...

Javert vê tudo sob o pesado cacete da autoridade sanhuda.

Spilett vê tudo cor de rosa e faceiro sob o agudo estilete do aparado lápis gisando finíssimas prosas...

E são duas agudezas.

Um tem a agudeza da alegria outro a agudeza da tristeza. Javert é triste. Autoridade, esconde-a, daí a aparência calma...

Gedeon é triste... mas ri-se. A contrafação do primeiro é a reprimenda da lei; cerceando o sentimento, atinge a alma legal.

A falsidade do segundo é o poder do espírito galgando as misérias do coração...

Os dois são tristes.

Os dois são fortes.

Mas Gedeon é ainda mais forte, e os dois são tristes porque revolvem o povo, dissecam o cadáver da sociedade, desde as dejeções imundas até a fluidez de um olhar...

...

Os dois são inimigos.

Detestam-se cordialmente.

São oficiais do mesmo ofício.

O repórter quase sempre vence o policimen.

A finura deste nunca poderá atingir a sutileza daquele.

Aquele não passa, voa.

Este escorrega. Os dois farejam; apanham uma coisa no ar: - eis a notícia.

Ao passar, estremeceram: - eis o escândalo. Pararam: - eis o crime.

Gesticularam: - eis a revolução.

Brigaram: - eis a guerra.

Retrocederam: - morreram.

Andam juntos nos nascimentos, nos casamentos, nos enterros, nos bailes e nas revoluções; nas avenidas e nas florestas; nos esgotos e nas apoteóses.

E detestam-se.

Ora, aí está.

...

É pois admirável ver um par formado pela Imprensa e me. Polícia numa folgança popular...

Antíteses das leis, inversão das coisas?

Por quê?

"Digam lá os sábios da escritura, Que segredos são estes da Natura. "

Borja Reis (REIS, 1909).

Este foi um dos primeiros textos publicados com a assinatura de Borja Reis em *O Progresso*. O seu início já serviu para que o jornalista demarcasse o seu posicionamento social, político e ideológico, sendo publicado no dia 08 de Junho de 1909.

O título do texto indica que o autor gostaria de identificá-lo com um gênero específico: a crônica. Este é um gênero antigo, presente na historiografia dos registros de fatos considerados importantes e os do cotidiano. Sua origem em Língua Portuguesa remete aos primeiros registros dos acontecimentos e das realizações dos reinados em Portugal, em 1418 (BENDER, 1993, p.11, 12). Neste ano Fernão Lopes foi nomeado guarda-mor da Torre do Tombo, um arquivo do Reino de Portugal. Nesta época se presava pelo registro e arquivamento de documentos importantes para contar a história dos reis. Em 1434, D. Duarte, Rei de Portugal, nomeou Fernão Lopes como cronista-mor do Reino.

No Brasil, as primeiras crônicas foram feitas à ocasião do descobrimento. Pero Vaz de Caminha foi quem registrou as primeiras impressões sobre nosso país, com a tarefa de registrar e descrever os primeiros contatos entre os portugueses e as novas terras e habitantes que conheciam.

A crônica se estabeleceu como gênero jornalístico no século XIX. Nesta época os jornais publicavam, entre as notícias, os folhetins. Segundo Bender (1993), existiam dois tipos: o folhetim-variedades e o folhetim-romance. O folhetim-variedades se aproxima do que consideramos como crônica hoje e com o espaço destinado a assuntos do dia-a-dia. O folhetim-romance foi o espaço em que foram lançados vários escritores brasileiros, com seus romances, como José de Alencar, entre outros.

Reis, nesta crônica, figurativamente demonstrou a sua visão do que é a polícia e o que é a imprensa. A dualidade de funções e também o que há de comum, pois o objeto é o mesmo: o fato.

No início, Borja Reis colocou a imprensa como que em uma dança com a polícia, a imprensa e a polícia estavam tomando parte da mesma realidade, cada uma com sua leitura e função no mundo.

No segundo parágrafo, o jornalista destacou que, somente unidas, na mesma dança da liberdade, a polícia pode compartilhar o mesmo espaço com a imprensa. A partir deste ponto da crônica, Reis contrapôs dois personagens da literatura francesa: Javert – policial do romance *Os Miseráveis*, publicado em 1862, (Victor Hugo) – e Gedeon Spilett (Jules Verne) de *A Ilha Misteriosa*, publicada em 1874, – um repórter.

Estes personagens auxiliaram a construção da concepção de imprensa, elaborada por Borja Reis, e qual o papel da mesma na sociedade. O jornalista se valeu destes personagens para compor um construto metafórico no qual retratou os fatos ocorridos dias antes na cidade.

Observamos que, para Reis, havia uma convivência, na qual a imprensa e a polícia deveriam compartilhar dos mesmos fatos e na mesma defesa da população. No entanto, a polícia sendo, na época, uma mistura de Estado e poder local, congregava em si a opressão sobre o povo e sobre o que se dizia porta-voz dele: o jornalista.

Javert foi descrito como sério, carrancudo; já Gedeon Spilett com um ar mais sereno e com um leve sorriso.

A autoridade da polícia, do poder instituído, não abala Spilett. Reis separou as características comuns e divergentes das duas representações, utilizadas pelo jornalista num contexto de oposições à imprensa de Ponta Grossa.

No dia 28 de Maio de 1909, dias antes desta publicação, a redação de *O Progresso* fora atacada por capangas sob a ordem de Artur Brasil – contratado pelo poder político e econômico da cidade (BUCHOLDZ, 2007, p.36). Eles quebraram alguns prelos e também espancaram João Dutra – redator-chefe – e Borja Reis. João Dutra, que já era um senhor de idade avançada – por volta de 70 anos – foi colocado, depois de apanhar, num trem para Itararé, em São Paulo. Borja Reis levou uma pancada na cabeça, ficou desacordado, mas foi socorrido e logo melhorou.

Como já relatado no primeiro capítulo deste trabalho, houve grande mobilização na cidade, muitas pessoas foram à frente de sua casa numa manifestação de solidariedade e vontade de que a justiça fosse feita. Porém, Reis fez um discurso sem incentivar qualquer tipo de revide ou vingança (HOLZMANN, 2004, p.278, 279).

Foi sob esse clima de tensão que o jornalista fez uma análise da situação na crônica acima. Por meio do conhecimento do contexto histórico, podemos compreender por que razão o jornalista colocou lado a lado a polícia e a imprensa.

No seguimento do texto, Borja Reis dá uma característica comum para o policial e o repórter: a tristeza. O policial é triste por ser uma autoridade, esconde a alegria. O repórter é triste também por ter de esconder a alegria, esconde-a por ter de lidar com as dificuldades de sua função. A tristeza nos dois também é causada por terem que lidar com a sociedade, com todos os problemas que ela apresenta.

A seguir, Borja Reis destaca, apesar das semelhanças, que o repórter vence o policial. Conforme o jornalista, o repórter é sutil e voa, diante da movimentação mais difícil do policial.

Segundo Borja Reis, a busca dos dois é a mesma: o desvendamento do fato. Essa ligação

entre o policial e o repórter faz a roda da história girar, ou seja, conforme Reis, polícia e imprensa eram antíteses da mesma tese. No entanto, o jornalista deixou para o leitor responder e/ou pensar sobre o mistério que une essas duas instâncias que têm como objetivo trabalhar com o "esgoto" da sociedade.

Utilizando ferramentas de que a Análise do Discurso dispõe, observamos no texto várias vozes manifestadas por meio da escrita de Borja Reis. A primeira marca que demonstra a heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1982) no texto é a escolha de Reis pelos personagens: Javert, presente na obra *Os Miseráveis* (1862) – de Victor Hugo – e Gedeon Spilett personagem do romance *A Ilha Misteriosa* (1874), de Jules Verne.

Observamos que a intertextualidade é o mecanismo que constrói o texto em toda a sua extensão. O entrecruzamento se dá entre os romances franceses e também entre o próprio texto de Borja Reis, estes três textos entremeados compuseram a tessitura da enunciação e da construção argumentativa por meio da qual o jornalista elaborou sua escrita.

Borja Reis, paralelamente à visão romântica que Victor Hugo apresentava sobre a poesia, tinha a mesma perspectiva sobre o que é imprensa e qual a função dele na sociedade enquanto jornalista. Neste ponto observamos não somente a intertextualidade ligando o romancista e o jornalista, mas também, a janela textual na qual o interdiscurso pode ser observado.

Victor Hugo foi um grande escritor francês, poeta e romancista e também atuou na política. No Brasil, este escritor teve grande influência sobre os intelectuais. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa ecoavam em romances, poemas e na imprensa brasileira do século XIX e início do século XX (CARELLI, 1994).

Nos seguintes trechos de poemas de Victor Hugo, podemos observar, segundo aponta o crítico Winock (2008), os ideais românticos que norteavam a escrita e vida do autor e poderemos também perceber esses mesmos ideais em textos de Borja Reis:

O anticlericalismo:

'Padres, os senhores tramam nos salvar com ajuda
Das trevas, que são com efeito o remédio
Contra o astro e o dia;
Os senhores libertam o homem por meio de uma cadeia;
Descobriam esta virtude, o ódio,
Sendo o amor o crime.'

O patriotismo:

'Ó França, tua desgraça me revolta e é sagrada.
Já o disse e nunca me cansarei
De repetir, sendo o brado maior de minha alma,

Será infame quem mal fizer à mãe...'

O Progresso:

'Adiante, grande marcha humana!

Povo, muda de região.

Ó larva, torna-te fenômeno;

Ó rebanho, torna-te legião...'

A Fraternidade:

Sonho com a equidade, a verdade profunda,

O amor que quer, a esperança que luz, a fé que funda,

E o povo esclarecido em vez de castigado.

Sonho com a suavidade, a bondade, a piedade,

E o amplo perdão. Por isso minha solidão'''

(VICTOR HUGO in WINOCK, 2008, p.104,105).

Os ideais elencados acima estão em vários textos de Borja Reis, que seguiu a linha de pensamento, como podemos observar abaixo.

É indiscutível que o progresso material da sociedade, surgido das portas áureas da Enciclopédia, já não corresponde ao progresso moral.

Amontoam-se na vertigem dos ideais, os sistemas governativos, os sistemas religiosos, e a humanidade, ansiada, anda à procura de uma ciência nova, de uma nova fé.

Mas de uma fé científica.

É que o povo – soberano das nações – instrue-se, instruindo-se, revolta-se; derroca os dogmas religiosos, os dogmas científicos; e quanto mais a ciência cresce mais cresce a ânsia de um fim de verdade onde a humanidade repouse, e o povo, que tudo derrocou, deseja construir. O que? Não se sabe. Todos procuramos, todos estudamos... O fato é que o homem não está satisfeito com a sua consciência (REIS, 1909). (grifo nosso)

É que a Nação só vibra a nota aguda do civismo ao estalar uma corda do coração.

E é contra essa apatia que nós temos sempre combatido, para que a pátria saiba manter continuamente as reivindicações liberais, arrancadas, século a século, pelos Povos, aos detentores do Poder (REIS, 1909). (grifo nosso)

Sejamos francos: - as relações sociais não estão na altura da arte, da religião; enquanto tudo isto evoluiu, as relações políticas dos povos estacionaram da Revolução Francesa para cá.

As nações atrasadas, alcançaram em liberdades públicas as que se adiantaram. Estas pararam. Ora o progresso não para, é a única verdade admitida por todos; o progresso portanto, tem que se dar. Este é o fato (REIS, 1909). (grifo nosso)

A partir desses trechos, compreendemos que Victor Hugo não foi uma citação casual de Reis, mas fazia parte de sua concepção de mundo, de política e de jornalismo. Há na escrita do jornalista muitos elementos que demonstram a sua interligação com pensamentos que

perpassaram todo o século XIX. A ideia de progresso, de vislumbrar uma evolução em curso para uma sociedade melhor, o desenvolvimento das ciências e a criação da sociologia são alguns dos acontecimentos que motivavam uma certa esperança no porvir. O romantismo que havia no século XIX, não somente no sentido literário, mas no sentido de uma positividade na espera do futuro por parte de certos pensadores e escritores, permeia a escrita de Borja Reis. Nesses momentos de seus textos, o autor não deixa de citar Victor Hugo. Segue abaixo um poema de Victor Hugo que disserta sobre o século XIX:

Ce siècle est grand et fort. Un noble instinct le mène

Ce siècle est grand et fort. Un noble instinct le mène.
Partout on voit marcher l'Idée en mission ;
Et le bruit du travail, plein de parole humaine,
Se mêle au bruit divin de la création.

Partout, dans les cités et dans les solitudes,
L'homme est fidèle au lait dont nous le nourrissions ;
Et dans l'informe bloc des sombres multitudes
La pensée en rêvant sculpte des nations.

L'échafaud vieilli croule, et la Grève se lave.
L'émeute se rendort. De meilleurs jours sont prêts.
Le peuple a sa colère et le volcan sa lave
Qui dévaste d'abord et qui féconde après.

Des poètes puissants, têtes par Dieu touchées,
Nous jettent les rayons de leurs fronts inspirés.
L'art a de frais vallons où les âmes penchées
Boivent la poésie à des ruisseaux sacrés.

Pierre à pierre, en songeant aux vieilles mœurs éteintes,
Sous la société qui chancelle à tous vents,
Le penseur reconstruit ces deux colonnes saintes,
Le respect des vieillards et l'amour des enfants.

Le devoir, fils du droit, sous nos toits domestiques
Habite comme un hôte auguste et sérieux.
Les mendiants groupés dans l'ombre des portiques
Ont moins de haine au cœur et moins de flamme aux yeux.

L'austère vérité n'a plus de portes closes.
Tout verbe est déchiffré. Notre esprit éperdu,
Chaque jour, en lisant dans le livre des choses,
Découvre à l'univers un sens inattendu.

Ô poètes ! le fer et la vapeur ardente
Effacent de la terre, à l'heure où vous rêvez,
L'antique pesanteur, à tout objet pendante,
Qui sous les lourds essieux broyait les durs pavés.

L'homme se fait servir par l'aveugle matière.
Il pense, il cherche, il crée ! A son souffle vivant

Les germes dispersés dans la nature entière
Tremblent comme frissonne une forêt au vent !

Oui, tout va, tout s'accroît. Les heures fugitives
Laissent toutes leur trace. Un grand siècle a surgi.
Et, contemplant de loin de lumineuses rives,
L'homme voit son destin comme un fleuve élargi.

Mais parmi ces progrès dont notre âge se vante,
Dans tout ce grand éclat d'un siècle éblouissant,
Une chose, ô Jésus, en secret m'épouvante,
C'est l'écho de ta voix qui va s'affaiblissant (HUGO, Victor. 1837, p.25).

Nesse poema podemos compreender que o século XIX, para Victor Hugo, foi um momento de construção de uma nova sociedade. Além das máquinas que se modernizavam, juntamente com os modos de produção, o pensamento se modernizava. Para Victor Hugo, o poeta tinha a função de guiar o povo para a verdade; Reis acreditava que a imprensa levaria o povo à verdade. Esta nova verdade fazia do homem um ser individual, mas parte da massa que seria levada a um mundo melhor por meio do pensamento iluminado do poeta – ou pensador da época.

No trecho a seguir, de Reis, temos exemplos das citações diretas de Victor Hugo.

La Providence amène à la maturité, par le seul fait de la vie universelle, les hommes, les choses, les événements.

VICTOR HUGO

Isso disse o imperador dos poetas no seu livro *Napoleon, le Petit...*

Se nós tivemos, sob o aspecto da política interna, um Napoleão, o Grande Floriano Peixoto, estamos em risco sem a aproximação de caracteres de termos o Napoleão, o Pequeno.

O Brasil nunca perdeu uma batalha (REIS, 1909).

Parodiando Victor Hugo quando publicou *Histoire d'un Crime*, digo ao Povo que este aviso é "mais do que atual: é urgente. "

"Eu o publico." (REIS, 1909).

Quando Jacob Holzmann e Reis se uniram no comando do jornal *O Progresso*, o objetivo deles era fazer um jornal não somente local, mas que discutisse assuntos de relevância nacional e que também fosse de grande circulação. Portanto, no texto *Chronica*, Reis não procurou relatar somente a relação da imprensa e da polícia em Ponta Grossa, mas também de forma geral. O atentado sofrido por *O Progresso* foi um exemplo de um tipo de convivência que existia no Brasil como um todo.

O personagem Gedeon Spilett, do romance *A Ilha Misteriosa*, é descrito pelo narrador

da história como um repórter intrépido, corajoso e questionador:

Este era alguém menos que o ilustre Gedeon Spilett, "repórter" do *New York Herald*¹⁶, enviado na condição de correspondente a fim de acompanhar as peripécias da guerra junto aos exércitos do Norte. Gedeon Spilett pertencia à linhagem desses intrépidos cronistas ingleses ou americanos, Stanley¹⁷ e outros, a quem nada faz recuar se o que está em jogo é conseguir um furo e passá-lo à sua gazeta nos prazos mais exíguos. Os jornais da União, como o *New York Herald*, constituem verdadeiras potências, e seus delegados são representantes influentes. Gedeon Spilett distinguia-se na linha de frente desses delegados.

Homem de muitas virtudes, enérgico, dinâmico e disposto a tudo, fervilhante de ideias, tendo corrido o mundo inteiro, soldado e artista, eloquente no conselho, resoluto na ação, indiferente à lida, ao cansaço e ao perigo quando se tratava de investigar um fato, para ele primeiro e para seu jornal depois, verdadeiro herói da curiosidade, da informação, do inédito, do desconhecido e do impossível, Spilett era um desses intrépidos observadores que escrevem em meio ao tiroteio, "apuram" sob os obuses, e para quem todos os riscos são bem-vindos.

Participava igualmente, na linha de frente, de todas as batalhas, e, com o revólver em uma das mãos e o bloquinho na outra, o canhoneio não fazia seu lápis tremer. Não cansava os fios com telegramas inoportunos como alguns que falam sem ter nada a dizer; cada notícia que passava, curta, precisa e clara, jogava luzes num aspecto importante.

(...)

De alta estatura, Gedeon Spilett tinha no máximo quarenta anos. Suíças louras puxando para o ruivo emolduravam-lhe o rosto. O olhar era sereno, embora atento e rápido quando exigido. Olho de homem acostumado a captar num átimo todos os detalhes de um horizonte. Uma compleição sólida, forjada sob todos os climas qual uma barra de aço temperada na água fria (VERNE, 2015, p.29,30).

É possível interpretar a menção a esse personagem como parte da composição do ethos discursivo de Borja Reis. Gedeon Spilett é um personagem que, nesse texto, serve como uma metáfora de como o jornalista, ou a imprensa, cumpriram o seu papel.

Segundo Simard-Houde (2015, p.54):

Ces représentations du reporter et du journalisme américains (et britanniques, dans une moindre mesure) nourriront sans conteste l'image du reporter en « héros » – le mot est chez Verne –, qui s'installera définitivement dans l'imaginaire social à partir des années 1900, notamment sous l'influence de la guerre russo-japonaise (1904-1905) qui offre au reporter une médiatisation sans précédent en France. Avant cela, les figures d'audacieux reporters aventuriers anglophones suscitent déjà, entre 1870 et 1900, un engouement populaire dont témoigne l'attention médiatique soutenue accordée à leur moindre enquête ou voyage: ce sont les Stanley, Cardwell, Knight, Forbes, Stanhope, O'Donovan et autres. Leurs diverses entreprises sont médiatisées par la presse française, dans un commentaire au ton généralement plus impressionné et enthousiaste que dépréciatif, qui participe dès lors, avec les romans verniens, de la

¹⁶ "Jornal diário de ampla circulação na época, sua tiragem era de 84 mil exemplares em 1861. Pioneiro no uso do telégrafo na transmissão de notícias quase 'ao vivo'" (VERNE, 2015, p.28).

¹⁷ "Decerto Henry Morton Stanley, nascido John Rowlings (1841-1904), jornalista e explorador inglês, conhecido por sua expedição à África em busca do dr. Livingstone, que culmina na famosa pergunta: 'Dr. Livingstone, I presume?'" (VERNE, 2015, p.29)

glorificação do reporter anglophone, héros de l'information (SIMARD-HOUE, 2015, p.54).¹⁸

Gedeon Spilett era um repórter americano, que, no romance, fugiu com seus amigos de uma prisão no Estados Unidos. Ele havia sido preso durante a Guerra de Secessão (1861-1865), na qual o sul lutava contra o norte do país. Ele era um tipo de jornalista novo para a época, não sendo somente o homem de letras que ficava na redação, mas reportava de perto os acontecimentos que acompanhava. Um herói que se colocava à frente das situações e testemunhava os grandes fatos. Esse tipo de jornalista, o repórter, era uma novidade para a imprensa francesa, por isso o sucesso de popularidade do personagem.

Simard-Houde (2015, p.388) ainda afirma que:

Jules Verne n'hésite pas, en 1874, à la transposer en fiction – Gédéon Spilett, reporter fictionnel de *L'île mystérieuse*, appartient à cette espèce journalistique d'« intrépides observateurs qui écrivent sous les balles, "chroniquent" sous les boulets». Mais les correspondants de guerre des premiers temps l'incluent également dans leurs récits (SIMARD-HOUE, 2015, p.388).¹⁹

Jules Verne criou um personagem que representava um tipo de herói moderno. Borja Reis inspirou-se neste romance para poder exemplificar e explicar qual era a imagem do repórter completo. Sem demonstrar medo, Gedeon Spilett trabalha em meio a guerra e é audacioso. Mesmo Borja Reis retratando o personagem como triste, Spilett carrega em si a impetuosidade necessária para relatar os fatos, sem nunca abandonar seu lápis e seu caderno.

O caráter de Gedeon Spilett, ou seja, que também pode ser traduzido como *ethos* (do grego), inspirou Borja Reis a construir o seu próprio *ethos* discursivo, que pode ser observado em toda a sua escrita.

O *ethos* discursivo (MAINGUENEAU, 1996, 2008) – maneira pela qual o locutor,

¹⁸ Essas representações do repórter e do jornalismo americanos (e britânicos, em uma mínima medida) nutrirão sem contestação a imagem do repórter como "herói" – a palavra está em Verne –, que se instalará definitivamente no imaginário social a partir dos anos 1900, marcadamente sob a influência da guerra russo-japonesa (1904-1905) que proporciona ao repórter uma midiatização sem precedentes na França. Antes disso, as figuras de audaciosos repórteres aventureiros anglófonos suscitam já, entre 1870 e 1900, um interesse popular do qual é testemunha a atenção midiática dispensada a sua menor enquete ou viagem: são os Stanley, Cardwell, Knight, Forbes, Stanhope, O'Donovan e outros. Suas diversas empreitadas são divulgadas pela imprensa francesa, em um comentário de tom geralmente mais impressionado e entusiasta do que depreciativo, que participa desde então, com os romances vernianos, da glorificação do repórter anglófono, herói da informação. (tradução nossa)

¹⁹ Jules Verne não hesita, em 1874, em transpô-la para a ficção – Gédéon Spilett, repórter ficcional de *A Ilha Misteriosa*, pertence a essa espécie jornalística de "intrépidos observadores que escrevem sob balas, 'cronicam' sob balas de canhão". Mas os correspondentes de guerra dos primeiros tempos o incluem igualmente em seus relatos. (tradução nossa)

fiador de um discurso, coloca-se diante do público (porque se vê da maneira como se coloca), é demonstrado de maneira indireta pelo jornalista. Por meio das metáforas e conhecendo o contexto histórico, compreendemos a ironia da qual ele se valeu para escrever esta crônica (MAINGUENEAU, 2008).

Maingueneau (2008) é o teórico que traz esta teoria para o texto escrito, conforme abordamos no subtítulo referente à fundamentação teórica. A imagem do autor é construída por meio de sua escrita:

(...) pode-se propor que qualquer texto escrito, mesmo se ele o nega, tem uma ‘vocalidade’ específica que permite relacioná-la a uma caracterização do corpo do enunciador (e não, bem entendido, ao corpo do locutor extradiscursivo), a um ‘fiador’ que, por meio de seu ‘tom’, atesta o que é dito. (...) Isso quer dizer que optei por uma concepção mais ‘encarnada’ do *ethos*, que, nessa perspectiva, recobre não somente a dimensão verbal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas associadas ao ‘fiador’ pelas representações coletivas (MAINGUENEAU, 2008, p.64,65).

Esta corporalidade citada por Maingueneau (2008, p.64,65) pode ser claramente observada na escrita de Borja Reis. Em seu posicionamento político, o jornalista defende a retidão de princípios, que pode ser percebida em todos os seus textos, de 1909 a 1924. Como fiador, Reis, como base da heterogeneidade dos discursos que formam o seu próprio, é fiador desses discursos, de acordo com a teoria de Maingueneau (2008), mas também cria o seu próprio arcabouço político e filosófico que dá origem a textos característicos, num momento de estabelecimento da imprensa no Brasil. Prova disso é o mesmo jornal trazer Augusto Comte – filósofo criador do positivismo – e fazer a publicação da ata de fundação do Partido Socialista do Paraná.

Neste primeiro texto, Reis elaborou um arquétipo da relação entre a imprensa e a polícia, que naquele momento era formada pelas classes sociais mais abastadas da cidade. A partir deste construto, o jornalista estabeleceu em seu primeiro texto a imagem de como a imprensa em Ponta Grossa trabalharia a partir daquele momento. Maingueneau (2008, p.64) explica que "além da persuasão pelos argumentos, a noção de *ethos* permite refletir sobre o processo mais geral da adesão dos sujeitos a determinados posicionamentos. " Ou seja, o jornalista estava explicitando aos leitores, por meio do arquétipo que criou, como eram as relações entre imprensa e polícia; a partir daí ele estaria angariando apoio da população, pois a imprensa para Reis era quem dava voz ao povo.

O mundo ético que Reis construiu era acessado pelo leitor se este apresentasse

conhecimento sobre quem eram esses personagens da literatura francesa. A analogia de Reis apresentada no texto em análise tem um *ethos* discursivo elaborado para que, por meio da analogia, o leitor compreendesse qual era a sua concepção sobre a relação entre a polícia e a imprensa naquele período.

A oposição entre a polícia e a imprensa colocada no texto expressa as unidades territoriais (MAINGUENEAU, 2008) com as quais o jornalista trabalhou este texto. São territórios discursivos diferentes, engrenagens do mesmo sistema que construía a sociedade e a retratava. Segundo Maingueneau (2008), existem campos, territórios e meios discursivos. O campo discursivo tem relação com a atividade social na qual um discurso tem origem e circulação; neste trabalho o campo discursivo é a imprensa.

3 PELA SEXTA VEZ

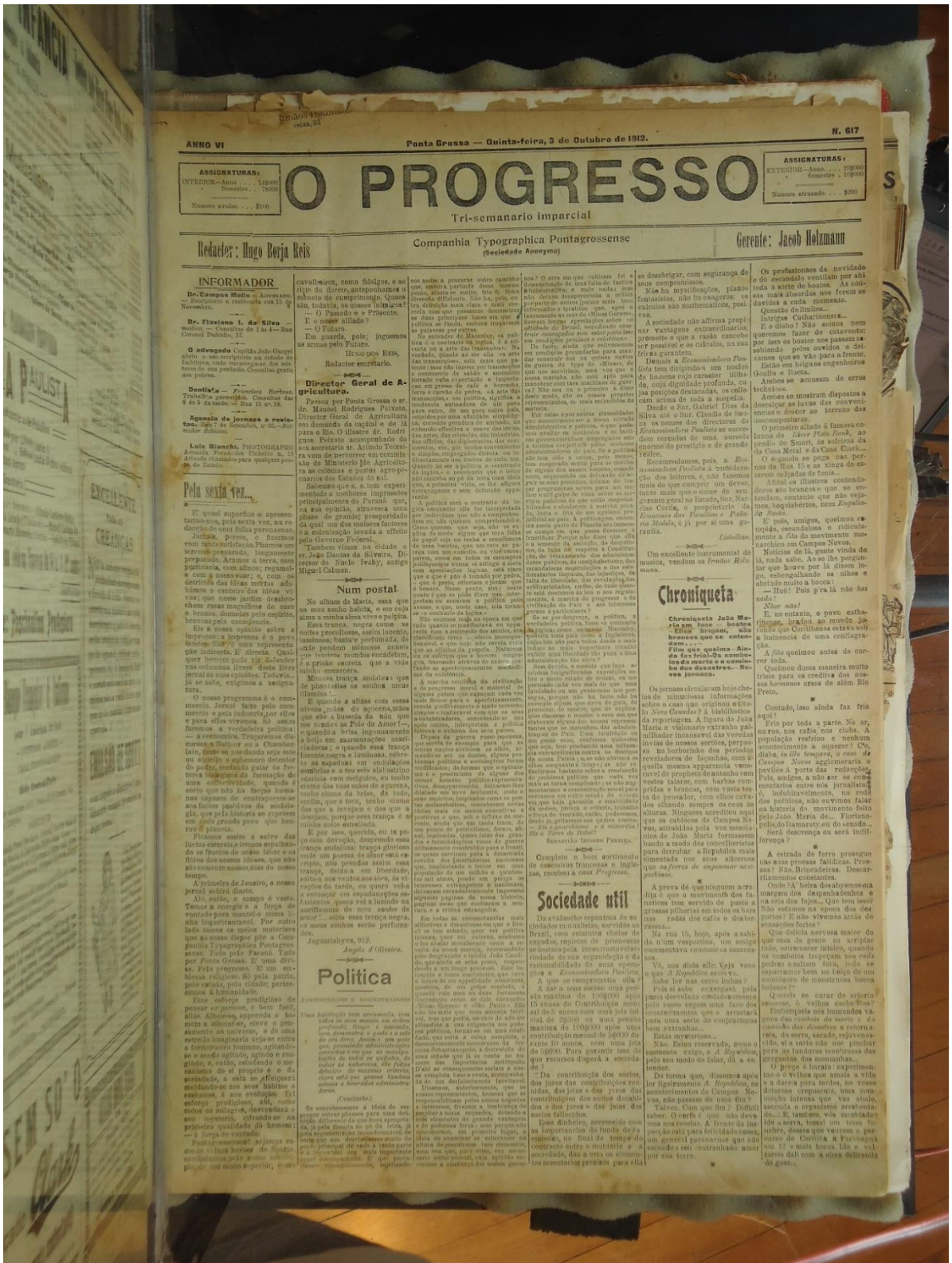


Figura 9: Texto publicado dia 03 de Outubro de 1912

Pela sexta vez...

É quasi superfluo o apresentarmo-nos pela sexta vez, na redacção de uma folha paranaense.

Jamais, porem, o fizemos com tanta satisfação. Pisamos um terreno preparado, longamente preparado. Aramos a terra, com pertinacia, com afínco; regamol-a com nosso suor; e, com os detricitos das idéas mortas adubámos o canteiro das idéas vivas; que neste jardim desabrochem rosas magnificas de ouro e branco, domadas pelo espirito, brancas pela consciencia.

Eis a nossa opinião sobre a imprensa: a imprensa é o povo inteiro. Não é uma representação indirecta. É directa. Qualquer homem pode vir defender nas columnas livres deste livre jornal as suas opiniões. Todavia... já se sabe, exigimos a assignatura.

O nosso programma é o commercio. Jornal feito pelo commercio e pela industria, por elles e para elles vivemos. Só assim faremos a verdadeira politica: - a economica. Traçaremos discursos a Balfour ou a Chamberlain, tanto se nos dando seja este ou aquelle o ephemero detentor do poder, tentando guiar os factores biologicos da formação de uma collectividade, quando é certo que não ha forças humanas capazes de contraporem-se aos factos positivos da sociologia, que pela historia se repetem em cada grande povo que honrou o planeta.

Ficamos assim a salvo das luctas estereis, e iremos espalhando os fructos do nosso labor e as flôres dos nossos idéaes, que não são somente nossos, mas do nosso tempo.

A primeiro de Janeiro, e nosso jornal sahirá diario.

Ahi, então, o campo é vasto. Temos a energia e a força de vontade para mantel-o numa linha inquebrantavel. Por outro lado temos os meios materiaes que ao nosso dispor põe a Companhia Typographica Pontagrossense. Tudo pelo Paraná. Tudo por Ponta Grossa. É uma divisa. Pelo progresso. É um emblema religioso. Só pela patria, pelo estado, pela cidade; pertencemos á humanidade.

Esse esforço prodigioso de pensar *ex persona*, é bem facil, aliás. Alheie-se, apprenda o homem a alheiar-se, eleve o pensamento ao universo, e de uma estrella imaginaria veja-se entre o formigueiro humano, agitando-se e sendo agitado, agindo e reagindo, e, então, estudando o mecanismo de si proprio e o da sociedade, a esta se affeição moldando-se aos seus habitos e costumes, á sua evolução. Tal esforço prodigioso, ahi, como todos os milagres, desvendará o seu mysterio, cifrando-se na primeira qualidade do homem: - a força de vontade.

Pontagrossenses! sejamos como os velhos heróes de Sparta, combatamos pelo nosso municipio de um modo superior, como cavalheiros, como fidalgos, e ao risco do florete, antepoñhamos o meneio do cumprimento. Quaes são, todavia, os nossos inimigos?

O Passado e o Presente.

E o nosso alliado?

O Futuro.

Em guarda, pois; joguemos as armas pelo Futuro.

HUGO DOS REIS,
Redactor-secretario (REIS, 1912).

Neste artigo, Borja Reis escreveu sobre seu retorno ao jornal, no dia 9 de Outubro de 1912. Já no primeiro parágrafo observamos que ele tinha uma ideia muito clara sobre ideias "mortas" que servem como adubo de ideias "vivas". Observemos o trecho:

Jamais, porem, o fizemos com tanta satisfação. Pisamos um terreno preparado, longamente preparado. Aramos a terra, com pertinancia, com afinco; regamol-a com nosso suor; e, com os detricos das idéas mortas adubámos o canteiro das idéas vivas; que neste jardim desabrochem rosas magnificas de ouro e branco, domadas pelo espirito, brancas pela consciencia (REIS 1912). (grifo nosso)

Borja Reis entendia, de acordo com o que lemos em seu texto, que não existia discurso "autofundado" (MAINGUENEAU 1983, 1984 in BRANDÃO, 1997). O que existia eram vários discursos que se fundavam no decorrer do tempo. As ideias mortas iriam fertilizar as novas ideias, dando vida a elas e as fazendo florescer. Esta foi a metáfora elaborada por Borja Reis para explicar algo parecido com o que Maingueneau (1983, 1984 in BRANDÃO, 1997, p. 77) explicou em suas formulações conceituais acerca do discurso:

Enunciar é se situar sempre em relação a um já-dito que constitui no Outro do discurso. Em outros termos, na medida em que cronologicamente, é o discurso segundo que se constitui através do primeiro, parece, com efeito, lógico pensar que este discurso primeiro é o Outro do discurso segundo, não sendo possível o inverso.

O discurso primeiro não permite a constituição do discurso segundo sem estar ele próprio ameaçado em seus fundamentos. Assim, por exemplo, na medida em que retiramos de um discurso fragmentos que inserimos em outro discurso, fazemos com essa transposição mudar suas condições de produção. Mudadas as condições de produção, a significação desse in BRANDÃO, 1997, p.77).

A partir dessas elaborações teóricas, gostaríamos de não somente demonstrar a percepção de Borja Reis sobre discurso, mas também afirmar que toda a escrita desse jornalista era permeada e constituída de várias vozes discursivas. Mesmo que estas vozes já tenham sido objeto de locução em uma enunciação, elas não serão mais as mesmas no discurso do fiador, consciente ou inconscientemente, elas serão apropriadas e modificadas de alguma maneira pelo fiador (MAINGUENEAU, 2008, p. 64).

A instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso não pode ser concebida como um estatuto, mas como uma "voz", associada a um "corpo enunciante" historicamente especificado (MAINGUENEAU, 2008, p. 64).

Compreendemos que Borja Reis dava “voz” a várias vozes discursivas em seus textos e era o "corpo enunciante", o sujeito que carregava todas as heterogeneidades que constituíam um discurso que era também elaborado no ato da escrita.

Maingueneau (2008) trata ainda da “vocalidade” do texto:

(...) pode-se propor que qualquer texto escrito, mesmo se ele o nega, tem uma "vocalidade" específica que permite relacioná-la a uma caracterização do corpo do enunciador (e não, bem entendido, ao corpo do locutor extradiscursivo), a um "fiador" que, por meio de seu "tom", atesta o que é dito (o termo "tom" tem a vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral) (MAINGUENEAU, 2008, p. 64).

Entendemos, por meio dos conceitos elaborados por Maingueneau (2008), que Borja Reis é o fiador de vozes discursivas que não tinham origem nele, mas têm nele o construto sócio-histórico para dar vocalidade às diferentes ideias que permitiam que ele construísse seu arcabouço discursivo. Sua escrita era mobilizada pelo contexto, por sua formação discursiva e pela memória discursiva (BRANDÃO, 1997; ORLANDI, 2015; MAINGUENEAU 2008).

A seguir, Borja Reis descreve sua opinião sobre a imprensa:

Eis a nossa opinião sobre a imprensa: a imprensa é o povo inteiro. Não é uma representação indireta. É directa. Qualquer homem pode vir defender nas columnas livres deste livre jornal as suas opiniões. Todavia... já se sabe, exigimos a assignatura (REIS, 1912).

O jornalista gostaria que seus leitores soubessem que a imprensa era o "povo". Este trecho nos permite entender que o ideal, para Borja Reis, era que o periódico se tornasse o lugar onde a população pudesse se expressar. Seria, como defendido em sua escrita, a representação direta de onde a população poderia colocar a sua opinião sobre todos os eventos políticos, econômicos e sociais. Esse era um dos elementos que constituíam a imagem do lugar do "povo" em sua escrita. No momento em que ele escreveu esse texto, a República estava em seu início, o que nos permite compreender a maneira entusiasmada com que escrevia muitas vezes. A democracia e, principalmente, a República, apareciam, em seus textos, associadas a valores grandiosos, como, por exemplo, a liberdade, citada em "Pela sexta vez".

O ufanismo é característica presente em grande parte dos textos do jornalista. Ele chamava o leitor para o futuro, para o porvir, que seria melhor que o presente. Lá no futuro, nesse não-lugar, haveria esperança de um país civilizado.

Ficamos assim a salvo das luctas estereis, e iremos espalhando os fructos do nosso labor e as flôres dos nossos idéaes, que não são somente nossos, mas do nosso tempo (REIS, 1912).

Nesse trecho do texto, Borja Reis cita a presença de seus ideais em sua maneira de fazer

jornalismo. Na descrição de sua concepção de mundo, havia lutas "estéreis", ou seja, que seriam improdutivas com relação a gerar mudanças na sociedade. Entretanto, ele compartilhava de ideais que não eram somente dele, mas da época em que vivia. A imprensa, desde o século XIX, configurou e tomou para si o lugar de fiadora da verdade.

No seguinte parágrafo, o jornalista explica qual o objetivo, naquele momento, do periódico:

O nosso programma é o commercio. Jornal feito pelo commercio e pela industria, por elles e para elles vivemos. Só assim faremos a verdadeira politica: - a economica. Traçaremos discursos a Balfour ou a Chamberlain, tanto se nos dando seja este ou aquelle o ephemero detentor do poder, tentando guiar os factores biologicos da formação de uma collectividade, quando é certo que não ha forças humanas capazes de contraporem-se aos factos positivos da sociologia, que pela historia se repetem em cada grande povo que honrou o planeta (REIS, 1912).

Borja Reis explica no texto que o seu "programa" é o comércio, ou seja, a verdadeira política estava em incentivar e dar voz à indústria e ao comércio. De acordo com o jornalista, seguindo uma linha mais positivista de pensamento, os fatos históricos e científicos não poderiam ser ignorados no momento de se fazer política e promover o progresso.

O jornalista fez citações diretas a Balfour²⁰ e Chamberlain²¹, o que nos importa analisar aqui é a maneira pela qual ele faz essa citação, pois ela carrega em si algumas concepções positivistas que Borja Reis demonstrava em seus textos.

Em grande parte de sua escrita, Comte e sua sociologia são citados, revelando uma das

²⁰ Arthur James, 1º conde Balfour: Deputado, secretário pela Irlanda de 1871 a 1891, restabeleceu a calma por meio de uma dura repressão e reformas sócias. Líder dos conservadores no Conselho, ele sucedeu o seu tio em 1902 Salisbury como Primeiro Ministro. Seu governo de coalisão desenvolveu uma grande atividade: lei de 1902 reformando radicalmente a instrução pública, reorganizando e reforçando o poderio militar, renovando a aliança com o Japão durante a crise russo-japonesa em 1904. A unidade do partido foi comprometida por causa de controvérsias sobre a livre-circulação, levado com arrebatamento por Joseph Chamberlain. (traduzido de: <http://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/Arthur_James_1_er_comte_Balfour/107264> acessado dia 10 de janeiro de 2017)

²¹ Prefeito de Birmingham (1873-1876), deputado liberal em 1876, muito próximo de Gladstone, no ministério do Comércio, onde defendia um vasto programa de reformas sociais. Favorável a uma certa autonomia da Irlanda, ao mesmo tempo era hostil ao Home Rule de Gladstone, e rompeu com o mesmo, provocando uma cisão entre gladstonianos e unionistas. Ministro das colônias (1895-1903) durante os governos dos primeiros ministros Salisbury e Balfour., ele praticou uma política de expansão que levou à guerra contra os Boers. Ele acordou, em 1900, um estatuto de autoridade sobre a Federação Australiana. Partilhou da ideia de um imperialismo federalista, hostil à livre-circulação, ele lançou a ideia de uma "preferência imperial", de acordo com as tarifas aduaneiras, para favorecer à circulação por meio de diversos países do Império. Diante da falta de apoio de seus colegas, Chamberlain foi demitido em 1903. As eleições de 1906 viram o desmoronamento da coalisão unionista. (traduzido de: <http://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/Joseph_Chamberlain/112564> acessado dia 10 de janeiro de 2017)

vozes que compõem o arcabouço discursivo. Os detritos, mencionados no primeiro parágrafo, são vozes como as dos filósofos e dos escritores que ele citava. Podemos observar, assim, que, todas as vezes que Borja Reis citava alguma fonte de ideias, ele construía e reconstruía o seu próprio discurso por meio do trabalho da escrita.

O jornalista descreve que o fruto de seu "labor", além de espalhar seus ideais, faz parte do seu tempo. O seu discurso era de seu tempo, de seu contexto, localizado historicamente. Borja Reis demonstrava em sua escrita a consciência de que o seu discurso pertencia a uma época e um local.

No parágrafo abaixo transcrito, podemos observar muitos valores da República – e do Positivismo – que estava incutido nela.

A primeiro de Janeiro, e nosso jornal sahirá diario.
Ahi, então, o campo é vasto. Temos a energia e a força de vontade para mantel-
o numa linha inquebrantavel. Por outro lado temos os meios materiaes que ao nosso
dispor põe a Companhia Typographica Pontagrossense. Tudo pelo Paraná. Tudo por
Ponta Grossa. É uma divisa. Pelo progresso. É um emblema religioso. Só pela patria,
pelo estado, pela cidade; pertencemos á humanidade (REIS, 1912). (grifo nosso)

Abrimos parênteses para tratar da Filosofia Positivista presente nos textos de Borja Reis, pois consideramos que esta análise nos permite entender melhor como esse jornalista concebia a imprensa e seu trabalho no jornal. Em nosso entendimento, a imprensa não era somente uma questão de missão de jornalista que gostaria de promover a verdade, mas a sua concepção de imprensa traz subjacente um ideal de missão qua está ligado à contribuição que ele gostaria de dar à sociedade, fundamentado em preceitos positivistas.

Ribeiro Jr. (2006) explica que:

Desta forma, excluindo toda intervenção apriorística de noções abstratas e ideias universais, que caracterizavam as ciências sociais da época, o positivismo, 'como regime definitivo da razão humana frente à ação dissolvente da metafísica' surgiu do progressismo, baseado no desenvolvimento científico que dominou todo o século XIX, com o objetivo de aproveitar as virtudes do progresso, ou da evolução progressiva, pela compreensão racional e científica do problema da ordem, determinando os elementos fundamentais de toda a sociedade humana.

(...)

Como doutrina e método, o positivismo passa a enfrentar a sociedade individualista e liberal, através da *ordem* e do *progresso*, que Comte considerava a fonte principal de todo sistema político.

É nesta linha de raciocínio que Augusto Comte, partindo da noção de *solidariedade* que, em sua opinião, impera na sociedade, apresenta uma política de paz e amor, substituindo a ideia sobrenatural do Direito pela ideia natural do Dever (RIBEIRO Jr., 2006, p.24).

Em nome da moral, da solidariedade, da fraternidade e da missão de jornalista, a escrita de Borja Reis carrega características de incentivo ao progresso, nacionalismo e patriotismo. A voz positivista apresentada acima é recorrente em seus textos, são paráfrases que revelam também a heterogeneidade mostrada marcada, que contribui para a discursividade de Borja Reis, e o interdiscurso reelaborando para o seu contexto o Positivismo.

A metade final do texto corrobora nossa interpretação, isto é, o nosso entendimento de que, além de outras vozes, a Filosofia Positivista também está presente na escrita do jornalista:

Esse esforço prodigioso de pensar *ex persona*, é bem fácil, aliás. Alheie-se, aprenda o homem a alheiar-se, eleve o pensamento ao universo, e de uma estrella imaginaria veja-se entre o formigueiro humano, agitando-se e sendo agitado, agindo e reagindo, e, então, estudando o mecanismo de si proprio e o da sociedade, a esta se affeioará moldando-se aos seus habitos e costumes, á sua evolução. Tal esforço prodigioso, ahi, como todos os milagres, desvendará o seu mysterio, cifrando-se na primeira qualidade do homem: - a força de vontade.

Pontagrossenses! sejamos como os velhos heróes de Sparta, combatamos pelo nosso municipio de um modo superior, como cavalheiros, como fidalgos, e ao risco do florete, anteponhamos o meneio do cumprimento. Quaes são, todavia, os nossos inimigos?

O Passado e o Presente.

E o nosso alliado?

O Futuro.

Em guarda, pois; joguemos as armas pelo Futuro (REIS, 1912). (grifo nosso)

"Evolução" é uma palavra recorrente no discurso positivista. Além dessa palavra, o próprio nome do periódico, *O Progresso*, remete à filosofia, apesar de não haver uma ligação comprovada.

Por meio deste texto e de outros, que serão analisados, temos acesso a parte da formação discursiva de Borja Reis. Brandão (1997) explica que:

(...) se processo discursivo é produção de sentido, discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações. E aqui, o lugar específico da constituição dos sentidos é a formação discursiva, noção que, juntamente com a condição de produção e formação ideológica, vai constituir uma tríade básica nas formações teóricas da análise do discurso (BRANDÃO, 1997, p. 35).

As condições listadas acima estão presentes na escrita do jornalista cujo discurso é estudado por esta pesquisa. A formação discursiva de Borja Reis pode ser acessada em seus textos por meio das citações, que constituem a heterogeneidade mostrada marcada. As condições de produção levam em conta o histórico de elaboração do jornal, o lugar físico e o

lugar temporal que marcam a produção dos sentidos no jornal *O Progresso*. Completando a tríade, a formação ideológica, que só podemos acessar por meio da heterogeneidade marcada – mostrada e não mostrada. Esta tríade nos parece uma espiral que sempre retorna ao texto analisado; por mais que se tenha consciência de que a escrita não se constituiu em si mesma, como pesquisadores, olhamos para "fora" do texto, mas estas condições externas nos conduzem novamente para "dentro" do texto.

4 OBRIGADO MEU POVO...



Figura 10: Texto publicado no dia 30 de Julho de 1914.

Obrigado, meu povo...

Uma vez assisti a uma representação de um circo de cavallinhos relissimo e boçalissimo onde havia o palhaço e a chalaça, mas a chalaça alvar, mas o riso estúpido. Era elle por si mesmo ridiculo. Ninguem ria da graça, ria-se do palhaço. Mas, ao fim, o publico, farto de rir da sua cretinice fez-lhe uma estrondosa ovação, e o typo, réles, do tablado, agradecia, commovido: - obrigado meu povo! obrigado meu povo! Feriu-me como uma lança o embargo daquella voz a suffocação daquelle sentimento, o rictus tremulo daquella bocca, o marejar daquelles olhos. Como elle era sincero! Suppunha que tudo aquillo era para elle, e, agradecia, o miserando.

Eu, também, palhaço da Comedia Humana, dou um pincho para a columna de honra e digo, sincera, lealmente: - obrigado, meu povo!

Porem, digo-o em nome dos milhares de leitores do 'Diario dos Campos'e dos duzentos e tantos espiritos que aqui trabalham, redactoriando, collaborando, correspondendo, telegraphando e noticiando.

Porque, a mim, me toca a parte minima de regente da orchestra.

Exemplo: o violino do Flavio, a flauta do Santos, a eythara do Alcidio, o rabecão do Jacob e os pratos do Trindade funcionaram hontem admiravelmente e eu não fui ouvido e cheirado. O maestro, porem, encasacado, vem á ribalta, dizer: Obrigado meu povo! Obrigado meu povo!

Quando um exercito ganha uma batalha o general é que diz obrigado meu povo, e assim por diante.

(Neste ponto houve apartes do povo que estava presente).

Elles não concordaram com a figura do palhaço.

Palhaço é o jornalista.

Como na ópera de Leoncavallo elle ri para o publico, muitas vezes ferido no coração...

Não tem tempo para uma coisa prosaica, ficar doente, por exemplo. Mesmo com uma furiosa dor de cabeça é preciso ser espirituoso depois de vir do enterro de algum amigo.

Ao mesmo tempo dá parabéns e pezames, numa promiscuidade horrivel, que assassina a alma e embota o ser.

(Fecha o parenthesis).

Chegou o Santo agora mesmo e fez discurso, e pois, a Trindade, o Diabo, e o gerente honorario não deixam acabar o 'Obrigado, meu povo!'

Mais uma vez:

Obrigado, meu povo.

Hugo dos Reis (REIS, 1914)

O texto acima é uma resposta de Borja Reis a uma homenagem, que recebera no dia anterior, de vários colegas de redação. Reproduzimos abaixo três dos textos, publicados dia 29 de julho de 1914:

Figura 11: Texto publicado dia 29 de Julho de 1914.

Hugo dos Reis

A historia, essa estatua fria que vae colhendo factos, e enfeixando-os, para os pósteros, tem rasgos de grandeza, e de heroi cidade. Ella nos dá arrimo, e aos gênios apresenta se lhe como um mundo luminoso de esperanças.

A vida do jornalista, do literato, do poeta, do escritor, é toda cheia de amarguras, e de horas negras de revolta. Ás vezes, parte do jornalista honesto, uma revolta, uma ancia, um pavôr, por que elle é o guarda fiel dos interesses de uma collectividade inteira, e o seu zelo *in extremis* não póde deixar em silencio criminoso, o esmagamento da justiça, a sufocação dos mais caros ideaes, a que se deviam cingir os potentados e os poderosos.

Doloroso contraste! Do seu trabalho insano, da sua luta, do seu amor á felicidade dos outros, a um pedaço de uma pátria, resulta, em certas occasiões, o desprezo da opiniao publica.

Em troca do seu dever cumprido, não lhe deram applausos, nem flores, mas, simplesmente, uma taça de fel e desconforto, que se lhe leva aos labios. Então, o seu espirito, lançado ao terreno arido da descrença, vae procurar conforto na propria fraqueza da humanidade. Comprehende que a eterna miséria dos homens, nunca mirando senão os proprios e mesquinhos interesses, não deixa o profano ascender ás regiões elevadas, onde só pairam, e só se compreendem as almas dos artistas, daqueles que procuram a vida num trecho emocionante da natureza.

O jornalista tem um minuto de alegria e um dia inteiro de tristeza. Mas, o pulso de ferro e a vontade heroica não descançam nunca. São dois elementos que se não separam, que se não scindem, porque elle vive com o povo, e com o povo ha de morrer...

Quando a sua pena é collocado em pról de uma causa, que se lhe asseguere justa, e a victoria venha ao seu encontro, não é elle que vae colher as palmas, nem os loiros, mas ainda assim, sente-se feliz, porque é dele tambem a felicidade dos outros.

A mediocridade apavorante que grassa em nossa pátria, procura empanar o brilho dos bons jornalistas, sem uma reflexão, sem uma analyse condemnando-os a todas, sem poder segurar o impeto da paixão selvagem...

A nossa literatura, não é mais um monopólio, de meia dúzia de indivíduos que se erguiam ao choque do elogio mutuo. Se isso é um facto, tambem é verdade que S. Paulo e Rio, abrigam em seu seio uns pallidos criticos, destruidores, que entendem tanto de literatura como o meu *engraxate* de sanskrito e de grego.

Os tempos mudam e uma nova era surge, mais promettedora, muito mais fecunda, porque só assim teremos algum dia uma literatura nacional.

Prestando esta homenagem ao illustre Hugo, eu lhe sei dizer que a historia severa sempre, já o coroou, já compilou a sua vida honrada de jornalista, para transmittir aos futuros homens desta terra, os quaes saberão elevar (quem sabe neste mesmo jornal) o nome do distincto moço, que tem atravessado os períodos mais dolorosos da vida pontagrossense.

Flavio C. Guimarães (GUIMARÃES, 1914)

A vol d'oiseau

Hoje é dia de festa cá por casa e não se admirem, portanto, com a pobreza destas linhas, porque a minha pobre mente não sabe enroupar ideias, quando o peito está alegre e a alma vibra.

Fui hontem encarregado de traçar, ligeiramente, a biographia do Hugo, o chefe querido do Diario, que hoje vae zangar-se com nós todos ao ver a sua figura de revoltado e bom honrando as columnas do jornal que elle fez viver e impoz em todo este vasto estado. É árdua a tarefa e não se dá bem com a minha índole, mais acostumada á destruição de velharias e immoralidades que ao elogio, ainda que de grandes vultos; mas um dever de amizade e admiração impõe-me o trabalho e não ha que fugir do compromisso.

Quando um vento terrivel de decadencia soprava sobre os paizes do velho mundo, surgiu na França, inspirado pelos versos arrebatados de Goethe e tradicionaes cantos de Schiller, a extraordinaria figura de Victor Hugo que veio abrir um caminho mais amplo para a victoria, que veio trazer seiva nova ao povo cançado e fraco.

Quando esta burguesa cidade, esta formosa Ponta Grossa, começava sentindo necessidade de progredir appareceu aqui, vindo da cidade luz, do Brazil, a minha querida S. Paulo, Hugo Reis, começando um trabalho árduo e difficil, cujos fructos nós ahi vemos bem claramente.

O Hugo da Notre Dame e dos Miseraveis foi para França o que este extremamente modesto Hugo do "Progreso" e do "Diario dos Campos" tem sido para Ponta Grossa.

Eu tive sempre a impressão, nascida do estudo da historia, que os grandes políticos que revolucionam paizes e marcam novos soteiros ao progresso dos povos, sao consequencias de revoluções intellectuaes que os homens de letras anteriormente produziram.

Lycurjo é um filho de Homero, como Bismark é de Goethe e Ficht, como Gambetta é de Victor Hugo, como Machado dos Santos é de Junqueiro, como as baionetas de Deodoro, são dos artigos de Patrocinio do verbo de Silva Jardim.

É por isso que Hugo pode arrogar se á paternidade dos progressos e melhoramentos da nossa urbs, embora a outros caibam as honrarias de os terem effectuados.

Não vimos fazer uma affirmação nova, o povo sabe quanto deve ao moço jornalista, sempre prompto a defendel-o pelas columnas do seu jornal ou descendo até á praça, como ainda ha pouco o vimos, cheio de revolta e energia.

Na época que atravessámos, em que a crise de caracteres corre parelha com a crise financeira, escrever a respeito dum homem que no meio da lama se tem conservado limpo, é mais que um dever, é uma obrigação patriotica.

Por isso, nós todos, desde o mais humilde garoto da typographia vimos hoje trazer um abraço ao querido Hugo.

Santos Júnior (SANTOS Jr., 1914)

Além das homenagens a Borja Reis, observamos as ideias correntes acerca do jornalismo e da imprensa na época. Uma profissão considerada difícil, mas com uma missão nobre: defender e promover a verdade. Por meio desses textos, entendemos também a admiração descrita pelos autores ao jornalista.

A semelhança entre as perspectivas diante do ofício de jornalista e poeta – entre Borja Reis e Victor Hugo – é uma percepção que vem desde aquele momento. Santos Júnior (1914) apontou as características que faziam com que Borja Reis fosse para Ponta Grossa o que o poeta foi para a França.

O Hugo da Notre Dame e dos Miseráveis foi para França o que este extremamente modesto Hugo do "Progresso" e do "Diário dos Campos" tem sido para Ponta Grossa (SANTOS Jr., 1914).

Segundo Santos Jr. (1914), seu colega jornalista poderia se considerar "pai dos progressos" de Ponta Grossa. Desta maneira, em sua homenagem, Santos Jr. (1914) lhe imputava as honrarias de ter contribuído para o desenvolvimento da cidade.

No texto objeto desta análise, Borja Reis comparou a sua profissão com a do palhaço, especialmente o personagem da ópera de Ruggiero Leoncavallo, denominada *Pagliacci*. Abaixo apresentamos a ária "Vesti la giubba pagliaccio" da ópera:

Recitar, mentre preso dal delírio!
Non so più quel che dico
E quel che faccio
Eppure... è d'uopo... sforzati
Bah! Sei tu forse un uomo?
Tu sei Pagliaccio!

Vesti la giubba
E la faccia infarina
La gente paga e ridere vuole qua
E sei Arlecchin,
T'invola Colombina.
Ridi, Pagliaccio, e ognun applaudirà

Tramuta in lazzi lo spasmo ed il pianto,
In una smorfia il singhiozzo e il dolore.

Ah! Ridi, Pagliaccio
Sul tuo amore infranto.
Ridi del dolore che t'avvelena il cuore (LEONCAVALLO, 1892).²²

²² Tradução do trecho da Ópera:
Recitar, enquanto preso ao delírio!
Não sei mais o que digo
E o que faço.

O enredo desta ópera é sobre um palhaço e a infidelidade de sua esposa. A história se passa na Calábria, na Itália, onde o circo se instala para apresentar seu espetáculo. O Palhaço acaba descobrindo as traições de sua companheira e, no fim da peça, acaba por assassiná-la.

O aspecto interessante dessa obra é que o personagem Palhaço mantém a sua função até o fim da peça. O público ri, no entanto, não sabe que interiormente ele sofre. Em um certo momento, o personagem não finge mais e discute com a esposa. Ele se sente humilhado e quer vingança.

Finalmente, enquanto o público ainda acredita que toda a discussão faz parte da apresentação, o Palhaço ataca a companheira infiel com uma faca.

O *ethos* discursivo foi construído de modo que o leitor tivesse a imagem de um maestro à frente de uma orquestra, na qual cada componente tem seu instrumento. Esta imagem seria facilmente elaborada pelos moradores da cidade de Ponta Grossa no início do século XX, pois havia muitas bandas na cidade e competições entre elas (HOLZMANN, 2004; BUCHOLDZ, 2007). O próprio fundador do periódico era maestro de uma dessas bandas, existente até os dias atuais, a *Banda Lira dos Campos*.

Contudo, depois esforçar-ti.
Ah! És tu um homem?
Tu és palhaço!

Veste a fantasia
E a face maquilada,
As pessoas pagam e aqui querem rir.
E tu és Arlequim,
Esqueça Colombina.
Ri, Palhaço, e cada um aplaudirá.

Transforma em lazer o espasmo e o choro,
Em careta o soluço e a dor.

Ah! Ri, palhaço
Do teu amor partido.
Ri da dor que te envenena o coração.

Fonte: < <http://interludico.blogspot.com.br/2015/03/aria-da-opera-palhacos-com-traducao.html> > Tradução não identificada.

O mesmo elemento, o *ethos* discursivo, pode ser observado quanto à utilização da figura do palhaço acoplada à figura do jornalista:

Palhaço é o jornalista.
 Como na ópera de Leoncavallo elle ri para o publico, muitas vezes ferido no coração...
 Não tem tempo para uma coisa prosaica, ficar doente, por exemplo. Mesmo com uma furiosa dor de cabeça é preciso ser espirituoso depois de vir do enterro de algum amigo.
 Ao mesmo tempo dá parabéns e pezames, numa promiscuidade horrivel, que assassina a alma e embota o ser (REIS, 1914).

Num parêntese colocado no texto – após já relembrar no início do artigo uma peça em que assistiu a um palhaço ser aplaudido pelo público, mas no seu julgamento, a plateia não riu pelas graças e sim pelo sofrimento e miserabilidade do palhaço – Borja Reis declara que "Palhaço é o jornalista", ou seja, que as mesmas condições que acometem a um, acometem ao outro. Não há tempo para ficar doente, por exemplo. (O motivo para o jornalista ter vindo para Ponta Grossa foi para tratamento de saúde.)

Discursivamente, Borja Reis elaborou não somente uma imagem de si, mas também um *ethos*. Este foi o caráter assumido pelo jornalista que foi homenageado justamente por seus colegas acreditarem em seu esforço, dedicação e abnegação.

Ao dar "parabéns" e "pezames", conforme Borja Reis, o jornalista não escolhe o que vai noticiar, apenas faz o seu trabalho. Como o palhaço que, mesmo estando triste, deve cumprir sua função e ainda assim agradecer ao público. Palhaço e jornalista servem ao povo²³, de acordo com o que podemos inferir do texto estudado.

Não temos acesso ao *ethos* discursivo que a população que lia o jornal construiu de Borja Reis, mas temos à imagem e ao caráter que seus colegas jornalistas elaboraram, e não está distante de como ele mesmo se descrevia.

Diante da comparação entre palhaço e jornalista presente nesse texto, é possível falar em heterogeneidade mostrada marcada e não marcada.

A heterogeneidade mostrada marcada é observada a partir da citação que Borja Reis faz da Ópera *Pagliacci*. É claro o intercâmbio de discursos sobre um certo tipo de herói, que se

²³ O conceito de "povo" é complexo e já foi discutido neste trabalho em momento anterior. Preferimos manter aqui a denominação que está presente no texto ora analisado.

doa diante de uma causa. O jornalista e o palhaço, nessa perspectiva, têm como causa subjugar-se pelo público, com o objetivo de proporcionar algo para a sua plateia. O palhaço entrega a sua arte: a comédia, que traz em si muitas críticas sociais, só que construídas para que as pessoas riam. O jornalista noticia fatos, e segundo Borja Reis, defende a verdade diante de seu público leitor.

Entretanto, no texto, observamos que o palhaço não consegue alcançar o seu objetivo primeiro, fazer com que as pessoas riam de suas piadas. A plateia ri do palhaço em si, fato que fez com que Borja Reis descrevesse a miserabilidade e ingenuidade do artista. Posteriormente, o jornalista se colocou na mesma situação:

Eu, também, palhaço da Comédia Humana, dou um pincho para a columna de honra e digo, sincera, lealmente: - obrigado, meu povo!

Porem, digo-o em nome dos milhares de leitores do 'Diario dos Campos'e dos duzentos e tantos espiritos que aqui trabalham, redactoriando, collaborando, correspondendo, telegraphando e noticiando (REIS, 1914).

Borja Reis escreveu que deu "um pincho", ou seja, fugiu para a coluna de honra e agradeceu, como um palhaço faria no palco. O jornalista comparou novamente o jornal com uma peça de teatro, no próximo texto a ser estudado.

Além da comparação supracitada, há a citação da "Comédia Humana", conjunto da obra romanesca de Honoré de Balzac. No prefácio, publicado em 1842, Balzac se propõe a fazer uma exposição dos costumes, do cotidiano da sociedade. O escritor compara o funcionamento da sociedade com a maneira com a qual a natureza se organiza. Posteriormente, Balzac explica quais seriam os fundamentos de sua obra:

Assim, pois, a obra a empreender devia ter uma tríplice forma: os homens, as mulheres e as coisas, isto é, as pessoas e a representação material que elas dão de seu pensamento, em resumo, o homem e a vida (BALZAC, 2012, p.82).

Esses fundamentos trazem à tona as nuances da heterogeneidade mostrada não marcada, e, em consequência o interdiscurso. Pois um jornalista faz relatos da vida diária, escreve sobre o cotidiano e, por fim, sobre a vida. Borja Reis, como jornalista, não escapa dessa descrição.

Seguindo nossa leitura do texto, observamos que em outro trecho, Balzac se descreve como sendo um pintor da sociedade. Poderíamos inferir que este também seria um papel da imprensa.

A lei do escritor, o que faz que ele o seja, o que, não temo dizê-lo, o torna igual ou talvez superior ao homem de Estado, é uma decisão qualquer sobre as coisas humanas, uma dedicação absoluta a princípios. (...) "Um escritor deve ter em moral e política opiniões definidas, deve considerar-se como um preceptor de homens; porquanto os homens não necessitam de mestres para duvidar", disse Bonald.²⁴ Cedo adotei como regra essas grandes palavras, que são a lei do escritor monárquico, tanto quanto a do escritor democrático. Por isso, quando me quiserem opor a mim mesmo, isto decorrerá por fazerem má interpretação de alguma ironia, ou, então, reverter contra mim as palavras de uma das minhas personagens, manobra costumeira dos caluniadores. Quanto ao sentido íntimo, à alma desta obra, eis os princípios que lhe servem de base (BALZAC, 2012, p.84).

Borja Reis demonstrava algumas características descritas nesse excerto, em sua escrita. Suas concepções sobre moral e política eram bem definidas e defendidas em seus artigos. Além do viés positivista característico de sua escrita, observamos que não foi de maneira fortuita que, em um texto de agradecimento, o jornalista se autodenominou como sendo "palhaço da Comédia Humana". A "comédia" é a vida. Cada personagem, cumprindo um papel específico e representando sua existência para a "movimentação da sociedade"(BALZAC, 2012).

A heterogeneidade mostrada não marcada pode ser discutida nesse texto por meio das representações que Borja Reis usa para construir o *ethos* discursivo. A representação e a construção de sua imagem como jornalista passa pela utilização da figura do maestro e, principalmente, do palhaço.

O palhaço é uma figura a que são atribuídos o humor, a diversão e o entretenimento. Entretanto, esse personagem também pode trazer a reflexão por meio do riso. Nessas características do palhaço, encontramos a contradição no discurso de Borja Reis. Pois um palhaço tanto pode proporcionar uma experiência de autocrítica ao público, quanto distraí-lo do que é realmente importante.

No texto específico dessa análise, o jornalista se coloca como alguém que veste uma fantasia – como o palhaço do trecho da Ópera – isso nos mostra que as representações nos textos de Borja Reis não são fruto das coincidências. Percebemos o uso da figura do palhaço para

²⁴ O visconde Louis-Gabriel Amboise de Bonald (1754 -1840) foi um dos defensores mais fervorosos das ideias monárquicas e católicas e um adversário combativo dos princípios da Revolução Francesa, assim como da filosofia sensualista.

expressar construtos imagéticos específicos para cada situação de escrita. Em vários de seus textos existem concepções características do papel da imprensa e do jornalista.

Depois de tratar da fantasia que o palhaço veste, a letra da ópera destaca que o público pagou para vê-lo. O mesmo público que paga para ver um espetáculo nos palcos ou picadeiros também poderia ser aquele que paga pelo jornal. Poderíamos entender que o jornal depende do que os leitores querem ver em suas páginas. Dificilmente, mesmo em um texto de agradecimento, Borja Reis não faria algum tipo de crítica.

Provavelmente, a fantasia poderia ser vestida e a maquiagem usada para atender ao público, não somente pela "verdade", mas também por motivos econômicos. A sustentação financeira do periódico era frágil, talvez esse fosse mais um motivo que o "palhaço da Comédia Humana" tinha para, interiormente, se entristecer como o personagem de Leoncavallo.

Por outro lado, Gedeon Spilett, o maestro de orquestra e o palhaço são figuras que estão sempre à frente das situações: um repórter intrépido e corajoso, um maestro que coordena uma orquestra e um palhaço, personagem principal de qualquer circo e da *Ópera Pagliacci*. A partir dessas figuras, Borja Reis constituiu sua própria imagem, o seu *ethos*.

Além dos personagens fictícios, Victor Hugo aparece em destaque como uma inspiração em seus textos, como já demonstrado anteriormente.

Considerando que o *ethos* discursivo é a construção de uma imagem, podemos interpretar que havia uma recorrente construção e reconstrução da imagem de Borja Reis no jornal e esse recurso era utilizado para aproximar o público, estabelecer uma autoridade ao enunciador e "maquiar" – como o palhaço – questões que não deveriam ou não poderiam vir à tona. Uma imagem pode tanto distrair, quanto pode "fantasiar" o que se quer comunicar através da linguagem. Nesse entremeio está o discurso.

Já o interdiscurso pode ser pensado, também, por meio de intercambialções discursivas: a heterogeneidade mostrada marcada e não marcada. A partir destas, conhecemos parte da formação discursiva de Borja Reis e temos acesso ao interdiscurso. Este por sua vez é um processo abstrato, sobre o qual conseguimos encontrar pistas nos textos.

As pistas nos mostram que Borja Reis tinha vasto conhecimento acerca da literatura e do pensamento político da época: Victor Hugo, Julio Verne, Positivismo, *Ópera Pagliacci*, e muitos outros elementos que circulavam discursivamente naquele momento. A sua formação discursiva congregava características que permitiam que o seu *ethos* fosse construído com fundamentos, assim a sua imagem era uma composição discursiva fruto do que estava presente no interdiscurso, ao qual ele teve acesso e pelo qual foi formado como sujeito.

5 A MESA DA REDAÇÃO

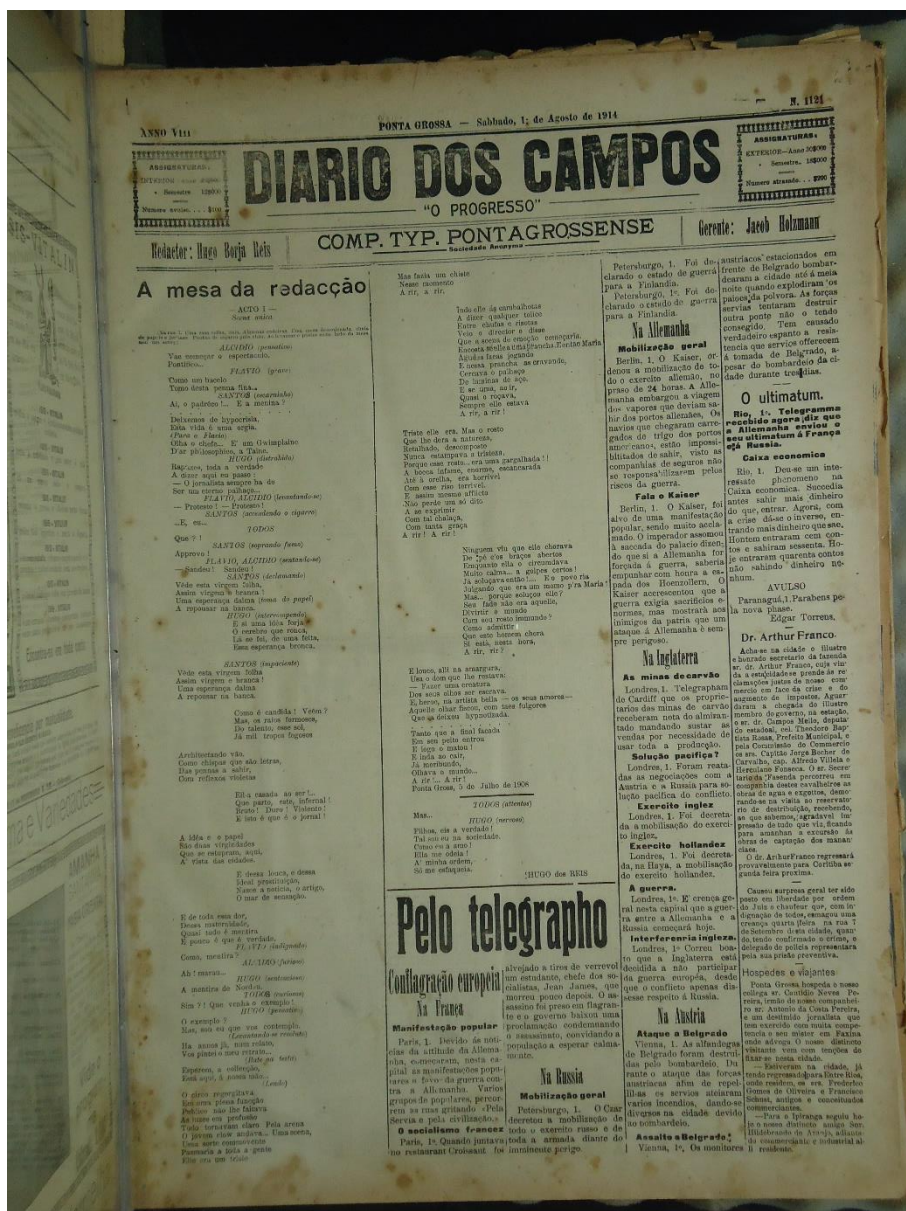


Figura 12: Texto publicado dia 01 de Agosto de 1914.

A mesa da redação

- Acto I –

Scena unica

(Na rua 7. Uma casa velha. Sala. Alguma cadeiras. Uma mesa desordenada cheia de papeis e jornaes. Pontas de cigarro pelo chão. Ao levantar o panno cada lado da mesa tem um actor.)

ALCIDIO (*pensativo*)

Vae começar o espetaculo.

Pontifico...

FLAVIO (*grave*)

Como um bacelo

Toma esta pena fina...

SANTOS (*escarninho*)

Ai, o padréco! E a menina?

.....

Deixemos de hypocrisia

Esta vida é uma orgia.

(*Para o Flavio*)

Olha para o chefe... É um Gwimplaine

D'ar philosophico, a Taine.

HUGO (*distrahido*)

Rapazes, toda a verdade

A dizer aqui eu passo:

- O jornalista sempre há de

Ser um eterno palhaço...

FLAVIO, ALCIDIO (*levantando-se*)

- Protesto! – Protesto!

SANTOS (*accendendo o cigarro*)

...E, eu...

TODOS

Que?!

SANTOS (*soprando fumo*)

Approvo!

FLAVIO, ALCIDIO (*sentando-se*)

- Sandeu! Sandeu!

SANTOS (*declamando*)

Vêde esta virgem folha,

Assim virgem e branca!

Uma esperança dalma (*toma do papel*)

A repousar na banca.

HUGO (*interrompendo*)

E si uma idéa forja

O cerebro que ronca

Lá se foi, de uma feita,

Essa esperança bronca.

SANTOS (*impaciente*)

Vêde esta virgem folha,

Assim virgem e branca!

Uma esperança dalma

A repousar na banca.

Como é cândida! Veêm?

Mas, os raios formosos

Do talento: esse sol,
Já mil tropos fogosos

Architetando vão.
Como chispas que são letras,
Das pennas a sahir,
Com reflexos violetas

Ei-la casada ao ser!...
Que parto, este, infernal!
Bruto! Duro! Violento!
E isto é que é o jornal!

A idéa e o papel
São duas virgindades
Que se estupram, aqui,
À vista das cidades.

E dessa louca,
E dessa ideal prostituição,
Nasce a notícia, o artigo,
O mar de sensação.

E de toda essa dor,
Dessa maternidade,
Quase tudo é mentira
E pouco é que é verdade.
FLAVIO (*indignado*)
Como, mentira?
ALCIDIO (*furioso*)
Ah!....marau...
HUGO (*sentencioso*)
A mentira de Nordau.
TODOS (*curiosos*)
Sim ?! Que venha o exemplo!
HUGO (*pensativo*)
O exemplo?
Mas, sou eu que vos contemplo.
(*Levantando-se resolutamente*)
Ha annos já, num relato,
Vos pintei o meu retrato...
(*Bate na testa*)
Esperem a collecção,
Está aqui, á nossa mão...
(*Lendo*)
O circo regorgitava
Em uma função
Publico não lhe faltava
As luzes em profusão
Tudo tornavam claro Pela arena
O jovem clow andava... Uma scena,
Uma sorte commevante
Pasmaria a toda a gente
Elle era um triste
Mas fazia um chiste
Nesse momento
A rir, a rir.

Indo ele ás cambalhotas

A dizer qualquer tolice
 Entre chufas e risotas
 Veio o diretor e disse
 Que a scena de emoção começaria.
 Encosta se ele a uma prancha. E então Maria
 Agudas facas jogando
 E nessa prancha as cravando,
 Cercava o palhaço,
 De laminas de aço.
 E se uma, ao ir,
 Quasi o roçava,
 Sempre elle estava
 A rir, a rir!

Triste elle era. Mas o rosto
 Que lhe dera natureza,
 Retalhado, descomposto
 Nunca estampava a tristeza.
 Porque esse rosto...era uma gargalhada!!
 A bocca infame, enorme, escancarada
 Até à orelha, era horrível
 Com esse riso terrível.
 E assim mesmo afflictio
 Não perde um só dito
 A se exprimir
 Com tal chalaça,
 Com tanta graça
 A rir ! A rir!

Ninguém que elle chorava
 De pé c'os braços abertos
 Emquanto ella o circumdava
 Muito calma...a golpes certos!
 Já soluçava então!... E o povo ria
 Julgando que era um momo p'ra Maria!
 Mas... por que soluçou elle ?
 Seu fado não era aquelle,
 Divirtir o mundo
 Com o seu rosto immundo?
 Como admitir
 Que este homem chora
 Si está, nesta hora,
 A rir, rir?

E louco, alli na amargura,
 Usa o dom que lhe restava:
 - Fazer uma creatura
 Dos seus olhos ser escrava.
 E, heroe, na artista bella – os seus amores –
 Aquelle olhar fiscou, com taes fulgores
 Que a deixou hypnotizada.

.....
 Tanto que a final facada
 Em seu peito entrou
 E logo o matou!
 E inda ao cair,
 Já moribundo,
 Olhava o mundo...
 A rir!... A rir!

Ponta Grossa, 5 de Julho de 1908

TODO (attentos)

Mas...

HUGO (*nervoso*)

Filhos, eis a verdade!

Tal sou eu na sociedade.

Como eu a amo!

Ella me odeia!

À minha ordem,

Só me esfaqueia.

HUGO dos REIS (REIS, 1914)

O texto escolhido para ser o último a ser analisado neste trabalho traz consigo diversas concepções, referências e elementos que demonstram a constância na retórica discursiva de Borja Reis.

A primeira característica a ser considerada leva em conta a habilidade de Borja Reis em mesclar vários gêneros discursivos. O texto ora estudado foi escrito em formato de uma peça de teatro. Cada personagem da peça era um colaborador do jornal. A redação, onde o periódico era escrito e formatado, foi transformada em um palco, no qual o espetáculo foi representado por Borja Reis, Flavio, Alcidio e Santos.

Um texto teatral permitiu que seu autor, Borja Reis, estivesse munido de diversas ferramentas que nos levam a refletir sobre a utilização dos diálogos para encenar o ambiente da redação.

De acordo com Ryngaert (1995, p.13), "o teatro é antes de tudo *diálogo*, ou seja, que nele a palavra do autor é mascarada e partilhada entre vários emissores. Essas palavras em ação assumidas pelos personagens constituem o essencial da ficção." A ficcionalização da imprensa nos parece relacionar-se à construção do *ethos* discursivo, não somente do jornalista, mas também do jornal.

O público assiste aos embates construídos no periódico, como um drama, que tem seu início, o ápice e o fim. Desta maneira entendemos que:

Na realidade, todo o jogo do diálogo é afetado pela presença de um interlocutor considerável, o público, ao qual é muito tentador atribuir um lugar fundamental de parceiro mudo para quem, em última instância (...) todos os discursos se dirigem (RYNGAERT, 1995, p.12).

Entendemos que se há a preocupação de se construir um texto teatral, existe alguém para quem os discursos são dirigidos: o público. Tanto o jornal quanto o teatro não subsistem sem a sua presença. Concomitante a isso, o público é a razão pela qual teatro e imprensa existem. Quando se representa, ficcionaliza-se para alguém. Não há razão para construir uma imagem discursiva sem ter quem a veja, julgue e receba. Ryngaert (1995) ainda acrescenta que:

A identificação, indispensável na catarse, enraíza-se na escrita e principia com a credibilidade da obra teatral. Nenhuma imperfeição da "imitação" deveria impedir o espectador de acreditar no que é representado diante dele (RYNGAERT, 1995, p.14).

Novamente podemos compreender que, por meio da teatralização de uma redação de jornal, Borja Reis construiu um *ethos* que serviria para a identificação do público. Tornar em ficção a narrativa de sua função como jornalista aproxima o leitor de seu leitor de mundo, como Victor Hugo que construiu o *ethos* do poeta, guia dos povos.

No início da peça temos a construção do espaço cênico, com a descrição do espaço e da disposição dos objetos comuns a uma redação de jornal. Logo após, Alcidio, pensativo, anuncia o início do espetáculo: "Vae começar o espetáculo. Pontifico..."(REIS, 1914).

Depois, Flavio, declara: " Como um bacelo.Toma esta pena fina..." (REIS, 1914). Bacelo, de acordo com o dicionário Priberam²⁵, de Língua Portuguesa, é uma vara de videira, utilizada para formar uma vinha nova. Ou seja, é uma espécie de muda, que gera uvas novas. No caso do jornal, notícias novas.

Santos, depois de declarar que "a vida é uma orgia" (REIS, 1914), aponta seu olhar para Flavio, e fala que o chefe, Borja Reis, é um Gwimplaine. Este personagem, denominado corretamente como Gwynplaine, é o protagonista do romance *L'homme qui rit*, de Victor Hugo. Foi publicado em 1869, sendo uma das últimas obras do romancista francês.

Conforme Silva (2010) essa obra se divide em três partes:

- Primeira parte: La mer et la nuit (O mar e a noite)
- Segunda parte: Par ordre du roi (Por ordem do rei)
- Conclusão

Gwynplaine, personagem principal do romance, quando criança, foi vendido a uma trupe de 'comprachicos', grupos que compravam crianças. Ele teve seu rosto deformado, de maneira que parecesse que sempre estava sorrindo. Ele tinha uma origem abastada, que só será

²⁵ Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/bacelo>> Acessado dia 17 de Jul. de 2017.

descoberta na idade adulta. A partir do momento em que foi sequestrado, passou a se apresentar com Dea – com quem tem um romance – e Ursus, que comanda a trupe.

No texto anterior, Borja Reis utilizou a figura do palhaço para representar a situação de alguém que ri por fora e sofre interiormente. Nesse texto, o jornalista se utiliza de uma figura mais dramática: Gwynplaine. Um personagem que sofre durante toda a trama e tem o riso como uma mutilação, fruto de uma violência.

Silva (2010) demonstra que:

Seu ricto funciona como máscara de contentamento que esconde a mais profunda tristeza. É um riso grotesco, já que é horrível e, por sua deformidade ser monstruosa, desperta temor, subversão e nojo. É também cômico, uma vez que despertava hilariedade; é irônico e denunciador por ser, na verdade, símbolo de uma cruel escravidão e do sofrimento popular (SILVA, 2010, p.17).

Supondo que Borja Reis tivesse conhecimento de como era o personagem criado por Victor Hugo, compreendemos que a questão subjacente aos textos estudados nessa pesquisa nos remete recorrentemente à representação e à teatralização da função de jornalista. Diferentemente do palhaço, Gwynplaine é um personagem que carrega não uma máscara ou usa maquiagem, mas traz consigo o riso como uma marca permanente em sua face. Mesmo que queira demonstrar qualquer tipo de sentimento diferente, a marca definitiva em sua pele é uma chaga. Sofrimento que somente teve alguma resolução com o suicídio do personagem.

Na frase seguinte, Santos afirma que Borja Reis tem um ar de filósofo, *à la* Taine. Um historiador, crítico literário e pensador francês, Hyppolite Taine²⁶ era um dos representantes do Positivismo no século XIX.

No início do texto, já observamos alguns elementos que fundamentam a formação discursiva de Borja Reis. A heterogeneidade marcada mostrada e não mostrada compõem o gênero discursivo escolhido e nas referências utilizadas: Victor Hugo, Hyppolite Taine, que representava a face determinista do Positivismo.

Nesse texto em específico, o jornalista expõe claramente a linha de pensamento à qual ele se filia. No momento em que Borja Reis se colocou como tendo um “ar filosófico à Taine”, a sua bandeira política está definida e declarada. Em vários momentos de sua escrita,

²⁶ Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893) foi um filósofo e historiador francês considerado positivista. O pensador francês realizou seus estudos no Museu e Academia de Medicina em Paris. Em sua tese de doutorado, fez análises sobre as fábulas de La Fontaine (1853), aplicou pela primeira vez as premissas de seu método crítico, que entende todo escritor por sua “faculdade mestra”, própria a cada artista, determinada por três fatores: o meio, o momento e a raça; ou seja, criador da teoria do Determinismo. Interessado pela possibilidade de se explicar as obras pelos fatos históricos e fisiológicos e explicar o indivíduo por sua época e seu meio (CARVALHO, 2011).

percebemos o Positivismo constituindo o seu discurso, entretanto sem nenhum sinal explícito. O Determinismo fazia parte de muitas de suas análises e, depois de ser colocado no texto como uma heterogeneidade mostrada marcada, compreendemos melhor as suas fundamentações.

Além disso, a partir da colocação da fala de outro personagem, o próprio jornalista construiu o seu *ethos* discursivo. O trabalho realizado nesse texto teatral é de que, mais do que Borja Reis se autodeclarar e construir discursivamente a sua imagem foi elaborada a partir da voz do outro, pelo menos no texto. Esse artifício pode conferir mais confiabilidade para a sua imagem.

Na sequência, Borja Reis repete a tese do texto "Obrigado meu povo", no qual o jornalista seria "eternamente um palhaço". No entanto, Flavio e Alcidio se levantam e protestam. Santos, ao contrário, aprova a designação que seu chefe fez. Depois disso, Flavio e Alcidio dizem "Sandeu!", que significa idiota ou pateta.

Nesse momento, Santos começa a declamar falando sobre a virgindade da folha de papel, enquanto está vazia. Borja Reis retoma a palavra e disserta sobre a ideia que está em um cérebro que ronca, ou seja, que dorme. Essa ideia não teria chance de ir para o papel, sem ela não haveria esperança.

Santos, impaciente – de acordo com a peça – trata da folha branca como tendo uma esperança a posar sobre ela. Porém, quando os raios de sol a tocam, ela deixa de ser cândida e passa a ter as letras a serem arquitetadas sobre ela.

Nesse momento acontece o casamento, a folha é atada ao ser. Assim nasce o jornal, de maneira "bruta, dura e violenta". Por isso, o texto trata a ideia e o papel como virgindades que se "estupram, às vistas da cidade".

No prosseguimento do texto, Borja Reis retoma a palavra e declara:

E de toda essa dor,
Dessa maternidade,
Quase tudo é mentira
E pouco é que é verdade (REIS, 1914).

O jornalista retoma para o leitor a questão da representação. O palhaço que serve ao público, agora também tem uma mutilação em seu rosto. A marca do riso não é somente uma maquiagem, mas também uma cicatriz. Essa imagem foi construída pelo enunciador como uma maneira de compor o *ethos* discursivo do jornalista, alguém que carrega marcas violentas e gera

também textos a partir do casamento abrupto entre o papel e a ideia. Nesse momento nasce o jornal e também o *ethos* do jornalista.

Apesar de defender a verdade em seus textos, Borja Reis declara que "quase tudo é mentira". Nesse texto, o jornalista aponta uma incoerência do jornalismo, a mentira seria a maior parte do que sai no papel por conta da necessidade de ser palhaço, de fingir e servir, escondendo atrás da cochia e, dentro de si, a verdade.

Na segunda parte do texto, Borja Reis fez uma descrição de Gwynplaine e um resumo de sua história. O riso era a marca mais dolorida que o personagem carregava. O jornalista explorou esta característica, mas não se colocou como um "moribundo".

HUGO (*nervoso*)
Filhos, eis a verdade!
Tal sou eu na sociedade.
Como eu a amo!
Ella me odeia!
Á minha ordem,
Só me esfaqueia (REIS, 1914).

Borja Reis se compara a Gwynplaine, porém, declara que, à ordem dele, a sociedade o esfaqueia. O jornalista, apesar de se colocar como sendo um palhaço, em todos os momentos está em posição de liderança em seus textos. Além de chefiar o jornal, por meio dos artigos estudados neste trabalho, observamos a sua colocação em posição de destaque, como um guia para os leitores e seus colegas de redação e subordinados.

Em certa altura do texto, Borja Reis cita Max Nordau, um filósofo austríaco que viveu entre 1849 e 1923, escreveu um livro denominado *As Mentiras Convencionais da Nossa Civilização* (1883). Nesta obra o autor disserta sobre as mentiras que considera prevalecerem na sociedade, entre elas: a mentira religiosa, a mentira monárquica e aristocrática, a mentira política, a mentira econômica, a mentira matrimonial, e, no que toca a essa pesquisa, as diversas mentirinhas.

No penúltimo capítulo de seu livro, Nordau elabora uma análise sobre a imprensa e a opinião pública. No início do texto, o filósofo discute a questão de o ser humano sempre se importar com a opinião alheia sobre suas atitudes. Segundo o autor, essa característica do homem advém da sua necessidade de viver em sociedade, argumentando também, que o homem não poderia ter evoluído sozinho, mas somente em comunidade. Por questões de sobrevivência então, o ser humano passa a ter que se preocupar com a opinião pública.

A opinião pública não é outra coisa senão a consciência da espécie, como a consciência não é mais do que a expressão da opinião pública do indivíduo. O instinto existente em todos da conservação da raça faz que a opinião pública, quando é abandonada a seu sentimento natural e não se vê obscurecida por preconceitos, em regra geral, só aprove os atos que favorecem direta ou indiretamente o bem da espécie, e reprove aqueles cujos resultados lhe causem danos mais ou menos imediatos (NORDAU, 1960, p. 249).

A partir deste raciocínio, Nordau discute o papel da imprensa na sociedade, como representante legitimada da opinião pública. Coloca no mesmo patamar de importância o desenvolvimento da imprensa com as descobertas científicas do século XIX.

Posteriormente, o filósofo demonstra de onde vem o poder da imprensa:

Não, não é o anúncio, nem as notícias, nem mesmo os artigos científicos, que transmitem à imprensa o poder que ela tem no Estado e a sua influência na civilização; é a sua tendência, o pensamento político ou filosófico que a dirige e que aparece mais ou menos distintamente não somente no artigo de fundo, mas também na escolha e disposição das novidades, no arranjo das notícias, na publicidade dos fatos ocorridos. (...) ela examina e censura os sucessos do dia, julga as ações, as palavras e mesmos os desígnios confessados ou não dos homens, ela estigmatiza ou louva estes, os anima ou os ameaça, os recomenda ao povo para que os venere e os imite; ou então os apresenta como objetos de horror e de desprezo; ela personifica a opinião pública, arroga-se direitos; exerce a faculdade de punir aplicando até na mais terrível forma: a proscrição e o aniquilamento moral; pretende, em uma palavra, representar a opinião pública (NORDAU, 1960, p.252) (grifo nosso).

O poder da imprensa adviria do seu sentido em estar e propagar algum discurso. Ela teria os meios de convencer e estabelecer leituras e releituras de acontecimentos, determinando por vezes os posicionamentos de políticos e da população.

Max Nordau explica em seu texto que a imprensa se impõe como opinião pública, nem sempre legítima. Entretanto, o poder que o jornalista passa a exercer pode ser comparado ao de um legislador (NORDAU, 1960, p.255), opinando e decidindo pelo Estado.

A maior parte das pessoas reconhece que a imprensa não é necessariamente a expressão da opinião pública, perante a qual sómente elas se curvam, mas que a imprensa é muitas vezes antes produto da ignorância, da leviandade, da malvadez, do apoucamento de espírito ou da imoralidade de um indivíduo; estas pessoas entretanto não deixam por covardia de compartilhar a mentira consistente de considerar a imprensa como órgão autorizado da opinião pública e de identificá-la mesmo completamente como ela (NORDAU, 1960, p.256).

A partir desse ponto, Nordau passa a defender a censura à imprensa, não como um instrumento que venha a calar a opinião pública, mas, do ponto de vista do filósofo, os jornais não a representariam verdadeiramente.

Com a citação desse filósofo, Borja Reis demonstra a criticidade com que ele próprio tratava a imprensa. Ao mesmo tempo, podemos entender que a teatralização da imprensa faria parte da sobrevivência da qual ele necessitava como jornalista na sociedade.

A heterogeneidade marcada mostrada e não mostrada que percebemos a partir dos teóricos citados e do gênero discursivo utilizado, nos fazem acreditar que o esforço de Borja Reis caminhava em construir um *ethos* discursivo que circulasse socialmente e permitisse que o leitor pudesse não somente compreender a imagem que o jornalista elaborava, mas se enxergasse nele, como em um espelho.

Partindo do pressuposto que a imprensa não representaria a opinião pública, entendemos que Borja Reis jornalista não representaria Hugo Mendes de Borja Reis sujeito. Essa conclusão parece óbvia para um trabalho que se utiliza da Análise do Discurso para análise de textos. Entretanto, existe algo que não é óbvio e, recorrentemente, percebemos em seus textos; parece sempre haver a necessidade de representar, de dizer e não dizer ao mesmo tempo. O que poderia e o que não poderia ser escrito em um jornal naquele momento em Ponta Grossa não poderemos saber com exatidão, contudo, existe a tentativa de fazer com que o público leitor se conscientize de alguma maneira disso.

A analogia entre imprensa e teatro nos leva a pensar sobre o que não seria representação, qual seria a essência por trás da imagem. Todavia, a linguagem, que elabora e é elaborada pelo discurso, nos permite ler os sentidos por meio das palavras. Lemos que Borja Reis não era ingênuo com relação ao papel da imprensa e à sua função como jornalista. Ele se colocava como o enunciador capaz de compreender o seu tempo e o seu lugar, e traduzir em seus artigos.

Talvez a imprensa não pudesse ser a representante efetiva da opinião pública porque isso acarretaria um preço. Apesar disso, esse mesmo jornalista afirmava defender a verdade em seu periódico. Qual verdade poderia ser representada no jornal e qual não deveria vir à tona são questões que estão nos entremeios de seu discurso. Representar seria uma maneira de dizer a verdade, essa seria a questão desse último texto analisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler *O Progresso* nos permitiu viajar a uma época que não vivemos e pouco conhecemos. Quando fomos à Casa da Memória e pudemos estudar jornais antigos, a nossa percepção de tempo e espaço se modificou. O tempo está datado naquele papel, entretanto, o que lá está escrito dialoga com o nosso tempo e nos permite ter outra noção da realidade, da história, do texto e do discurso.

Logo nossos questionamentos giraram em torno de várias perguntas:

Quem escreveu esse texto?

Por que o escreveu?

Por que o escreveu dessa maneira?

Por que tratou desses assuntos?

Por que nós não sabíamos da existência desse jornal?

Por que esse período da imprensa em Ponta Grossa foi quase apagado historicamente?

Após ler e tocar o tempo por meio daquele papel antigo, a pergunta principal surgiu: quem foi Borja Reis? Continuar a ler seus textos, um após o outro, nos leva a querer ler sempre mais um, como se a sua escrita nos levasse para aquele momento histórico e nos tornássemos íntimos daquele escritor. Essa foi a primeira impressão da leitura dos textos de Borja Reis.

Depois de tomar contato com a obra escrita, não há dúvidas da importância do jornalista Hugo Mendes de Borja Reis para a fundação da imprensa em Ponta Grossa. Estudando a história do jornalismo nos Campos Gerais, observamos que o estabelecimento de periódicos na região foi difícil e demorado. Borja Reis contribuiu de maneira única para que o jornal *O Progresso*, posteriormente *Diário dos Campos*, fosse o primeiro periódico a permanecer circulando em Ponta Grossa. A importância desse fato para a cidade foi essencial para o desenvolvimento social naquele momento.

Antes de tratar das considerações finais acerca da teoria utilizada, gostaríamos de destacar que, depois de estudar e analisar vários textos de Borja Reis, os tratamos, nessa pesquisa, como fazendo parte de sua obra. Otto Groth (2011) explica que:

Como um todo uniforme, o jornal é imaterial; ele não tem um correlato em uma unidade material, não fica em algum lugar no espaço, não pode ser percebido pelos sentidos e é, assim, “imaterial”. Ele só é apreensível por meio de cada número e exemplar, das ações tomadas para a sua produção e das organizações geradas para isto e assim por diante. Os números e os exemplares não são as suas “partes”, os “pedaços” dos quais ele é montado, mas sim suas “emanações”, manifestações e materializações da sua ideia, que se soltam ininterruptamente – “continuamente” – como unidades

independentes, enquanto ele próprio continua invisível. Da *sua unidade resulta a continuidade* de suas manifestações, ele próprio não tem "continuidade", não "coloca-se" adiante, mas é sempre o único, o mesmo, o que dura. Para aqueles que veem a "uniformidade do empreendimento" como "o correlato natural da periodicidade", que consideram a continuidade dada com a periodicidade, a relação se inverte: Eles não reconhecem o todo ativo-vivo como o básico, dizem por exemplo: "A peculiaridade da periodicidade estipula que a revista, *na totalidade das suas partes*, mostre o *seu caráter uniforme*". Mas o primeiro ponto do qual devemos partir, se quisermos compreender a sequência periódica dos números e exemplares do jornal (da revista), *é a ideia da obra, que é uma unidade como um todo* (GROTH, 2011, p.147, 148).

Postulamos que a escrita de Borja Reis forma um todo, assim como o jornal *O Progresso*. Os artigos do jornalista têm unidade temática e permitem que possamos analisar a sua obra sob diversos aspectos. Groth (2011) acrescenta que:

O espírito humano busca um plano uniforme formulado por ele próprio para realizar a sua obra em um formato individual, com um conteúdo individual, com um conteúdo individual, baseando-se em um "programa" individual. Nesta ideia geral da obra, *a periodicidade, como uma de suas características, já está incorporada*. A continuidade das publicações periódicas, portanto, não é "estipulada" pela periodicidade, mas sim pela unidade da obra. Todo o trabalho que o autor da obra abarca nela, todas as medidas que ele toma para isso, as organizações que ele gera para isso têm consequentemente como objetivo desde o começo a ideia do todo em um aparecer contínuo, periódico, e ele se submete a estas exigências (GROTH, 2011, p. 148).

Sem desconsiderar questões relacionadas à nossa análise, baseada na AD, gostaríamos de explicitar que Borja Reis foi um jornalista diferenciado, por meio dele a imprensa se solidificou em Ponta Grossa. Diferentemente de tentativas anteriores, o jornalista estudado nessa pesquisa tinha, além de grande habilidade com a escrita, engajamento. A obra de sua vida foi realizada na imprensa e sua escrita foi única naquele período em Ponta Grossa.

O jornal foi o veículo por meio do qual a conceitualização da imprensa foi estabelecida nos textos *Chronica*, *Pela sexta vez*, *Obrigado meu povo* e *Mesa da Redação*. Existem outros textos tratando da temática publicados, no entanto, os escritos escolhidos estabeleceram uma análise da imprensa e do papel do jornalista mais óbvia para o nosso trabalho.

Sob o aspecto da imprensa, por meio das ferramentas da Análise do Discurso de Linha Francesa, analisamos o *ethos* discursivo construído por Borja Reis, a heterogeneidade mostrada marcada e não marcada e o interdiscurso. Esses elementos expuseram a grande complexidade da escrita desse jornalista, a sua formação discursiva, os autores presentes em suas referências – Victor Hugo, Auguste Comte, entre outros.

O discurso de Borja Reis foi elaborado de maneira extremamente rica em termos de vozes discursivas, de experimentações e referenciais teóricos filosóficos e políticos. Podemos afirmar que uma das principais linhas que interligam os seus textos é a Filosofia Positivista. Em vários momentos percebemos na tessitura de sua escrita a voz do discurso positivista sendo colocada, muitas vezes claramente, outras sutilmente.

Outra influência importante observada nessa pesquisa foi Victor Hugo. O escritor francês é citado em muitos textos e seus ideais transparecem na elaboração escrita do jornalista.

Podemos perceber que o discurso de Borja Reis coaduna Positivismo e Romantismo – na concepção política e ideológica do termo. Além de serem correntes de pensamento que caracterizam o século XIX, elas introduzem um novo tipo de sociedade ao século XX. Por isso lemos estas influências na imprensa daquele momento.

O período histórico no qual *O Progresso* foi fundado – início do século XX – foi muito importante e agitado politicamente, como já tratado anteriormente. Borja Reis é fruto de todas as vozes discursivas que circulavam. Não obstante, pudemos observar em sua obra um esforço em construir a sua imagem associada a essas correntes de pensamento.

O *ethos* discursivo que foi desenhado pelo jornalista quer mostrar ao leitor um homem de imprensa, que tinha por missão expressar a sua voz e defender, a partir dela, a "verdade", o "povo", a "república", a "família", a "moral" e todos os valores concernentes ao Positivismo e ao que muitos também defendiam na época.

No entanto, dentro dos quatro textos analisados nessa pesquisa, compreendemos, também a partir do *ethos*, que o jornalista fiador dessa voz discursiva, tratava recorrentemente dos ônus da função de jornalista. Mascara e maquiar o interior desse indivíduo que se constituiu como uma voz guia para o povo, se tratava de algo imprescindível para a sobrevivência do jornalista e da própria imprensa.

No primeiro texto, *Chronica*, através do personagem Gedeon Spillet, Borja Reis construiu a imagem de um repórter corajoso e intrépido. Um tipo de herói que não mediria as consequências para buscar e divulgar a “verdade”. Já nos outros três textos, o *ethos* discursivo foi elaborado de maneira diferente.

Palhaço, máscara e teatro são palavras que nos remetem ao universo da ficcionalização. O jornalista destaca a necessidade de fingir ou de, apesar das dificuldades, cumprir a sua missão. Entretanto, ele não deixa claro por que o repórter precisaria fingir e quais as consequências se um jornalista não agisse dessa maneira.

Fizemos a análise a partir dos textos. Com base neles, observamos que Borja Reis não deixava de escrever muito do que queria, até de maneira assertiva. Mas a concepção acerca da imprensa que ele demonstrou em sua escrita nos permite acreditar que nem tudo poderia ser escrito em *O Progresso*.

Seus textos foram construídos a partir de uma linha de raciocínio que interpretamos da seguinte maneira: havia fundamentação filosófica, religiosa e política – Positivismo, Espiritismo e Romantismo. A partir disso, ele tratava de todos os assuntos, inclusive da imprensa.

Por meio das vozes trazidas para o texto, através da heterogeneidade mostrada marcada e não marcada, temos em conta que a tríade supracitada conduz as análises do jornalista Borja Reis e a construção de sua imagem. Todos estes elementos trabalhando conjuntamente nos permitem acessar parte do interdiscurso.

O movimento de aparecimento e desaparecimento das vozes discursivas latentes e subjacentes é o que revela o discurso que está presente no tempo e na história. O interdiscurso acontece quando uma voz anteriormente já utilizada reaparece e se “encaixa” em um novo momento, fazendo sentido em outro contexto.

O discurso apresentado emergiu em um jornal. Gostaríamos de finalizar refletindo sobre mais uma citação de Otto Groth (2011):

A "realidade", a efetividade de um jornal, de uma revista, não começa, portanto, com a impressão ou mesmo com a distribuição de cada número e exemplar publicado periodicamente – isto também contradiz a ligação da periodicidade com a continuidade da obra – mas sim assim que a ideia começa a "agir" no autor, quando alcança a sua "autonomia" com relação a ele. Da "ideia" faz-se uma "realidade imaterial". Agora o autor se dedica ao seu ofício, chama a atenção para a obra, esforça-se, "sacrifica-se" por ela. Ela desenvolve cada vez mais controle sobre ele, impõe toda a sua independência, por fim o abandona e sobrevive a ele. Certamente a ideia moldada de cada jornal só se torna realidade por meio das pessoas, só pode se manter e produzir efeitos em pessoas, que a conduzem, trabalham para ela, mas estão sempre submissas a ela, ela mantém sempre uma existência concreta, individual, leva uma vida própria, tem o seu próprio destino, pode ser comprada, vendida, herdada, desenvolvida, modificada, destruída, ela está sujeita a influências diretas e indiretas e também pode provocar efeitos e influenciar. A obra tem a sua própria organização, sua ordem, que deve garantir a realização de suas tarefas, há pessoas trabalhando continuamente para ela, que dividem as diversas funções necessárias, casas são construídas para ela, máquinas instaladas, estoques formados, meios de transporte e de comunicação organizados, medidas são formuladas para ela, regras seguidas, instruções dadas, nela se formam costumes e tradições de empresa, ela desenvolve um "estilo" próprio e cultiva uma tradição (GROTH, 2011, p. 149) (grifo nosso).

Se a obra de Borja Reis não tivesse sobrevivido a ele, não seria possível fazer este trabalho. Elencamos algumas informações acerca de sua biografia, no entanto, por meio de seus textos conhecemos um autor, suas ideias e contradições. As ideias que tomaram forma em sua escrita ainda sobrevivem de alguma maneira e o discurso se renova e se reconstrói.

Portanto, os textos de Borja Reis precisam ser mais e melhor estudados. Eles não pertencem somente ao início do século XX. Seus artigos são ressignificados por cada leitor, independentemente da época, pois o discurso continua construindo a história.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: elements pour une approche de l'autre dans le discours.** Revue de Linguistique: Paris, nº 26, p. 91-115, 1982.

AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BALZAC, H. **A Comédia Humana: estudo de costumes: cenas da vida privada.** Honoré de Balzac; orientações, introduções e notas de Paulo Rónai; tradução de Vidal de Oliveira. São Paulo, SP: Editora Globo, 2012.

BENDER, F. LAURITO, I. **Crônica: história, teoria e prática.** São Paulo, SP: Editora Scipione, 1993.

BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do Discurso.** 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

BUCHOLDZ, A. P. **Diário dos Campos: memórias de um jornal centenário.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

CANO, J. **O Fardo dos homens de letras: o “orbe literário” e a construção do império brasileiro.** Tese – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

CARELLI, M. **Culturas Cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil; tradução Nícia Adam Bonatti.** - Campinas, SP: Papirus, 1994.

CARONE, E. **A Segunda República (1930-1937)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1978. 452 p. ((Corpo e Alma do Brasil ; 37))

CARVALHO, R. J. Émile Zola e o naturalismo literário. **Revista Uruguáta – acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM**. Paraná: Maringá, maio/junho/julho/agosto de 2011, nº 24, p.105 – p.118, 2011.

CHAVES, N. B. **Do Centro Comercio ao Selo Social**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2006.

ENCICLOPÉDIE Larrousse. Disponível em
<http://www.larousse.fr/encyclopedia/personnage/Arthur_James_1_er_comte_Balfour/107264> Acesso em: 10 jan. 2017.

ENCICLOPÉDIE Larrousse. Disponível em
<http://www.larousse.fr/encyclopedia/personnage/Joseph_Chamberlain/112564> Acesso em: 10 jan. 2017.

GOIRIS, F. A. J. **Estado e Política: A história de Ponta Grossa – Paraná**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2013.

GONÇALVES, M. A. C. PINTO, E. A, **Ponta Grossa – Um século de vida**. Ponta Grossa: Kugler Artes Gráficas Ltda.,1983.

GROTH O. **O poder Cultural Desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais**; tradução de Liriam Sponholz. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. – (Coleção de Clássicos da Comunicação Social)

GUIMARÃES, F. C. **Jornal O Progresso / Diário dos Campos**. Ponta Grossa, 1907-1990, 1999.

HOLZMANN, E. **Cinco Histórias convergentes**. 2.ed.rev.: Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004.

HUGO, V. **Les Rayons et les Ombres**. Disponível em <
[http://www.bouquineux.com/index.php?telecharger=675&Hugo](http://www.bouquineux.com/index.php?telecharger=675&Hugo_Les_Rayons_et_les_Ombres)
 Les_Rayons_et_les_Ombres> Acesso em 07jul.2017.

LEONCAVALLO, R. **Pagliacci**. Disponível em:
 <<http://interludico.blogspot.com.br/2015/03/aria-da-opera-palhacos-com-traducao.html>>
 Acesso em 30 Jun. 2017.

LUSTOSA, I. **O Nascimento da Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MAIA, F. M. H. **Os trabalhadores da primeira hora: um olhar sobre os cem anos de Espiritismo nos Campos Gerais**. Curitiba: Federação Espírita do Paraná, 2011.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Tradução: Sírio Possenti. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Tradução: Freda Indursky, revisão dos originais da tradução Solange Maria Leda Gallo, Maria da Glória Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.

_____. **Cenas da Enunciação**; organização Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, A. LUCA, T. R. de. (organizadoras) **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

NORDAU, M. **As Mentiras Convencionais da Nossa Civilização**. Tradução e revisão: Joaquim de Araújo. 4ª ed. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora S.A., 1960.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª Edição, São Paulo: Pontes Editoras Campinas, 2015.

POCAI FILHO, R. L. **Nos bastidores do proletariado: trabalho, cotidiano e lazer. A experiência dos trabalhadores princesinos durante a República Velha (1889-1930)**. Curitiba: Progressiva, 2011.

REIS, H. M. de B. **Jornal O Progresso / Diário dos Campos**. Ponta Grossa, 1907-1990, 1999.

RIBEIRO JR, J. **O que é Positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos; 72)

RYNGAERT, J.P. **Introdução à análise do Teatro**. Tradução: Paulo Neves; revisão de tradução: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTOS, Jr. **Jornal O Progresso / Diário dos Campos**. Ponta Grossa, 1907-1990, 1999.

SIMARD-HOUDE, M. **Le Reporteur, médiateur, écrivain et héros: um répertoire culturel (1870-1939)**. Tese. Université Laval, Québec-Canada e Université Paul-Valéry (Montpellier III), Montpellier-France, 2015.

SILVA, D.B.; BARRETO, J. R. F. . **O riso da construção literária do romance L' Homme qui rit, de Victor Hugo**. In: XVIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2009. XVIII Seminário de Iniciação Científica, 2009.

SOARES, M. P. **O Positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte**. Porto Alegre: AGE Editora da Universidade, 1998.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª ed. (atualizada), Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

WINOCK, M. **Victor Hugo na Arena Política**. Rio de Janeiro: Difel, 2008.